

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO**

CARLOS ROBERTO SCHEIBEL

**PRÁTICAS, TÉCNICAS E GEOSSÍMBOLOS DA CULTURA DA PESCA
VERNACULAR NA PAISAGEM FLUVIAL DO PITANGUI-JOTUVA — REGIÃO
DOS CAMPOS GERAIS (PR)**



**PONTA GROSSA
2013**

CARLOS ROBERTO SCHEIBEL

**PRÁTICAS, TÉCNICAS E GEOSSÍMBOLOS DA CULTURA DA PESCA
VERNACULAR NA PAISAGEM FLUVIAL DO PITANGUI-JOTUVA — REGIÃO
DOS CAMPOS GERAIS (PR)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Mestrado em Gestão do Território da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientação: Prof. Dr. Nicolas Floriani

**PONTA GROSSA
2013**

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor Tratamento da Informação Bicen/UEPG

S318 Scheibel, Carlos Roberto
 Práticas, técnicas e geossímbolos da cultura da pesca vernacular na
 paisagem fluvial do Pitangui-Jotuva - Região dos Campos Gerais (PR) / Carlos
 Roberto Scheibel. Ponta Grossa, 2013.
 120f.

 Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual de Ponta
 Grossa.
 Orientador: Prof. Dr. Nicolas Floriani.

 1. Geossímbolos. 2. Práticas de pesca 3. Acampamentos. 4. Ranchos.
 5. Paisagem fluvial. I. Floriani, Nicolas. II. Universidade Estadual de Ponta
 Grossa. Mestrado em Geografia. III. T.

CDD: 910.021

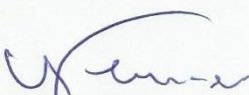
TERMO DE APROVAÇÃO

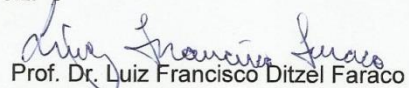
Carlos Roberto Scheibel

“PRÁTICAS, TÉCNICAS E GEOSSIMBOLOS DA PESCA VERNACULAR NA PAISAGEM FLUVIAL DO PITANGUI – JOTÚVA, REGIÃO DOS CAMPOS GERAIS-PR”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:


Prof. Dr. Nicolas Floriani
UEPG


Prof. Dr. Luiz Francisco Ditzel Faraco
ICMBIO


Profª. Drª. Marquiana de Freitas Vilas Boas Gomes
UNICENTRO

Ponta Grossa, 20 de março 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela vida, pela proteção e por guiar os meus passos, desde a seleção até a conclusão deste trabalho.

À minha mãe, Cemira, pelo amor, carinho, incentivo, pelos conselhos e ensinamentos, pela orientação e educação que recebi durante minha vida.

Ao meu pai, Roberto Paulo, de saudosa memória, com a certeza de que seu filho lutará e conseguirá ser um doutor, ainda que não em medicina.

À esposa e companheira Wilmary, pela compreensão e carinho, e aos pequenos netos Lorrán Léo e Iury Roberto, motivos que me fazem lutar e prosseguir na busca dos objetivos traçados há muito tempo e só agora retomados.

Ao meu orientador, professor Dr. Nicolas Floriani, pela orientação, pela amizade, pelos conselhos e pelos exemplos de ética, respeito, dedicação e profissionalismo.

Aos professores Dr.^a Cicilian L. L. Sahr e Dr. Luís F. D. Faraco, pelas críticas e sugestões que ajudaram a ajustar o caminho de pesquisa e a estruturação desta dissertação.

Aos professores Dr. Luís F. D. Faraco e Dr.^a Marquiana F. V. B. Marques pela participação na banca de defesa e pelas críticas e sugestões que auxiliaram na reescrita da versão final deste trabalho.

A todos os pescadores que se dispuseram a fornecer informações para a elaboração desta pesquisa. Pescadores esses quase sempre relegados ao esquecimento nas pesquisas, mas que fazem parte da história regional e que são detentores dos muitos conhecimentos da pesca de lazer.

A todos os que, direta e indiretamente, contribuíram para a elaboração deste trabalho o meu sincero agradecimento.

RESUMO

O presente trabalho visa entender a relação entre os pescadores de lazer e a paisagem fluvial do rio Pitangui, especificamente no curso superior do rio Pitangui e de seu primeiro afluente da margem direita, o rio Jotuva. O estudo da pesca vernacular, pelo viés da abordagem etnográfico-geográfica, incluiu necessariamente a participação do autor da pesquisa enquanto sujeito-observador, o que lhe possibilitou estabelecer vínculos com o território da pesca e com os moradores, permitindo decodificar a relação dos pescadores amadores com a paisagem fluvial. Os produtos da relação entre pescadores e seu território de pesca — sintetizados nos geossímbolos da pesca vernacular — materializados em artefatos, itinerários técnicos, arquitetura dos ‘ranchos’ e dos acampamentos, além dos carreiros que ligam os pontos de pesca entre si. Ademais do inventário da diversidade de práticas da pesca vernacular, o estudo visou compreender o corpo de conhecimentos sobre os locais propícios à pesca, bem como o sistema de classificação da ictiofauna local. O estudo da caracterização dos geossímbolos e dos saberes da pesca vernacular apontou para a particularidade dessa prática sociocultural, cuja reprodução depende, exclusivamente, do resgate da memória dos moradores que possuem um estreito vínculo de pertencimento com o território da pesca, sendo atualmente ameaçado com a implantação definitiva do Parque Nacional dos Campos Gerais, bem como outros processos de ordem socioeconômica que atingem o meio rural.

Palavras chaves: geossímbolos, práticas de pesca, acampamentos, ranchos, paisagem fluvial.

ABSTRACT

This study aims to understand the relationship between anglers and Pitangui River landscape, specifically on its upper part and its right bank tributary, i.e., Jotuva River. The study of vernacular fishing through geographic-ethnographic approach necessarily included the author's participation as an observing-figure, which enabled him to establish bonds with the territory and go fishing along with the locals, being then able to understand the relationship between the anglers and the river landscape. The products of that relationship - synthesized vernacular fishing into geographical symbols - materialized in artifacts, technical itineraries, architecture of ranches, camp sites and fishing', as well as the paths connecting fishing spots. Besides reporting the diversity of vernacular fishing practice, the study examines the knowledge body on generative fishing areas, as well as the classification system of local ichthyofauna. The study of geosymbol characterization and knowledge of vernacular fishing pointed to the peculiarity of this sociocultural practice which depends exclusively on rescuing the residents' memory who have a close connection with the fishing territory, currently threatened by the National Park of Campos Gerais establishment, as well as other socioeconomic processes that have stricken those rural areas.

Keywords: geosymbols, fishing practices, camps, ranches, river landscape.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 —	Categorias da pesca e suas características gerais.....	26
TABELA 2 —	Metodologia aplicada a cada objetivo proposto.....	53
TABELA 3 —	Indicação das coordenadas geográficas e da altitude dos locais de acampamentos.....	58
TABELA 4 —	Perfil socioeconômico dos pescadores de origem urbana.....	82
TABELA 5 —	Perfil socioeconômico dos pescadores de residentes locais....	83
TABELA 6 —	Conhecimentos e saberes da lazer.....	89

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 —	Bacia do Rio Pitangui na área de pesquisa.....	33
FIGURA 2 —	Mapa de localização dos pontos de pesca.....	59
FIGURA 3 —	Rancho de pesca permanente (I).....	61
FIGURA 4 —	Perfil transversal de área de rancho de pesca permanente (I)...	62
FIGURA 5 —	Rancho de pesca permanente (II).....	64
FIGURA 6 —	Perfil transversal de área de rancho de pesca permanente (II)..	65
FIGURA 7 —	Rancho de pesca temporário.....	66
FIGURA 8 —	Perfil longitudinal de rancho de pesca temporário.....	67
FIGURA 9 —	Acampamento de veraneio.....	69
FIGURA 10 —	Desenroscadores de anzóis.....	70
FIGURA 11 —	Lampiões e lanternas de lata.....	71
FIGURA 12 —	Suportes de varas em forquilhas.....	72
FIGURA 13 —	Fumagueiros com estopa para queima de óleo Diesel.....	73
FIGURA 14 —	Bancos de madeira.....	73
FIGURA 15 —	Mesas de madeira.....	74
FIGURA 16 —	Pinguelas.....	74
FIGURA 17 —	Aspectos dos carreiros nas margens do rio.....	75
FIGURA 18 —	Recipientes para acondicionar iscas.....	76
FIGURA 19 —	Fogueiras e churrasqueiras.....	77
FIGURA 20 —	Varas de pesca e suportes de parede.....	79
FIGURA 21 —	Tarimba de madeira.....	80

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 —	Faixas de idade dos grupos de pescadores.....	84
GRÁFICO 2 —	Nível de escolaridade dos grupos de pescadores.....	84
GRÁFICO 3 —	Renda média mensal por grupos de pescadores.....	85
GRÁFICO 4 —	Tempo de pesca no RPRJ.....	85
GRÁFICO 5 —	Percepção do que “é um rio bom de pesca”.....	87

LISTA DE SIGLAS

CEL	Conhecimento Ecológico Local
CONADESPE	Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pesca
EMBRATUR	Empresa Brasileira de Turismo
FOM	Floresta Ombrófila Mista
FOMA	Floresta Ombrófila Mista Aluvial
GPS	Sistema de Posicionamento Global por Satélites (GeoPosition System)
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
ICOMOS	International Council on Monuments and Sites
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MPA	Ministério da Pesca e Aquicultura
NOTIBRAS	Agência Nacional de Notícias
PEBD	Polietileno de Baixa Densidade
PNCG	Parque Nacional dos Campos Gerais
RGP	Registro Geral da Atividade Pesqueira
RP-RJ	Rio Pitangui – Rio Jotuva
SBCS	Sistema Brasileiro de Classificação de Solos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 — O PESCADOR, A PESCA E A PESQUISA – HISTÓRIAS DE VIDA DE UM PESCADOR PESQUISADOR E AS QUESTÕES DE PESQUISA	14
1.1 PROBLEMÁTICA GERAL	21
1.1.1 Os diferentes tipos de pesca: amadora, artesanal e profissional	21
1.1.2 A relação entre pesca e a ação dos sujeitos da pesca: o legal e o proibido – ações percebidas e subentendidas	29
1.1.2.1 A criação do Parque Nacional dos Campos Gerais e os conflitos da pesca	30
1.1.2.2 Os locais da pesca na paisagem fluvial do RP-RJ	32
1.1.2.3 A problemática de pesquisa na análise da paisagem fluvial do RP-RJ e a existência de um Conhecimento Ecológico Local	36
 CAPÍTULO 2 — QUESTÕES E OBJETIVOS DE PESQUISA	 42
2.1 OBJETIVO GERAL	42
2.1.1 Objetivos Específicos e Operacionais	43
 CAPÍTULO 3 — O MODELO DE ANÁLISE E A SUA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	 44
3.1 CONCEITUAÇÃO DE PAISAGEM FLUVIAL	44
3.2 CONCEITUAÇÃO DE LUGAR E PERCEPÇÃO	46
3.3 CONCEITUAÇÃO DE GEOSSÍMBOLOS DA PESCA DE LAZER	49
3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
3.4.1 Justificativa e descrição dos métodos de pesquisa utilizados	51
3.4.2 Levantamento fotográfico dos apetrechos de pesca e dos ranchos de pesca	53
3.4.3 Aplicação das pranchas de peixes para a percepção e relação dos conhecimentos e saberes da pesca amadora	54
 CAPÍTULO 4 — RESULTADOS E DISCUSSÕES	 56
4.1 RANCHOS DA PESCA AMADORA	56
4.1.1 Ranchos de pesca permanentes	60
4.1.2 Ranchos de pesca temporários	65
4.1.3 Ranchos de pesca ou acampamentos de veraneio	68
4.2 ARTEFATOS, GEOSSÍMBOLOS E AS PRÁTICAS DA PESCA NA ÁREA DE PESQUISA	69
4.3 O PERFIL SOCIOECONÔMICO EM RELAÇÃO À ORIGEM DOS PESCADORES QUE FREQUENTAM O RP-RJ	81
4.4 O SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO VERNACULAR DA ICTIOFAUNA E DOS AMBIENTES PROPÍCIOS À PESCA	87
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 94

REFERÊNCIAS	96
APÊNDICES	101
ANEXOS	121

INTRODUÇÃO

No atual cenário de degradação e descaracterização das paisagens fluviais faz-se necessário um estudo mais aprofundado das causas e possíveis consequências do processo antrópico como forma de conservar e utilizar os ecossistemas fluviais, levando, para tanto, à necessidade de compreensão da dinâmica da ação humana na configuração das paisagens ribeirinhas.

A relação usuários e pescadores nas paisagens fluviais — a barranca do rio, particularmente — foi até agora pouco abordada/estudada. Não existem trabalhos mais detalhados sobre essa relação entre o pescador amador e rio pelo viés da nova Geografia Cultural, centrada nos estudos da paisagem enquanto espaço vivido, permitindo colocar no centro do estudo a relação homem-natureza.

Por outro lado, no estudo da relação sociedade-natureza, especificamente paisagem fluvial e grupos sociais, a dimensão natural também se faz importante, saber quais são as particularidades do ecossistema natural que influenciam as formas de uso e apropriação deste ambiente por determinado grupo. Neste sentido, estudar a prática da pesca envolve o estudo das dimensões culturais (as práticas e os saberes compartilhados e reproduzidos por determinado grupo), mas, também, o estudo da paisagem enquanto ecossistema e seus componentes.

Partindo dessa premissa a temática de pesquisa os objetivos foram embasados em compreender quais são as matrizes (cognitivas individuais e coletivas), as marcas (símbolos) na paisagem fluvial do Rio Pitangui e do Rio Jotuva (RP-RJ), e como estas se configuram na espacialização das práticas da pesca de lazer. Também, como e de que forma se organizam as relações de sociabilidade entre pescadores e usuários da paisagem, incluindo as trocas de conhecimentos sobre a pesca e sobre o espaço apropriado por este grupo de pescadores às barrancas do RP-RJ e a sua representação através do que se denomina como geossímbolos.

A partir de um contexto inicial, em que as práticas e conhecimentos do pesquisador são contextualizados ao trabalho da pesquisa, a dissertação foi estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, como introdução ao tema, apresentou-se uma retrospectiva das lembranças que estruturaram as práticas da pesca amadora compartilhada e reproduzida pelo autor deste trabalho. O intuito dessa recomposição de fatos e lembranças é, portanto, evidenciar a existência de

um corpo de conhecimentos dos pescadores amadores e de como se dá a socialização desses saberes na própria barranca do rio, quer seja pela prática da pesca, quer seja pela produção/reprodução de geossímbolos.

Ainda no capítulo 1, tratou-se de investigar as percepções de pescadores locais e pescadores urbanos: percepções diferenciadas da barranca do rio; os locais da pesca e os conflitos da pesca de lazer na paisagem fluvial do Rio Pitangui; destaque é dado à etapa do estudo sobre o Conhecimento Ecológico Local (CEL) e a pesca como atividade de lazer. Essa etapa exigiu uma aproximação do investigador ao universo pesquisado. A observação permitiu evidenciar as formas de relação dos usuários com a paisagem fluvial, destacando as relações afetivas e de pertencimento com os lugares da pesca, cristalizadas nos geossímbolos, capazes de traduzir os rituais, os itinerários, os artefatos que compõem um sistema de símbolos que são capazes de ligar um grupo ao seu espaço.

O segundo capítulo apresenta a questão da pesquisa e os objetivos propostos.

No terceiro capítulo, sobre o modelo de análise e a sua fundamentação teórica, tem-se algumas discussões conceituais sobre paisagem fluvial, lugar, percepção e geossímbolos. Defendemos neste trabalho o conceito de geossímbolos de Joel Bonnemaïson e de Saberes Vernaculares, amparado em Paul Claval entre outros.

Finalmente, o quarto capítulo detalha os resultados da pesquisa com o registro fotográfico dos geossímbolos, acampamentos e ranchos de pesca; a análise e comparação dos perfis dos usuários da paisagem fluvial; e os resultados da aplicação das pranchas de imagens e de um questionário que buscam evidenciar os conhecimentos e saberes locais sobre a paisagem e sobre a taxionomia dos peixes existentes.

CAPÍTULO 1

O PESCADOR, A PESCA E A PESQUISA – HISTÓRIA DE VIDA DE UM PESCADOR-PESQUISADOR E AS QUESTÕES DE PESQUISA

O sentido do que somos depende das histórias que contamos a nós mesmos (...), das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o **autor**, o **narrador** e o **personagem principal**.

(Jorge Larrosa)

A estruturação desta dissertação parte da vivência do pesquisador com uma retrospectiva de experiências e de fatos relacionados à pesca enquanto atividade de lazer. Assim, ao elaborar a narrativa de vida relacionada à pesca enquanto atividade de lazer e também como uma filosofia de vida, muitas são as lembranças e fatos vivenciados na construção da personalidade de um pescador inquieto na busca dos muitos segredos de pesca.

As lembranças da primeira pescaria remontam há 40 anos, reminiscências das dificuldades de se colocar a isca no anzol — a multiutilitária minhoca —, de saber quando o peixe mordeu o anzol e de dar a fígada certa. Lembranças já amareladas pelo filtro da vida e quase esvanecidas pelo tempo, mas, que ainda trazem aquele gostinho doce da primeira experiência. Da primeira vez que se vai pescar com o pai — o herói da infância — que se imagina sabedor de tantas coisas e o exemplo a ser seguido.

O tempo passa, poucas pescarias são possíveis e quis o destino que, precocemente, o herói fosse derrotado pela natureza. Lembranças guardadas, lágrimas que fluíam como o calmo rio próximo à chácara onde residíamos. Sonhos não realizados e uma saudade que não cala daquele que se foi tão cedo.

Tecendo esta rede de lembranças, outros momentos são nítidos e marcados, quer seja pela surpresa da descoberta, quer seja por tudo aquilo que representou de importante na construção da personalidade de um pescador curioso e aventureiro. As recordações dos vários momentos de pesca, dos apetrechos utilizados, das técnicas e das práticas aprendidas em inúmeras tentativas compõem os muitos capítulos desta história.

Nesta composição cronológica, algumas lembranças dizem respeito às várias pescarias realizadas e à confecção dos materiais de pesca a partir do corte

correto da varinha de bambu, retirada daquela touceira no fundo da mangueira¹; na escolha do anzol adequado e, também, na confecção dos nós, visto que muitas vezes as pescarias não surtiavam o sucesso imaginado pela falta de conhecimento na montagem de tais materiais.

A escolha dos materiais era facilitada pela pouca disponibilidade na época. Era ir até a venda e comprar o único tipo de linha disponível², com uma ou duas bitolas diferentes; das chumbadas do tipo oliva e dos anzóis, que eram amarelinhos ou eram de ferro. Outro item importante no conjunto de materiais usados era a bóia — a famosa peninha — feita com penas de pato ou de galinha, materiais abundantes na ocasião. Raramente encontrávamos no armazém outros modelos disponíveis para aquisição.

Em várias ocasiões, pescávamos à linha solta, sem bóia. Era uma forma simples de se pescar, na qual a fisgada certa aprendia-se a custa das várias tentativas, errando e acertando, descobríamos os muitos segredos de ser um bom pescador. Dominada a técnica, não demorávamos a ter os pequenos peixes fisgados. Boas lembranças de um tempo já tão distante, mas que ainda reavivam sentimentos.

As idas furtivas aos pequenos riachos que entremeavam os campos, ainda cobertos de orvalho, para a pesca de guascas e pequenos lambaris, aumentavam a cada dia o gosto pela pesca. Gosto este que levou a percepção da beliscada sutil dos lambaris, dos esconderijos da dissimulada traíra e das manhas de sua captura, bem como as formas de se atizar a territorialidade do agressivo acará. Era levantar cedo e preparar a tralha de pesca. As longas caminhadas pelos campos preservados permitiam conversas sobre os peixes que encontraríamos nos riachos. Havia sempre uma disputa salutar para saber quem seria o vencedor na pescaria, fisgando a maior quantidade de peixes.

As pescarias com primos e colegas de infância pelos riachos cristalinos³ da Fazenda Modelo marcaram sobremaneira a trajetória da pesca. Nesses pequenos córregos e riachos, pescar um lambari de 20 a 50 gramas era comemorado como se

¹ Local da propriedade rural onde se confina o gado à noite.

² As marcas mais comuns eram a Caiçara e Mazzaferro.

³ No parte do período desse relato, entre 1975 a 1990, a maioria dos rios relatados ainda apresentavam pouca ou nenhuma poluição, permitindo a existência de peixes. Na maioria deles, atualmente, as condições físicas e biológicas estão comprometidas pelos lançamentos de efluentes urbanos e industriais.

fosse uma conquista do maior troféu. Também pescávamos as guascas, chamadas por nós de riatas, que encontrávamos nas fendas, entre as pedras, ou no leito do rio nos dias de águas barrentas, logo após uma chuva forte. Quando parava de chover corríamos ao rio capturar as contorcionistas riatas. Era muito prazeroso retirar aqueles escorregadios peixinhos do anzol.

Os lambaris eram os peixes mais frequentes e, quando a sorte não era madrinha, uma pequena traíra ou um bagrinho vinham somar-se à dúzia e meia de troféus conquistados no dia. O tamanho era um ínfimo detalhe, já que o mais importante era o gosto de pescar; todos os dias se fossem possíveis.

Remexendo neste cabedal de recordações, outros fatos são também relevantes, como o de fazer uma pequena fogueira e assar os peixes na brasa. Prática costumeira, que, além de complementar o pequeno farnel que levávamos para passar o dia, era o elo que unia os jovens pescadores. Farnel este composto, muitas vezes, por pão com banha e uma garrafinha de café — frio mesmo — já que uma garrafa térmica era objeto de luxo para quem ainda não tinha um emprego. Raras ocasiões, depois de exaustivos dias trabalhando como boia-fria, de sol a sol, com o pagamento recebido permitíamo-nos ao luxo de comprar um quilo de linguiça, uma garrafa de gasosa de framboesa ou gengibre e uma dúzia de pãezinhos no boteco da esquina, os quais deixavam a pescaria mais alegre. Nas brasas ardentes sobre as alvas areias, o odor da linguiça assando criava o cenário de sonhos; de pequenos conquistadores em busca de seus troféus; fossem eles pequenos lambaris ou diminutas riatas.

Muitas outras pescarias foram realizadas no rio São Jorge, local onde o acará era abundante, e nos fartávamos de retirá-los das águas límpidas. O bocó⁴ de lona voltava abarrotado de pequenos peixes. As longas caminhadas de casa até esse rio permitiam que a imaginação voasse solta e que soubéssemos de antemão os locais onde encontraríamos os carazões⁵ e algumas dentuças⁶. Saíamos de madrugada, pois a ida até o rio demandava, no mínimo, duas horas e meia de caminhada. Muitas vezes uma carona nos caminhões das fazendas amenizava o cansaço do trajeto.

⁴Tipo de bolsa de lona carregada a tiracolo, utilizada para se carregar materiais de pesca e alimentos.

⁵ Denominação para o acará: *Geofagus brasiliensis*

⁶ Denominação dada à traíra: *Hoplias malabaricus*.

No local da pescaria, observando as margens do rio, visualizávamos os poços de águas escuras, as lajes de pedra e a vegetação aquática, locais que abrigavam os esconderijos dos troféus que buscávamos. O segredo para fisgá-los era agitar a minhoca no anzol para atíçar a sua territorialidade. Vinham impetuosos na defesa do território e acabavam fisgados na ponta afiada dos amarelinhos.

Outra prática de pesca, ainda que predatória, pelo uso de pequenas peneiras ou sacos de rafias⁷, era realizada nas cavas das olarias do Zuk e Busato. Era uma variedade razoável de peixes capturados, entre eles lambaris, acarás, bagres traíras e cascudos. Ali mesmo fazíamos o fogo e a peixada era temperada com limão e sal, carregados no indispensável bocó, que também guardava a cetra⁸ com pedras, bolinhas de bulico ou pelotas de barro seco ao sol, usadas para abater sabias e rolinhas. Os peixes eram assados e degustados no local da pesca, já que tendo pescado às escondidas, as mães não poderiam saber que estávamos nestes locais, tidos por elas como perigosos. Também pescávamos em pequenos açudes na propriedade da família nos Alagados, onde tilápias, carpas e traíras eram os troféus a serem alcançados. Raras, mas comemoradas com prazer no fim do dia.

A idade se avizinha, o garoto torna-se rapaz e as aventuras têm horizontes ampliados com pescarias no rio Botuquara, no rio Cara Cará, no Tibagi e em suas lagoas ou cavas. Destaque para a descoberta do rio Pitangui e das calmas águas da Represa de Alagados. Até mesmo o pequeno Canyon do Sumidouro era local de pescarias, principalmente quando estava cheio nas épocas de chuvas. Dessa forma, era possível a pesca de grandes bagres. Grandes, diga-se de passagem, para o padrão do que costumeiramente pescávamos, já que normalmente nossos troféus não pesavam mais que 100 ou 200 gramas.

Com o passar do tempo, a pesca tornou-se mais solitária, mas o gosto pela pesca e pela aventura aumentou exponencialmente a cada dia. Com a idade adulta veio o trabalho como policial militar e, depois de quase dez anos, já cursando Geografia, a compra da primeira moto e a possibilidade de aventuras para rios cada vez mais longe de casa, entre eles o Guaraúna e o Imbituvão, aumentando o universo de ação deste pescador. O colega de infância, agora afilhado de

⁷ Sacos confeccionados com fios de *nylon* usados para acondicionar frutas e verduras.

⁸ Termo local ou regional para estilingue.

casamento, ainda acompanhara em algumas pescarias embarcadas, realizadas esporadicamente no rio Imbituvão e nos Alagados.

A partir de 1994, a participação em um grupo de pesca, formado por colegas de trabalho e seus aparentados, tinha como pontos de pesca vários locais do rio Iguaçu, no município de São João do Triunfo. Pela distância e tempo gasto no deslocamento, a pesca geralmente era de dois dias ou mais. Nos locais escolhidos, a organização dos acampamentos, a montagem da fogueira e o corte da madeira para manter o fogo aceso demandavam um ritual fielmente seguido em todas as pescarias; completado com a captura de iscas para as linhadas de mão. Iscas na sua maioria compostas por lambaris e pequenos bagres. Após o lanche da tarde, o ritual de se iscar e prender aos arbustos as dezenas ou centenas de linhas de mão, na espera que uma traíra ou bagre amarelo — o jundiá — acabem fisdados. À noite, em dois momentos distintos, um logo após o anoitecer e outro mais tarde, após as 22 horas, fazia-se a revista das linhas e eram trocadas as iscas por outras mais frescas. No entremeio dos momentos, assando um churrasco e tomando a costumeira cerveja, a socialização do que se fez no dia aumentava o elo entre os amigos e pescadores. Muitos eram os causos do peixe que escapou, daquela fisdada que se imaginava de uma grande traíra. Realizada a segunda revista das linhas, os peixes postos na caixa com gelo, era hora de descansar para que no dia seguinte seguissemos o recolhimento das linhas, a desmontagem dos acampamentos e o retorno para casa. Sempre ficava agendada a próxima pescaria.

O gosto por novas descobertas ainda incita a busca de locais de pesca. Havendo a indicação de um novo ponto de pesca, lá está o pescador em busca dos peixes. O facão na cinta, os carreiros sendo abertos e os pesqueiros preparados. No novo espaço, a paciência é a lição do momento. Lançar o punhado de quirera e aguardar a fisdada. Ter na linha o açu⁹, seja ele bagre, lambari ou acará, traz a recompensa almejada. Nos momentos de introspecção, a imaginação vagueia solta, imaginando técnicas e segredos para fisdar o grande peixe. Não há pescador que não se sinta conhecedor de algum segredo. Locais novos, tocas entre galhadas e pedras, o esconderijo no meio da vegetação aquática e o peixe na linha! É o prazer

⁹ Termo de origem indígena usado para referenciar um grande peixe, maior do que os padrões normais de captura.

de se descobrir um novo local de pesca, daquele pesqueiro sempre sonhado; nele estarão sempre os grandes peixes e o pescador disposto a capturá-los.

A partir destes fragmentos de lembranças do autor, posto ser impossível a recordação de todos, descritos numa linguagem mais nostálgica e poética, objetiva-se demonstrar que o pescador amador é possuidor de um conhecimento ainda não estudado pela academia. Conhecimento(s) esse(s) relacionado(s) à pesca enquanto atividade de entretenimento e socialização.

Nestes termos, entender a relação do pescador amador com a barranca do rio, dos conhecimentos que se criam na pesca e da socialização dos conhecimentos, bem como das várias técnicas/práticas da pesca — envolvendo a confecção dos apetrechos e a montagem de acampamentos de pesca — são questões que compõem a pesquisa.

O uso e apropriação da paisagem fluvial têm sido tema de diversas dissertações e teses no território nacional. Não obstante, em relação à pesca como entretenimento ou pesca amadora no Brasil, são raríssimos os trabalhos de pesquisa, salvo algumas exceções direcionadas à pesca amadora turística no Pantanal, podendo ser citados Neto e Mateus (2009) e sobre a pesca amadora esportiva, na pesquisa de Freire, Machado e Crepaldi (2012) e, também, a pesca amadora da Tainha no litoral paranaense, na pesquisa de Zanlorenzi (2011).

Pelo viés histórico, destaca-se o trabalho de Johansen, Pereira e Gealh (2010) sobre a pesca de lazer no rio Pitangui que buscam tratar de histórias contadas pelos pescadores, com relatos de locais de pesca, de histórias vivenciadas e ouvidas pelos pescadores, bem como pela toponímia desses locais; transportes usados para o deslocamento; alimentos consumidos pelos pescadores na barranca do rio e os métodos de captura. Também retratam a relação do rio Pitangui com a história da modernização urbana de Ponta Grossa no século XX, a partir da construção da Barragem e da Usina Hidrelétrica do Sumidouro¹⁰, da Usina Hidrelétrica Pitangui e da Usina Hidrelétrica São Jorge e das Estações de captação de águas no Reservatório de Alagados e do Rio Pitangui.

Finalizando essa apresentação, ressalta-se o caráter inédito da pesquisa proposta pelo fato de não se constatar a existência de outros trabalhos acadêmicos que procuraram analisar a relação dos usuários da paisagem fluvial na região dos

¹⁰ Essa usina foi desativada, restando algumas edificações e parte do conduto de águas.

Campos Gerais, pelo viés da Geografia Cultural e das etnociências. Também devem ser destacadas as dificuldades teórico-conceituais nas relações socioculturais da pesca vernacular com a produção de conhecimento geográfico. Neste sentido, Gomes (2009, p. 79) ao discutir as concepções de natureza e ambiente na produção do conhecimento geográfico enfatiza a complexidade da produção do conhecimento científico e que os resultados das pesquisas estão, diretamente, vinculados à concepção de mundo que o pesquisador possui e de seu embasamento teórico-metodológico, o qual o instrumentaliza para a leitura da realidade. Como referenciado anteriormente, a participação do autor da pesquisa enquanto sujeito-observador, lhe possibilitou estabelecer vínculos com o território da pesca e com os moradores, permitindo decodificar a relação dos pescadores amadores com a paisagem fluvial.

Assim, a partir dessa experiência empírica, e pelas informações coletadas, propõe-se a investigação científica das particularidades da pesca amadora no RP-RJ enquanto prática social de lazer na Região dos Campos Gerais, vinculada ao CEL ou vernacular de pescadores amadores como temas desta pesquisa.

Para tanto, na compreensão desse universo da pesca vernacular também se faz necessário explicar o contexto de conflitos atuais entre os diversos sujeitos (pescadores, fazendeiros e poder público) pelo uso e apropriação do rio, o qual delimita diferentes territórios, incluindo uma futura unidade de conservação, a barranca do rio e terras privadas (fazendas), todos expressos como partes da paisagem fluvial.

1.1 PROBLEMÁTICA GERAL

1.1.1 Os diferentes tipos de pesca: amadora, artesanal e profissional

A pesca como atividade humana é antiga e se fez presente em todo o decurso da história humana. Diversas descobertas arqueológicas comprovam esta prática através dos artefatos encontrados, de desenhos, pinturas e de relatos escritos. Diversas são as definições sobre a pesca enquanto atividade econômica e/ou com outras destinações quer sejam esportivas, de lazer, etc.

O Ministério da Pesca e da Aquicultura define a pesca como “toda operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros, tanto em águas continentais, quanto em águas marinhas” (MPA, 2010).

Para Maldonado (2000), a pesca é uma das formas sociais em que a percepção específica do meio físico é de grande relevância para a ordenação dos homens nos espaços sociais e também para a organização da própria produção, além de servir para a reprodução da tradição pesqueira, tanto em termos técnicos quanto em termos simbólicos.

Nas várias conceituações de pesca como atividade humana, há uma separação clara entre a atividade pesqueira enquanto atividade comercial e não comercial, com subdivisões ou subcategorias: pesca artesanal, pesca de subsistência, pesca amadora esportiva, pesca amadora de lazer e pesca científica. As principais diferenças estão relacionadas à tecnologia empregada e à organização social do trabalho.

Essas categorias e subcategorias são classificadas e descritas sucintamente no Código de Pesca — Lei 11959/09, de 29 de junho de 2009, em seu Artigo 8º, nos parágrafos I (a, b) e II (a, b, c).

Outra possibilidade de classificação pode levar em conta o destino da captura do pescado, ou seja, para a alimentação, para o comércio ou com fins recreativos. Assim, há três categorias principais da pesca:

- Pesca de subsistência, quando o produto final destina-se à subsistência ou manutenção da alimentação familiar;
- Pesca comercial, também denominada pesca profissional ou industrial, quando o produto final destina-se ao comércio interno ou à exportação, como

item alimentar ou da comercialização de seus subprodutos, ou ainda, quando os peixes são comercializados vivos para ornamentação na aquarificação; e

- Pesca não comercial, a qual se caracteriza como *hobby* ou esporte e é praticada como atividade de entretenimento; podendo ser subdividida em pesca de lazer e pesca esportiva ou turística (Lopes, 2011).

Na bibliografia sobre a pesca enquanto objeto de estudo, é possível encontrar algumas referências e discussões entre a pesca industrial e a pesca artesanal. Em geral, estas discussões são associadas aos ambientes, às práticas de pesca e às técnicas empregadas para comercialização e consumo.

A pesca industrial marinha, pela alta complexidade que apresenta, em razão das inúmeras espécies que habitam diferentes estratos no mar, reflete uma maior variedade de petrechos e estratégias de pesca utilizadas. Essa complexidade é visualizada ao analisarmos a maior ocorrência no litoral sudeste e sul do Brasil, onde coexistem diversos tipos de pescarias industriais, operando em várias modalidades. Desta forma, a sua prática é alicerçada a partir da utilização de navios de grande porte, geralmente bem equipados, dispendo de redes potentes. Esta modalidade de pescaria está associada, sobretudo, à pesca longínqua e, por vezes, à pesca costeira. As embarcações geralmente possuem equipamentos para a conservação e congelamento do pescado e têm uma equipe relativamente numerosa para desempenhar todas as funções necessárias ao sucesso da pesca.

A pesca artesanal, comparada à industrial, apresenta características bastante diversificadas, tanto em relação aos diferentes habitats explorados, quanto aos estoques pesqueiros e às técnicas de pesca utilizadas. Um fator adicional de complexidade nesta categoria de pesca são os diferentes tipos de usuários, estratégias e conhecimentos de pesca, bem como comportamentos sobre os locais e espécies frente aos recursos e ao ambiente.

Segundo Diegues (1973), os pescadores artesanais são definidos como aqueles que, na captura e desembarque de toda classe de espécies aquáticas, trabalham sozinhos e/ou utilizam mão de obra familiar ou não assalariada, explorando ambientes ecológicos localizados próximos à costa, pois em geral, a embarcação e aparelhagem utilizadas para tal fim possuem pouca autonomia.

Segundo Maldonado (1986), a pesca artesanal, enquanto processo de trabalho, encontra-se em contraste com a pesca industrial por apresentar

características bastante diversificadas, tanto em relação ao habitat e estoques pesqueiros que exploram, quanto às técnicas de pesca que utilizam.

Na bibliografia oficial (leis e decretos nacionais), especificamente na Lei da Pesca: Lei 11959/2009, na conceituação de cada categoria de pesca há uma subdivisão clara, separando-se as categorias de pesca em comercial e não comercial. Isso está expresso no cap. IV em seu artigo 8º, no qual a pesca comercial é classificada como industrial e artesanal, e a pesca não comercial pode ser subdividida em pesca amadora turística, de lazer, de subsistência ou científica. Nesta subdivisão, a pesca industrial é a categoria praticada por pessoa física ou jurídica e engloba os pescadores profissionais e os empregados ou quando feita em regime de parceria por cotas-partes, utilizando embarcações de pequeno, médio ou grande porte e com finalidade comercial. Por outro lado, categoriza a pesca artesanal como sendo aquela praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte.

Outra definição importante é a caracterização da atividade da pesca amadora como sendo aquela praticada por *hobby* ou esporte, na qual o pescador não depende desta atividade para sobreviver, ou seja, a pesca é tida como atividade lúdica, com o objetivo principal de recreação e quando praticada por brasileiro ou estrangeiro, com equipamentos ou petrechos previstos em legislação específica, tendo por finalidade o lazer ou o desporto.

A pesca amadora como forma de lazer é descrita no artigo 2º da Portaria Nº 4 do IBAMA, sendo definida como “aquela praticada por brasileiros ou estrangeiros com a finalidade de lazer, turismo e desporto, sem finalidade comercial” (IBAMA, 2010).

Também se define como categoria de pesca amadora a pesca esportiva, caracterizando-a como “modalidade da pesca amadora em que é obrigatória a prática do pesque-e-solte, sendo vedado o direito à cota de transporte de pescados, prevista na legislação” (IBAMA 2010).

Nas modalidades da pesca amadora (lazer ou esportiva) destaca-se a pesca na barranca do rio como uma especialidade praticada à beira de rios, lagos, lagoas ou represas, utilizando-se principalmente de linha de mão, caniços simples de

bambu, varas industrializadas com molinete ou carretilha, varas telescópicas, geralmente com iscas naturais.

Ainda, na Lei de Pesca de 2009, a conceituação e ou/diferenciação entre o pescador amador e o pescador profissional como sendo:

O pescador amador é a pessoa física, brasileira ou estrangeira, que, licenciada pela autoridade competente, pratica a pesca sem fins econômicos; o pescador profissional é a pessoa física, brasileira ou estrangeira residente no País que, licenciada pelo órgão público competente, exerce a pesca com fins comerciais, atendidos os critérios estabelecidos em legislação específica (LEI DA PESCA 2009, s.p.).

A última portaria do MPA foi publicada em 13/06/2012. Trata-se da Instrução Normativa Interministerial, que regulamenta a pesca amadora e mantém as atuais cotas de captura: 10 quilos mais um exemplar por pescador em águas continentais e estuarinas (lagos e rios); e de 15 quilos mais um exemplar em águas marinhas; mantém como equipamentos permitidos a amadores: linha de mão; caniço simples; caniço com molinete ou carretilha; espingarda de mergulho ou arbalète com qualquer tipo de propulsão e qualquer tipo de seta; bomba de sucção manual para captura de iscas; ou puçá-de-siri. Bicheiras e puçás para ajudar no embarque do peixe também são permitidos. O uso de redes e tarrafas por amadores continua proibido (MPA, 2012).

A tabela 1¹¹ sintetiza as particularidades/peculiaridades de cada categoria de pesca.

Além de ser uma atividade que provém parte da alimentação de comunidades locais, a pesca configura-se como uma das atividades de lazer mais praticadas em todo o mundo. Nas duas últimas décadas, a pesca amadora transformou-se em uma atividade de compensação do estresse diário. Com um crescimento significativo e o desenvolvimento de métodos e técnicas que visam entender cada vez mais o comportamento dos peixes e sua melhor forma de captura, a pesca amadora turística passou a ser considerada um negócio que movimenta milhões de reais (EMBRATUR, 2001, s.p.).

Não se tem um número exato de todos pescadores brasileiros, quer seja na categoria da pesca profissional, quer seja na artesanal ou na amadora. Segundo dados do Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP) do MPA, 2010, até

¹¹ Quadro organizado e sintetizado pelo autor. As informações foram retiradas de diversas fontes de pesquisa.

31/12/2010 estavam registrados e ativos 853.231 pescadores profissionais, distribuídos nas 27 Unidades da Federação. A maioria desses pescadores está concentrada em quatro unidades da federação: Pará (223.501), Maranhão (116.511), Bahia (109.396) e Amazonas (64.913). Quando somados, os pescadores desses estados respondem por 60,27% do total nacional (MPA, 2012).

Em se tratando da atividade amadora, os dados disponíveis contabilizam os praticantes da pesca esportiva em regiões de maior afluxo turístico, especialmente áreas do Pantanal e dos rios amazônicos, envolvendo todos os que possuem a carteira de pesca amadora. Os demais praticantes da pesca amadora, especialmente os pescadores de lazer são '*seres invisíveis*' para as estatísticas

TABELA 1 — Categorias de Pesca e suas características gerais

Características	CATEGORIAS DE PESCA					
	PESCA COMERCIAL		PESCA NÃO COMERCIAL			
	INDUSTRIAL	ARTESANAL	TURÍSTICA	DE LAZER	SUBSISTÊNCIA	CIENTÍFICA
Relações sociais/ trabalhistas	Sim, com vínculos empregatícios.	Sim, com vínculos familiares e/ou de parceria comunitária.	Sim, com vínculos empregatícios.	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma
Nível tecnológico empregado	Médio a alto	Médio, pequeno ou inexpressivo.	Médio a alto	Baixo	Produção/adapta- ção dos apetrechos de pesca	Variável de acordo com o tipo de pesquisa
Divisão Social do trabalho	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não
Destino da Produção	Comércio Interno/exportação	Subsistência/Comércio Interno	Sem produção (sistema pesque-solte)	Consumo do pescador	Consumo do pescador	Pesquisas Científicas e Acadêmicas e Coleções Científicas
Relação com a natureza	Exploratória/depredatória	Exploratória e com menor grau de depredação da natureza	Pouco Impactante	Pouco Impactante	Pouco Impactante	Pouco Impactante
Habitats Explorados	Majoritariamente em Alto Mar, Águas Interiores e Continentais (Rios, lagos e Represas).	Áreas Interiores (ambiente costeiro e estuarino) e Águas Continentais (Rios, lagos e Represas).	Alto Mar, Águas Interiores e Continentais (Rios, lagos e Represas).	Alto Mar, e Águas Interiores e continentais (Rios, lagos e Represas).	Águas Interiores e continentais (Rios, lagos e Represas)	Alto mar, Áreas Interiores (ambiente costeiro e estuarino) e Águas Continentais

						(Rios, lagos e Represas)
Materiais utilizados	Grandes Embarcações e aparatos modernos de localização e captura do pescado. Processo de conservação/Industrialização do pescado.	Pequenas embarcações e aparatos tradicionais de captura de pescado (redes de emalhe, armadilhas, espinhéis, linha e anzol).	Vara com molinete e/ou carretilha e uso de iscas vivas e/ou artificiais	Vara com molinete e carretilha e vara com linha e anzol	Vara com linha e anzol, linhada de mão	Variáveis de acordo com o tipo de pesquisa

Fonte: O autor

governamentais. Não se obteve nenhum documento oficial que estabeleça um número aproximado de pescadores amadores (de lazer) no país. Os produtos usados na pesca por esses pescadores acabam não sendo contabilizados como parte de estatísticas oficiais.

Segundo a NOTIBRAS (2012), no ato de assinatura da instrução interministerial do MPA e do Meio Ambiente (MMA) que regulamenta a pesca amadora e esportiva no Brasil, o ministro Marcelo Crivela citou que existem, ao menos, um milhão de praticantes da pesca recreativa, mas que apenas cerca de 300 mil estão licenciados.

Na análise das categorias da pesca no território nacional fica evidente a falta de políticas públicas e ações governamentais para a gestão dos territórios de pesca, bem como dos recursos econômicos provenientes da atividade pesqueira. A pesca amadora, enquanto atividade que movimenta o comércio em todas as cidades onde é praticada, fica de fora das informações coletadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos recenseamentos oficiais. Há um desconhecimento oficial do montante gerado com a compra e venda de materiais de pesca, de pacotes turísticos, de gastos com viagens e estadia de todos os praticantes dessa modalidade.

A pesca amadora, especificamente a pesca de lazer, acaba sendo uma atividade informal e não é parte de nenhum tipo de estatística oficial. Da mesma forma, há um desconhecimento oficial das suas consequências ao meio ambiente. Não foram estudadas as consequências da pesca tais como: problemas da sobrepesca; a gestão da pesca e a conservação da biodiversidade; e a pesca amadora como pouco impactante. Não se percebem interesses políticos ou públicos na formulação de políticas públicas que disciplinem a atividade da pesca amadora em seus múltiplos aspectos e consequências.

Apesar de a pesca amadora ter o mesmo poder de voto da pesca artesanal no Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pesca (CONADESPE), as leis ainda são incipientes e não englobam todo o universo de pescadores de lazer existentes no país.

1.1.2 A relação entre pesca e a ação dos sujeitos da pesca: o legal e o proibido — ações percebidas e subentendidas

A pesca amadora em águas continentais é uma prática espontânea e feita sem qualquer planejamento e/ou com fiscalização menos efetiva pelos órgãos ambientais no que tange ao deslocamento dos pescadores e à escolha dos locais de pesca, bem como a prática da pesca em si. Esta falha na fiscalização pode estar associada à falta de efetivo para a fiscalização e ao tamanho e diversidade das bacias hidrográficas brasileiras.

Muitos pontos de pesca estão em áreas particulares e sujeitos ao direito da propriedade particular em consonância com a Constituição Federal, impondo ou não restrições de acesso¹². Alguns proprietários podem autorizar, ou não, a entrada nas propriedades para a pesca nos trechos dos rios que cortam as suas propriedades. Na maioria das situações, o livre acesso aos locais de pesca acaba sendo uma prática comum, talvez fruto da crença popular, de que a margem do rio seja um espaço livre e aberto a quem quiser frequentá-la, sem maiores restrições. A situação inversa a essa livre entrada diz respeito a não permissão de acesso aos pontos de pesca pelos proprietários das fazendas, em razão dos inúmeros problemas decorrentes do afluxo de pescadores e de suas ações na barranca do rio. Ações essas que criam a ideia de que os pescadores amadores são os causadores de alguns problemas de ações depredatórias nas áreas de pesca.

Dentre esses problemas e ações gerados temos o corte de árvores e da vegetação nativa para abertura de pesqueiros, ou de trilhas entre os diversos pontos de pesca; à montagem das fogueiras junto ao tronco de árvores e a prática de queimadas; o corte dos arames das cercas; o descarte do lixo produzido no próprio local ou no leito do rio, entre outros. Situações que levam os proprietários a restringir o acesso à margem do rio ou, até mesmo, impedir o fluxo de pescadores.

Em outros locais, nos pesqueiros próximos às estradas vicinais que cortam os rios, a facilidade de acesso permite um trânsito maior de pescadores aos pontos de pesca. Os mesmos problemas já relatados, com destaque para o lixo deixado no

¹² “A caça e a pesca são atividades disciplinadas por leis específicas. Em princípio, ambas são proibidas sem licença especial. Isto porque todos os animais soltos na natureza são propriedades do Estado. O homem não pode se apoderar deles. A lei penal é rigorosa e pune o infrator com penas de prisão elevadas. Por isso, o proprietário pode impedir que estranhos cacem ou pesquem na sua propriedade. A polícia deve ser acionada imediatamente, se houver resistência do infrator” (Terra Ambiental, 2012, s.p.).

local e as práticas sem cuidados na montagem dos acampamentos e das fogueiras, acabam criando situações de depredação da natureza e contribuem para o estabelecimento de normas formais ou informais de acesso aos locais de pesca.

O uso dos apetrechos não permitidos por lei também é prática comum de muitos pescadores, quer sejam amadores ou não. Na Instrução Normativa de 13/06/2012 continuam como materiais de uso proibidos, entre outros, a tarrafa, as redes e emalhe e as fiskas para pescadores amadores, bem como se fixou em 10 quilos mais um exemplar de qualquer tamanho a cota permitida na pesca amadora. Legislação que, via de regra, é ignorada e os pescadores sempre buscam artifícios para burlá-las.

Cardoso (2012), ao discutir territórios da pesca artesanal afirma que “portarias normativas definindo áreas e instrumentos proibidos ou permitidos para a pesca, definidas pelos órgãos legisladores da atividade pesqueira criam uma territorialidade formal para a atividade pesqueira”. O não cumprimento de tais normas cria uma territorialidade informal na pesca de lazer.

Outro item que raramente faz parte das preocupações do pescador de lazer é o porte da Licença de Pesca, regulamentada pela Portaria do IBAMA de nº 39 de 12/08/2003, de posse obrigatória para todos os pescadores amadores de barranco ou embarcados. A inobservância da cota de captura permitida na pesca amadora pode estar associada ao senso comum de que o bom pescador é aquele que captura a maior quantidade possível de peixes, independente dos meios utilizados¹³. Também se fazem necessários estudos mais aprofundados sobre as consequências desta ação predatória nos estoques pesqueiros das águas continentais.

1.1.2.1 – A criação do Parque Nacional dos Campos Gerais e os conflitos da pesca

O Brasil é o principal país entre os detentores de megadiversidade, possuidor de 15 e 20% do número total de espécies da Terra (MMA, 2000). Com as crescentes demandas econômicas para suprir as crescentes necessidades urbanas industriais, percebe-se um agravamento nas condições da degradação ambiental em todo o território nacional. Participante do atual modelo de economia globalizada,

¹³ Essa afirmação reflete a observação do autor e não é baseada em referências acadêmicas ou científicas.

dominada e orientada pelo mercado e pela competitividade, mantem-se no país o velho modelo de exploração da natureza, calcado na exploração predatória e pouco racional dos recursos naturais. Práticas ambientais condenadas há décadas por sua ação destrutiva e predatória ainda são praticadas. Entre elas a caça e a pesca, o desmatamento e as queimadas, a exploração mineral, o plantio de espécies exóticas e as práticas agropecuárias extensivas, com finalidades comerciais, fundamentadas na mecanização e no uso de insumos industriais, causadoras da compactação dos solos, de processos erosivos e de assoreamento dos cursos hídricos, gerando desequilíbrios ambientais e contribuindo para a redução da biodiversidade, com a extinção de espécies animais e vegetais.

Todos esses problemas ambientais citados são comuns em praticamente todo o território brasileiro, com variações nas áreas de ocorrência, bem como nas suas causas e consequências. Nesse mesmo raciocínio, o território paranaense, caracterizado por uma economia agroindustrial, teve a sua cobertura vegetal original destruída na maior parte de sua área territorial, principalmente nos séculos XIX e XX, por práticas vegetais extrativistas e por atividades agropecuárias baseadas num modelo agroexportador. Restam poucas áreas com coberturas vegetais nativas ainda preservadas. São faixas de vegetação da Mata Atlântica, ao longo do litoral (Mata Atlântica), de florestas tropicais e subtropicais (Floresta Ombrófila Mista Montana) e Matas Galerias (Floresta Ombrófila Mista Aluvial). Neste contexto, a região dos Campos Gerais, por abrigar faixas ainda conservadas de florestas e de campos, dentro da classificação do MMA pertence às Áreas Prioritárias para a Conservação da Biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos, sendo essa região classificada como Muito Alta Importância Biológica (MMA, 2000).

A existência de fragmentos vegetacionais remanescentes da Floresta Ombrófila Mista (FOM) e de campos nativos da região Sul foi a justificativa para a criação do Parque Nacional dos Campos Gerais (PNCG). O PNCG foi instituído em 2006, num processo bastante conflituoso, e ainda está em fase inicial de implantação.

A instauração de um parque nacional em parte da área de pesquisa possibilita antever que a pesca enquanto atividade de lazer pode ser limitada a poucos locais, ou mesmo ser proibida. Todo o conhecimento criado pelos pescadores amadores corre o risco de ser perdido.

Se os pescadores amadores locais realmente desenvolvem, reproduzem, transmitem um conhecimento ecológico local sobre o ambiente e sobre práticas da pesca de lazer, eles podem ter um papel importante a cumprir na discussão e formulação de políticas e ações de gestão da paisagem, do território, dos rios Pitangui e Jotuva e do uso dos recursos fluviais.

A possibilidade de inserção desses conhecimentos nas ações de gestão e conservação se torna ainda mais relevante se pensarmos no processo de implantação de um Parque Nacional nessa região, abrangendo parte destes territórios da pesca amadora (FARACO, 2012).

Os pescadores amadores, muitas vezes, ficam fora das discussões sobre questões relacionadas à pesca pelo fato de que até a deliberação, que concede poder de voto similar à pesca esportiva, esses sujeitos amadores estavam **impedidos legalmente** de expor suas reivindicações. Assim, no que tange à discussão de questões pertinentes à pesca, enquanto atividade social e socioambiental, partindo-se da constatação ou não de que os pescadores amadores possuem conhecimentos ambientais, a sua ação poderá contribuir para a etnoconservação (grifo nosso).

1.1.2.2 Os locais da pesca na paisagem fluvial do RPRJ.

A Bacia do Pitangui engloba parte dos municípios de Ponta Grossa, Castro e Carambeí, no Estado do Paraná, numa extensão territorial de cerca de 380 Km², com as coordenadas geográficas 24°52' a 25°05' de latitude S e 49°46' a 50°06' de longitude W de Greenwich. Pela extensão da Bacia do Pitangui, optou-se pelo recorte espacial que abrange a Sub-Bacia do Manancial de Alagados (figura 1).

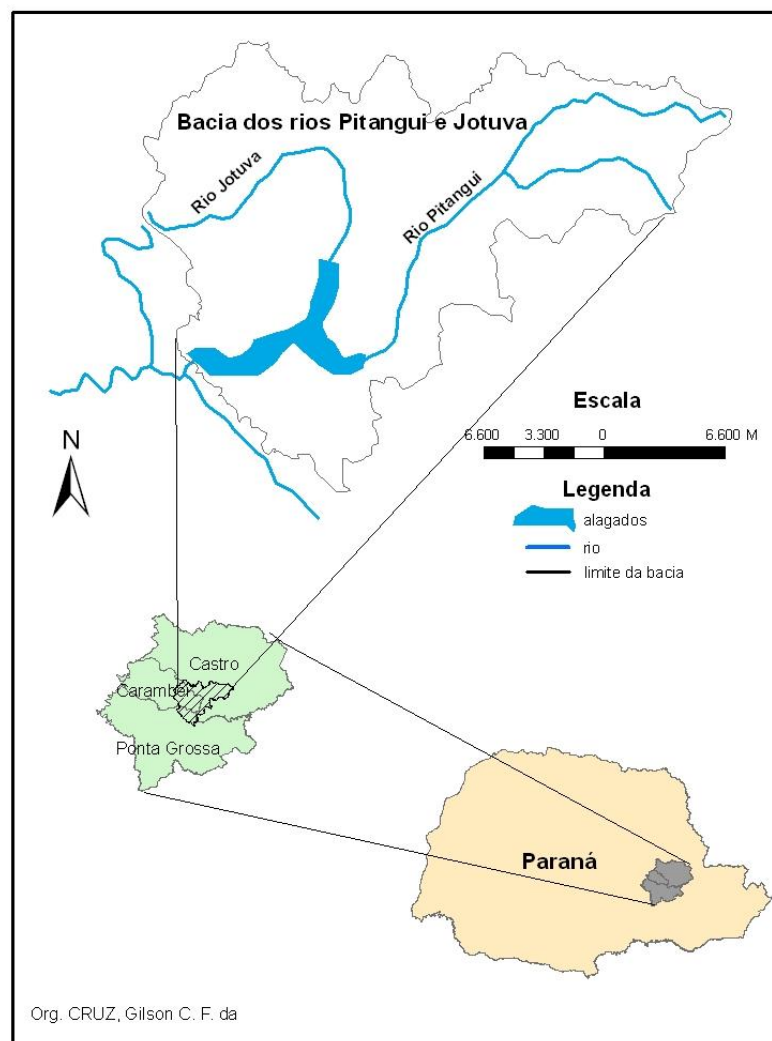
O rio Pitangui tem suas nascentes na região de Abapã, no sudeste do município de Castro e junta suas águas com o rio Jotuva nos limites do município de Ponta Grossa onde, após essa junção, cerca de cinco quilômetros, é barrado na represa dos Alagados.

O Rio Pitangui, importante afluente da margem direita do rio Tibagi, por atravessar uma grande área dos municípios de Castro, Ponta Grossa e Carambeí, acaba sofrendo uma série de impactos ambientais ao longo de seu curso, tais como: ações decorrentes e/ou recorrentes das atividades agropecuárias em suas margens, processos de alteração do curso natural para práticas agrícolas em áreas de

planície, carreamento de sedimentos e de carga de agrotóxicos para seu curso e assoreamento do seu leito, depredação ou inexistência da mata ciliar, caça e pescas praticadas de forma predatória, retirada de areia de seu leito por processos mecânicos de dragagem, entre outras.

Uma simples visita nesta área de pesquisa demonstra que a bacia do rio Pitangui apresenta-se bastante antropizada, com problemas ambientais, principalmente os resultantes de práticas agropecuárias, de mineração e urbanização, fatos visualizados pelo assoreamento em vários pontos do leito do rio, pelas erosões representadas por voçorocas nas áreas de maior declividade, entre outros.

FIGURA 1 — BACIA DO RIO PITANGUI NA ÁREA DE PESQUISA (SUB-BACIA DE ALAGADOS)



Fonte: CRUZ, Gilson C. F. da

Destarte os problemas apresentados ao longo de toda a Bacia do Pitangui, ainda é comum a prática da pesca de lazer. Indiferentes aos problemas ambientais, os pescadores frequentam diariamente o rio e escolhem determinados pontos desse para a prática dessa atividade de lazer. As características cênicas e físicas da paisagem associadas à piscosidade de determinados trechos do rio acabam influenciando na escolha dos pontos de pesca onde, muitas vezes, são montados acampamentos ou os pesqueiros são apropriados.

De acordo com Begossi (2004, p. 223):

Os pescadores (...), tanto de água doce como marinhos, não procuram as suas presas ao acaso, mas as buscam em locais específicos do rio ou do mar. Em termos ecológicos, tal comportamento não surpreende, visto que na natureza os organismos também não estão distribuídos uniformemente, mas sim em manchas. Essas manchas são constituídas por recursos agregados que ocorrem em uma determinada área. Transferindo esse raciocínio para a pesca, podemos supor que o pescado é em geral encontrado agregado, em manchas, nos rios e mares. Ou seja, o que os pescadores denominam como “pesqueiro” são na realidade manchas de pescado, ou locais onde determinadas espécies são encontradas.

Para a conceituação dos locais de pesca, na barranca do Pitangui e do Jotuva, usaremos as definições desses locais embasados nas proposições de Begossi (2004, p. 227), em que as atividades da pesca apresentam algumas características que nos fornecem uma compreensão diferenciada dos espaços dessa prática:

- Áreas de pesca: são os espaços aquáticos usados na pesca por diversos indivíduos ou por uma comunidade;
- Pontos de pesca: são os locais específicos, ou microáreas onde é realizada a pescaria;
- Pesqueiros: são os pontos de pesca onde há alguma forma de apropriação, regra de uso ou conflito, sendo então território em seu sentido ecológico.

Essa autora ainda completa a noção de que os pescadores conhecem os pontos no rio em que determinadas espécies são encontradas e, em função do aspecto seletivo da pesca, percebemos que diferentes técnicas são usadas, assim como os pontos de pesca são, em geral, direcionados à captura de determinadas espécies. Tais pontos são reconhecidos pelos pescadores por meio de referências aquáticas ou terrestres (BEGOSSI, 2004).

Geralmente esses pontos de pesca¹⁴ estão localizados em locais em que o leito do rio é mais profundo no que é denominado pelos pescadores de poços, em locais de leito com rochas ou lajes de pedra, com galhadas e troncos submersos ou outros atributos físicos que reúnam as condições para *habitats* ou para a concentração dos peixes. Outras vezes a escolha dos pontos de pesca ocorre pela captura de uma maior quantidade de pescado nesses locais. A partir dessa produtividade o local acaba sendo escolhido como um ponto de pesca.

Como a mata ciliar está bem preservada ao longo do curso superior do RP-RJ, os pontos de pesca são estáveis e facilmente encontrados por todos os pescadores que frequentam a barranca do rio, tornando-se, dessa forma, espaços de usos comum aos pescadores e demais usuários que frequentam a paisagem dos rios.

Os vínculos criados com o espaço de pesca são representações sociais de uma prática espontânea de contato com a natureza. Os locais de pesca acabam refletindo a ação desses sujeitos e podem ser percebidos pela existência dos acampamentos e ranchos de pesca e dos apetrechos de pesca deixados nesses territórios. Há um desconhecimento acadêmico sobre essas representações que compõem o universo simbólico do pescador de lazer.

Não obstante, para entender a força dessas representações como construtivas das identidades da barranca do rio, se faz necessário entender se essas representações, e consequentemente as identidades atribuídas ao pescador-usuário, são validadas pelos demais usuários do rio. Compreender se todos os indivíduos possuem uma mesma percepção sobre seu espaço de atuação e como eles captam os diferentes modos de percepção *da paisagem* em relação à paisagem em seu cotidiano é um elemento importante no aprofundamento das questões sobre as dinâmicas socioambientais na paisagem fluvial do RP-RJ.

A relação entre pescadores e as paisagens ribeirinhas da região dos Campos Gerais não foi até agora estudada. Não existem trabalhos sobre a relação entre o pescador e rio pelo viés da nova Geografia Cultural centrada nos estudos da paisagem enquanto espaço vivido. Acredita-se que a abordagem geográfica cultural, apoiada na categoria investigativa de Paisagem, pode evidenciar os aspectos

¹⁴ Seguimos a proposição dos pontos de pesca dada Begossi (2004, p. 226) como sendo os locais específicos, ou microáreas onde é realizada a pescaria.

simbólicos e produtivos das práticas culturais, historicamente enraizadas e ressignificados cotidianamente em uma área.

1.1.2.3 A problemática de pesquisa na análise da paisagem fluvial do RP-RJ e a existência de um Conhecimento Ecológico Local

A área de pesquisa, ainda que englobe uma área territorial pequena, permite a existência e reprodução de conhecimentos vernaculares nas práticas e na atividade da pesca como ação de lazer. A relação entre os indivíduos e/ou grupos de indivíduos que frequentam um mesmo espaço, nesse caso a paisagem fluvial do RP-RJ, provocam alterações na própria paisagem.

A determinação dos pontos de pesca e a construção dos acampamentos seguem mecanismos de apropriação determinados pela proximidade das sedes das fazendas ou pela acessibilidade ao local. Sendo espaços de livre acesso e facilmente identificáveis como pontos de pesca, a existência ou não de conflitos pelo uso desses locais de pesca está associada a quem chega primeiro ao local ou pela permissão ou não do acesso quando se trata de áreas particulares das fazendas. Sendo a pesca uma atividade essencialmente praticada como forma de entretenimento e não havendo interesses pelo controle dos recursos pesqueiros, não se percebe a existência de outros conflitos econômicos ou territoriais pelo uso desse espaço.

Assim sendo, a percepção de regras informais de uso dos pontos de pesca está relacionada apenas à propriedade e ao uso dos pontos de pesca e dos acampamentos. Esses acampamentos ou pontos de pesca pertencem a quem os construiu e, portanto, são respeitados como tal. Mesmo que se pesque próximo aos acampamentos há, e/ou pode existir, o cuidado em não causar danos ao local. Um caso que foge a regra citada é o relato de um pescador/proprietário sobre a apropriação de um acampamento por pescadores de origem urbana, que frequentemente o usam para suas pescarias, pescando e acampando no local com o uso dos objetos existentes no acampamento. O possível conflito causado por essa apropriação foi resolvido ignorando-se a ação destes pescadores. Como a pesca é ação de lazer, os pescadores locais acabam não tendo a preocupação maior em manter os locais de pesca ou causar disputas com pescadores estranhos que possam frequentar o local.

Dessa forma, a pesca de lazer, embora seja uma atividade de entretenimento, também é uma prática social. A ação dos pescadores de lazer na criação dos pontos de pesca, na abertura de carreiros e na elaboração dos acampamentos, acaba acarretando alterações na paisagem fluvial. Notam-se pequenas áreas com desmatamento, a inserção de espécies exóticas nos locais dos ranchos e acampamentos, além de atividades predatórias, especialmente a caça de mamíferos da região, entre eles o veado campeiro, a paca e a capivara.

Em relação às ações predatórias e proibidas por legislação específica vigente no território nacional, o que se observou e se constatou pelos relatos dos pescadores são atividades de caça e pesca predatórias, bem como a existência de redes e tarrafas, físgas para a pesca noturna e armadilhas para captura de pequenos mamíferos, nos acampamentos e suas proximidades. Não foi comprovado, durante o tempo da realização da pesquisa, a presença de agentes da Polícia Ambiental ou do Instituto Ambiental do Paraná (IAP). As preocupações recorrentes nas falas dos pescadores eram de que o pesquisador ou outros usuários frequentadores da paisagem fluvial pudessem fazer uma queixa crime delatando os pescadores que estão associados a tais práticas ilegais.

No estudo da relação sociedade-natureza, especificamente da paisagem fluvial e dos grupos sociais que usufruem desse espaço, a análise da dimensão natural associada às especificidades de uso desse espaço, é de fundamental importância para entendermos quais são as particularidades do ecossistema natural que influenciam as formas de uso e apropriação desse ambiente por determinado grupo. Nesse sentido, estudar a prática da pesca vernacular envolve o estudo das dimensões culturais (as técnicas e os saberes compartilhados e reproduzidos por coletivo humano em uma determinada área), mas também o estudo da paisagem enquanto geossistema.

Faz-se necessário compreender de que forma se expressam os laços simbólicos dos pescadores ribeirinhos, incluindo as trocas e partilha de saberes e a adesão a valores constituintes da identidade coletiva, aderida à paisagem fluvial e como isso é expresso, quer seja pelas práticas da pesca, quer seja pelas relações estabelecidas entre os pescadores e desses com os demais usuários das paisagens fluviais da bacia em estudo.

Ainda que não se possa afirmar com certeza, pela falta de estudos sobre a ocupação da paisagem fluvial nessa área, todos os elementos observados indicam a

existência de um conhecimento ecológico local dos atributos da paisagem fluvial do RP-RJ.

Esses conhecimentos, se estabelecermos um paralelo aos conhecimentos que detêm os povos tradicionais e outros grupos que habitam o território brasileiro, acumulados durante séculos, referem-se aos tipos de atividades humanas, as quais estão associadas aos saberes técnicos particulares (conhecimento do meio aquático, da ictiofauna e da flora, técnicas de fabricação de embarcações e apetrechos de pesca, de navegação). A existência desses conhecimentos permite a estruturação de uma rede de relações sociais, que expressa a história local percebida nas formas de organização política e de relações econômicas.

Entre esses povos categorizados como tradicionais¹⁵ incluem-se os indígenas de várias etnias, os caboclos ou ribeirinhos, os jangadeiros, os caiçaras do litoral entre outros. Em contrapartida, os outros grupos acima citados, mesmo que não sejam categorizados como povos tradicionais, pelo longo tempo em que habitam um território, podem ter um grande conhecimento sobre suas características físicas, cênicas, econômicas e culturais.

O conhecimento desses povos é obtido por tentativas e erros na realização das diversas atividades econômicas de sobrevivência e na leitura dos processos ou ciclos físicos e biológicos que permitem um modo de vida sustentável na relação destes com o ambiente local.

Segundo Cardoso (2001, p.23):

O fazer pesqueiro está presente desde a pré-história da humanidade. Como atividade extrativa compôs a dieta alimentar dos grupos humanos ancestrais. Este fazer remonta a um saber - um saber sobre a natureza. Construído por homens e mulheres, um saber construído na apropriação da natureza. Natureza apropriada materialmente por intermédio da técnica, simbolicamente pelos sistemas cognitivos construídos socialmente.

Segundo Diegues (1995; 2000) o conhecimento local sobre a natureza é um conjunto de saberes e de saber fazer. Sob esta perspectiva, estudar o conhecimento das populações humanas a respeito do mundo natural é entender a relação de

¹⁵ Povos e Comunidades Tradicionais, de acordo com o Decreto n.º 6.040/2007, são “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”. Disponível em : <<http://jus.com.br/revista/texto/21735/populacoes-tradicionais-e-territorios-no-brasil>> acessado em março de 2012.

conhecimento e ação das populações locais frente aos recursos naturais explorados e por estas manejados.

Esse conhecimento, intimamente ligado ao saber-fazer, pode ser denominado de conhecimento vernacular, sendo dessa forma um conjunto de conhecimentos gerados a partir do senso comum nas relações econômicas e sociais de uma população e dessa em relação ao ambiente que vive e trabalha (FLORIANI, 2012).

Para Claval (2010), os conhecimentos vernaculares são um tipo de “conhecimento baseado nos saberes-fazer, no senso comum passado de geração a geração”. Determinado conhecimento, em dado momento, permaneceu ou foi transformado, isto é, os elementos do passado e do presente foram incorporados como componentes da vida diária de seus habitantes. Assim, essa incorporação de conhecimentos permite que o espaço passe a ser considerado como território e lugar, historicamente produzido na/pela organização econômica e social da população residente nesse espaço, resultando no registro da história dessa sociedade.

Na carta sobre o patrimônio vernacular edificado do ICOMOS (1999) tem-se a definição de que esse patrimônio é importante por ser “expressão fundamental da cultura de uma comunidade, de sua relação com o seu território e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade cultural do mundo”¹⁶.

Para Diegues, as populações tradicionais têm seu modo de vida, em grande parte, associado ao uso e manejo dos recursos naturais exercidos ao longo de sua permanência histórica na Mata Atlântica e em ecossistemas associados, que incluem mangues, restingas e zonas costeiras (Diegues, 2004 p. 40).

Sendo o conjunto de conhecimentos acerca das crenças acumuladas ao longo de várias gerações, através da transmissão cultural sobre as relações dos organismos vivos entre si e com o ambiente ao seu redor, os conhecimentos vernaculares produzidos por uma população estão relacionados a todos os aspectos da vida dessa população, incluindo-se nessa afirmação as atividades de lazer e entretenimento. Posto isso, a pesca enquanto atividade de lazer produz um conhecimento relacionado à sua prática em si e de seus praticantes em relação aos

¹⁶ A definição da Carta sobre o patrimônio vernacular edificado relaciona-se as edificações das diversas culturas globais. Nessa pesquisa o uso dessa citação tem relação ao conhecimento vernacular na construção dos acampamentos da pesca de lazer.

espaços que compõem essa prática enquanto atividade social. Nessa proposição de abordagem da pesca, enquanto atividade social, emerge a necessidade de se discutir a importância desses conhecimentos, tidos como tradicionais, na sua relação/significação com o conhecimento científico e acadêmico e de que forma esse conhecimento é percebido pelos seus sujeitos.

Alicerçando a proposição acima, ao discutir as práticas agroecológicas dos agricultores da Região Metropolitana de Curitiba, Floriani (2012) aponta a necessidade de adotar outra leitura da paisagem e de seus recursos de forma a permitir a inclusão de outras racionalidades, bem como dos projetos e das experiências cotidianas das comunidades. Salienta, ainda, o autor a necessidade de se colocar a paisagem e a abordagem espacial das práticas agrícolas como centro de uma nova forma de percepção/concepção da complexidade espacial do território.

Os conhecimentos tradicionais se tornam importantes dentro do contexto da conservação da natureza à medida que, diante da crise ambiental em que vivemos atualmente, precisamos valorizar os modos de vida tradicionais, a observação e a valorização da natureza, para se pensar em novos rumos em busca de uma sociedade sustentável (ANDREOLI, 2009).

Os tópicos abordados nessa problemática sobre a pesca amadora expressam questões de pesquisa e demonstram a necessidade de discussões mais aprofundadas sobre as práticas da pesca, especificamente da pesca de lazer e/ou vernacular; dos lugares/territórios da pesca e da paisagem fluvial, bem como sobre o saber-fazer elaborado e compartilhado na atividade pesqueira. Ainda que os pescadores de lazer não componham uma comunidade tradicional e nem se reconheçam como tal, mesmo residindo em diversos locais, na área rural e em localidades rururbanas, como Catanduvas de Fora e Lago, e por estarem ocupados em variadas atividades profissionais, a sua relação com a paisagem fluvial propicia a criação de saberes que são peculiares a esse grupo que pratica a pesca de lazer na área de pesquisa.

Assim, a paisagem fluvial, pela sua importância na análise espacial do território a partir dos diversos processos físicos (geológicos, hidrológicos e edáficos) e humanos que engloba, é um espaço privilegiado de discussão sobre a paisagem. Além disso, a relação desses processos físicos com os processos socioeconômicos permite que se analisem condições de gestão e de degradação dos recursos existentes.

Corroborando com essa ideia, Nascimento e Scifoni (2010), afirmam que “a compreensão de que a proteção e a gestão deste patrimônio devem ser feitas com a participação das populações moradoras, por meio do envolvimento e da valorização dos saberes locais”. Posto assim, a paisagem fluvial do rio Pitangui, num espaço territorial relativamente pequeno, reúne aspectos econômicos, sociais e naturais que devem ser mais bem estudados.

Diante da criação do PNCG, são levantadas questões jurídicas e legais sobre a possibilidade ou não das práticas socioeconômicas até então existentes, incluindo-se a pesca de lazer como atividade e como possível fonte geradora de um conhecimento vernacular passível de ser impedida como prática total ou parcial, após a implantação definitiva dessa unidade de conservação.

CAPÍTULO 2

QUESTÕES DE PESQUISA E OBJETIVOS DA PESQUISA

As inquietações do pesquisador sobre “quem é” esse pescador que frequenta o rio Pitangui e o rio Jotuva, formadores do manancial hídrico de Alagados, “quais suas práticas” e “como esse grupo interage” com a paisagem ribeirinha são questões que guiam esta pesquisa. Dessas inquietações emerge a questão central de pesquisa: como se dá a relação entre pescadores e as paisagens ribeirinhas da região dos Campos Gerais?

Associada a essa questão principal têm-se outras questões de pesquisa:

- Considerando a pesca de lazer como prática sociocultural, quais são as práticas da pesca e quais os conhecimentos dos pescadores residentes na área de estudo delimitada?
- Os pescadores amadores que residem na área rural são detentores de um Conhecimento Ecológico Local (CEL)?
- De que modo os rituais e as normas de comportamento coletivas da pesca vernacular reproduzem os aspectos simbólicos do modo de relacionamento desses grupos com a natureza?

A partir dessas questões formulam-se os seguintes objetivos: geral e específicos:

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a dinâmica da pesca de lazer (vernacular) por meio da caracterização dos saberes, fazeres e geossímbolos, praticados por pescadores residentes na área rural de Carambeí, Castro e Ponta Grossa, a fim de contribuir para as reflexões sobre as formas de interação das populações locais que praticam essa modalidade de pesca sobre as paisagens fluviais.

2.1.1 Objetivos Específicos

Caracterizar o conhecimento ecológico dos pescadores acerca das vocações e limitações produtivas (piscosidade) da paisagem fluvial, bem como da etnotaxonomia da fauna ictiológica;

Identificar os laços simbólicos dos pescadores de lazer, incluindo as modalidades de trocas e de partilha de saberes e a adesão a valores constituintes da identidade coletiva aderida à paisagem fluvial.

CAPÍTULO 3

O MODELO DE ANÁLISE E SUA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As dificuldades conceituais em se analisar a pesca de lazer como uma prática social partem da escassez de materiais bibliográficos e de modelos de análise, tendo em vista não terem sido encontrados outros trabalhos de pesquisa no território nacional que abordem especificamente essa categoria de pesca – a pesca vernacular.

Na relação entre pescadores e as paisagens fluviais da Região dos Campos Gerais os trabalhos de pesquisa são quase inexistentes, não sendo encontrado trabalhos mais detalhados sobre essa relação entre o pescador e rio pelo viés da nova geografia cultural centrada nos estudos da paisagem enquanto espaço vivido. Assim, uma abordagem geográfica cultural, apoiada na categoria investigativa de Paisagem Fluvial, pode evidenciar os aspectos simbólicos e reprodutivos das práticas culturais historicamente enraizadas e ressignificados cotidianamente em uma área. A partir dessa necessidade estrutural e de conceituação, propõe-se a associação da relação da pesca de lazer com os conceitos geográficos de paisagem fluvial, de lugar e percepção e de geossímbolos associados a pesca vernacular.

3.1 CONCEITUAÇÃO DE PAISAGEM FLUVIAL

De acordo com Almeida (2008, p. 35), a paisagem não é vista apenas como um conjunto de relações, mas sim como uma convergência de percepções subjetivas, isto é, que a paisagem não é apenas o visível: é também tudo o que está nas entrelinhas, nos meandros, nos gestos simbólicos, nos aspectos materiais e imateriais do espaço. Essa ideia demonstra uma relação inicial de como a cultura pode contribuir para a consolidação do ser pescador e que, através da territorialidade, as questões simbólicas e culturais fortalecem o sentimento de pertencimento.

Para Cavalcanti (2006), a paisagem, em uma definição mais abrangente, pode ser entendida como a composição de elementos da natureza no espaço, dentre os quais a fauna e a flora, o homem e as edificações que constrói com a sua

ação no espaço geográfico. A Geografia, enquanto ciência, estuda a paisagem por diferentes vertentes do pensamento geográfico de distintas maneiras. Mas todas têm como consenso que a paisagem é a materialização resultante da interação do homem e os elementos da natureza.

Para Christofolletti (1998), a paisagem é um conceito chave nos estudos geográficos, possibilitando compreender o espaço como um sistema ambiental, físico e socioeconômico, com estruturação, funcionamento e dinâmica dos elementos físicos, biogeográficos, sociais e econômicos.

A paisagem fluvial pode ser compreendida como a área marginal ao rio e que é por ele influenciada. É um espaço carregado de história, cultura e simbolismo (PINTO, 2005).

A complexidade da paisagem fluvial envolve a diversidade de processos de ordem natural e social, mais ou menos interdependentes. Dentre os elementos geobiocenóticos constam as interconexões entre: vegetação ripária (contato entre floresta ombrófila mista aluvial e as formações estépicas), a geomorfologia fluvial (compreendendo a diversidade de formas como os diques aluviais, as planícies de inundação, os terraços aluvionares), os solos hidromórficos (gleissolos, neossolos quartzarênicos e flúvicos, organossolos, cambissolos gleicos), que garantem uma relativa estabilidade ao funcionamento e estrutura do sistema frente às perturbações (distúrbios) que podem ser de origem natural ou antrópica (pronunciada precipitação anormal, promoção do aumento da erosão laminar em solos cultivados, construção de estradas, compactação do solo, contaminação da água entre outros). Tais variáveis implicam na dinâmica de reprodução desses processos e evolução das formas desse ambiente, determinados por diferentes processos hidrológicos, geomorfológicos e geológicos, que o tornam frágil do ponto de vista da utilização dos recursos naturais.

“Os rios são ambientes lóticos que possuem fluxo unidirecional e cujas características vão se alterando ao longo do seu curso, e isso influencia a composição das comunidades aquáticas como um todo” (ESTEVES & ARANHA, 1999). Posto dessa forma e, em razão das próprias características geobiocenóticas a própria paisagem fluvial da área de pesquisa, essa se constitui em um elemento determinante na escolha dos pontos de pesca.

3.2 CONCEITUAÇÕES DE LUGAR E PERCEPÇÃO

A discussão sobre a construção do lugar e da identidade com o lugar a partir das relações sociais é bastante ampla, sendo abordada em diversos autores como Bauman (2002), Agier (1998), entre outros. Para estes, o lugar é construído a partir das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos e das experiências cotidianas e espaços vividos, sendo repletos de subjetividades expressas em códigos, rituais, símbolos. Configuram-se, assim os espaços identitários, os lugares do sagrado (natureza) e do profano (homem); espaços derivados das tensões e conflitos sociais, os não lugares, espaços do medo e violência e as representações coletivas destes.

A análise de como o ser se relaciona com o lugar habitado é descrita, pela primeira vez, por Bachelard em sua obra *Poética do Espaço*, de 1957, na qual discute as repercussões do simbolismo dos lugares no inconsciente humano imaginado; noção similar é utilizada também por Tuan (1980, p. 107), em obra homônima, como sendo “a atração que o ser humano sente por características do meio, no que esse autor denominou de topofilia, com o significado de ‘espaço de nossa felicidade’”.

Os traços que demonstram a topofilia constroem-se a partir da história de interação com o lugar. Na caracterização dos pontos de pesca o espaço vai sendo configurado através da criação e reorganização desse espaço de pesca. São criações materiais — incluindo-se nestes os apetrechos da pesca e os acampamentos — que fazem parte da relação do pescador com a barranca do rio.

Algumas questões pertinentes à topofilia referem-se em como o lugar é percebido e/ou se é percebido por todos os usuários com a mesma significação e, também, se os símbolos visualizados no lugar possuem os mesmos atributos a todos os usuários. Dessa forma, a análise de como se dá a significação e a representação social dos elementos da barranca do rio pode ser explicitada por Ferrara (1990), onde a autora destaca que as representações sociais são:

[...] os sinais, as marcas que os processos de transformação social deixam no espaço e no tempo contando uma história não-verbal que se nutre de imagens, máscaras, fetiches concretizados em usos, hábitos, valores, expectativas, que por sua vez, se fetichizam em materiais... e objetos que povoam o cotidiano (FERRARA, 1990, p. 106).

Isso também pode ser observado na obra *Topofilia* de Tuan (1980), pela comparação das diferentes percepções em relação a cada ambiente, seja ele um descampado, uma floresta, uma área polar, etc., cria em seus usuários uma percepção diferenciada em relação a outros locais ou paisagens com características físicas diferentes. Além disso, destaca-se o fato de a percepção ser um fenômeno intrinsecamente associado (e mesmo condicionado) pelas especificidades socioculturais, etárias, gênero, profissionais e psicológicas de cada grupo social.

De acordo com Ferreira (2005), a percepção ambiental integra elementos da Geografia, da Biologia, da Psicologia e da Antropologia, tendo como objetivo principal o entendimento sobre os fatores, os mecanismos e os processos que levam o homem a possuir percepções e comportamentos distintos em relação ao meio ambiente.

Por outro lado, a análise da percepção dos usuários da barranca do rio permite a possibilidade de que a percepção em cada segmento do rio seja diferenciada, tanto por seus aspectos fisiográficos, quanto pelas características do grau de percepção de cada usuário que frequenta a paisagem fluvial possui.

Tendo em vista que o rio Pitangui e seus afluentes apresentam diferentes paisagens ao longo de seu curso, quer seja nas áreas do primeiro planalto, onde o rio atravessa planície aluvial, com uma vegetação mais densa e ainda bem preservada, com um leito mais raso¹⁷ e uma ictiofauna com menor número de espécies, quer seja no Segundo Planalto, onde o relevo e a composição geológica possibilitam a existência de campos, matas galerias e vegetação ripária associada a um leito mais profundo, conseqüentemente a existência de uma ictiofauna mais diversificada.

Limitando-se a área de pesquisa ao curso superior do rio Pitangui e do rio Jotuva, os pescadores do espaço em questão se apropriam da barranca do rio com algumas particularidades, que nem sempre são similares a outros trechos na bacia em estudo e que a sua representação do ato de pescar dá uma configuração singular à barranca do rio. A montagem dos acampamentos e ranchos de pesca, os materiais utilizados nesses locais para a pesca são simples e rudimentares.

¹⁷ Observou-se ao longo de todo o curso superior do Pitangui/Jotuva um processo intenso de assoreamento.

O ato de pescar e de “passar o tempo” nos acampamentos demanda a necessidade da prática de lazer que esses trabalhadores possuem. Os acampamentos, mais que locais de pesca, tornam-se lugares da sociabilidade e introspecção, o descanso do trabalho diário nas chácaras e fazendas. Geralmente, a pesca e a permanência nos acampamentos são feitas após o término das atividades nas fazendas, nos dias de folga, finais de semanas e nos feriados. Os acampamentos acabam se tornando um local do lazer entre os trabalhadores de uma mesma fazenda. Observa-se, por outro lado, a apropriação desses locais por outra categoria de usuários, pessoas da cidade que conhecem e usufruem desses acampamentos, refletindo um fluxo centrífugo da cidade em direção às áreas rurais.

É provável que a percepção dos trabalhadores e dos demais usuários sobre a barranca do rio e o ato da pesca sejam diferenciadas conforme cada grupo ou/e que estes compartilhem algumas percepções sobre cada ponto de pesca, diferenciando, por outro lado, em alguns elementos do complexo cultural da pesca (alguns traços materiais como artefatos e instrumentos da pesca — ou traços imateriais como saberes locais, toponímias e técnicas), representações da natureza do ambiente ribeirinho (de sua fragilidade ou estabilidade) e usos diferenciados. As subjetividades de cada grupo que pratica a pesca amadora podem criar percepções diferenciadas de um mesmo espaço.

Não obstante, se o termo “lugar” possibilita acenar os elementos identitários do subjetivo (conscientes e inconscientes) presentes na relação de homens e mulheres com o espaço vivido, o termo paisagem, por sua vez, possibilita ao investigador colocar em evidência os símbolos materiais do espaço (enquanto fenômeno socialmente concebido) valorizados, menosprezados (ou simplesmente não percebidos) por um determinado grupo em um dado contexto sociocultural, ou seja, a partir da paisagem é possível estabelecer correlações entre os elementos percebidos ou não pelo pesquisador — munido de seu sistema de representações e matriz cognitiva — e os elementos percebidos e reproduzidos pelos usuários do espaço.

Assim, para entender a força dessas representações como construtivas das identidades da barranca do rio, se faz necessário entender se essas representações, e conseqüentemente as identidades atribuídas ao pescador-usuário, são validadas pelos demais usuários do rio.

Se todos os indivíduos — pescadores oriundos do meio urbano e pescadores residentes na área rural — possuem uma mesma percepção sobre seu espaço de atuação, bem como a análise dos diferentes modos de percepção “da” em relação “à” paisagem pelos pescadores, em seu cotidiano é um elemento importante no aprofundamento das questões sobre as dinâmicas socioambientais do território da pesca de lazer.

Com base no exposto acima, o estudo dos “saberes” e “fazeres” relacionados à pesca vernacular praticada por trabalhadores e moradores nas áreas rurais das subbacias do Pitangui-Jotuba — e pescadores oriundos do meio urbano —, é uma questão a ser estudada. Partindo do pressuposto que esses saberes e fazeres são dinâmicos e constituintes do universo simbólico dos sujeitos pesquisados, tais fenômenos podem ser captados e interpretados pelo pesquisador de maneira implícita (nas narrativas dos entrevistados) e explicitamente, a partir dos artefatos de pesca, ou no registro das técnicas utilizadas pelos diferentes grupos de pescadores: urbanos e rurais.

Em suma, a compreensão e análise as ações cotidianas do pescador em relação ao lugar da pesca, entendido como um espaço íntimo (de introspecção) e como um espaço de relação inter-trans-subjetiva (entre pescadores e entre pescador e ambiente) torna-se extremamente importante e necessário a um estudo sobre a paisagem e os sujeitos que convivem e (re)criam o espaço da pesca de lazer. Uma possível abordagem desse estudo é a interpretação da narrativa comum como instrumento investigativo dos saberes e técnicas associadas à pesca vernacular.

3.3 CONCEITUAÇÃO DE GEOSSÍMBOLOS DA PESCA DE LAZER

Os geossímbolos podem ser definidos como sendo “(...) um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões políticas, religiosas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” (BONNEMAISON, 2002, p. 109).

A partir deste conceito pode-se inferir que as marcas e artefatos existentes em qualquer paisagem podem e devem ser consideradas como geossímbolos, e, de acordo com Bonnemaison (2002, p. 124), para quem o espaço de existência dos geossímbolos é “uma forma de linguagem, um instrumento de comunicação

partilhado por todos e, em definitivo, o lugar onde se inscreve o conjunto da visão cultural”.

Dessa forma, as paisagens retêm a atenção de quem as observa, uma vez que ela se constitui no suporte das representações individuais e sociais dos indivíduos e grupos de indivíduos que criam/recriam os mesmos territórios que as compõem. O mesmo autor também destaca que a territorialidade impressa nas paisagens é fortemente impregnada de um caráter cultural. Sendo assim, por intermédio de seus *geossímbolos* é que a ação de um grupo imprime marcas que identificam e delimitam um dado território, demonstrando e reafirmando a territorialidade do grupo.

Cada grupo social possui uma interação particular com o seu espaço de vivência. Essa noção criada a partir de uma visão de mundo e de uma organização social interna própria é regida por interesses coletivos e/ou individuais fazendo com que cada grupo estabelece e exerce suas atividades diárias e vivência cotidianamente seus territórios de uma forma única e particular.

Seguindo essa proposição, o processo de configuração do território da pesca ganha corpo com o desenvolvimento de uma rede de lugares hierarquizados, compostos por acampamentos, ranchos e pontos de pesca e, também, por itinerários ou “vias”, os carreiros, que seguem os padrões socioculturais e socioespaciais de deslocamento dos grupos de pescadores. Em todos os espaços da barranca do rio são perceptíveis essas marcas criadas e/ou deixadas por esses grupos na paisagem fluvial.

Neste sentido, os produtos da relação pescadores e espaço permite vislumbrar a questão da representação social relatada por Moscovici (2007, p. 225) em que ancorar “é classificar e dar nome a algo”. Se atribuirmos nome ao desconhecido, podemos imaginá-lo e representá-lo. Ainda nas palavras desse autor, quando classificamos algo, ficamos restritos a um conjunto de comportamentos e regras que determinam o que é ou não permitido ou característico em relação aos indivíduos pertencentes à determinada classe. Da mesma forma buscamos identificar qual característica, motivação ou atitude o torna distinto daquele grupo. Na verdade, é dada uma identidade social ao que não estava identificado, ajustando-o a uma representação social predominante.

As representações sociais possibilitam-nos “compreender como o indivíduo ou a coletividade interpreta a realidade de uma sociedade, expressando o

conhecimento que cada pessoa ou grupo detém sobre um determinado tema” (ROCHA & AMORAS, 2006, p. 149). Neste sentido cremos que as representações sociais dos sujeitos da pesca são reveladoras dos conhecimentos dos ambientes locais e das formas de relações entre sujeitos e ambiente fluvial.

Contudo, para entender a força dessas representações como construtiva das identidades da barranca do rio, expressas pelos geossímbolos, é necessário o entendimento de como essas representações e as identidades atribuídas ao pescador-usuário são validadas pelos demais usuários do rio. Colocado dessa forma, na construção do território da pesca há uma correspondência “entre os homens e os lugares”, entre “uma sociedade e sua paisagem”, que está “carregada de afetividade e exprime uma relação cultural” (BONNEMAISON, 2002, p. 91).

De acordo com esse princípio, os territórios, os lugares e a paisagem não podem ser compreendidos senão em referência ao universo cultural em que estão inseridos. É preciso um olhar mais acurado sobre como esses sujeitos estabelecem seus processos de significação imagética, representação e construção e/ou estruturação territorial dos espaços da barranca do rio para que se compreenda a ação dos pescadores de lazer como sujeitos que detêm conhecimentos sobre a paisagem fluvial e são responsáveis pela alteração desta mesma paisagem.

Espera-se que esta breve reflexão teórica permita suscitar debates e, principalmente, críticas, dando subsídios aos estudos direcionados à paisagem fluvial, e que estes consideremos valores e significados que sujeitos e grupos atribuem a esses espaços nos quais convivem e interagem, criando vínculos afetivos com os mesmos.

3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.4.1 Justificativa e descrição dos métodos e técnicas de pesquisa utilizada

O modelo de pesquisa proposto, dado ao seu ineditismo e a sua associação a um provável CEL ou vernacular, não se restringe apenas a uma descrição dos apetrechos e técnicas da pesca de lazer, mas também busca compreender a relação do pescador amador com o ambiente em que se pratica essa modalidade de pesca. Cumpre destacar as dificuldades no estabelecimento desse modelo face as dificuldades e os prováveis encaminhamentos metodológicos da pesquisa a serem

escolhidos. A escolha desse modelo deve estar em consonância com a relação Homem-Ambiente.

Pautado nessa premissa, Amoroso e Viertler (2010) afirmam que “a relação Humanos-Ambiente requer, pois, entre outros, conhecimentos mais sistematizados sobre a cultura e sobre a organização social da comunidade a ser investigada”. Também que

“as relações entre o Homem e seu Ambiente físico não podem ser estabelecidas em termos de determinismos ou leis mecânicas de causa e efeito já que estas são sempre mediadas por sistemas simbólicos por eles mesmo criados: formas linguísticas, crenças, conhecimentos, mitos, ritos e padrões de organização social, padrões éticos e estéticos muito variáveis” (AMOROSO E VIERTLER, 2010, p.51).

Embasado nessa proposição, esse trabalho de pesquisa pode ser classificado como aplicado tendo em vista a sua necessidade de obtenção de subsídios e conhecimentos básicos necessários à compreensão da pesca amadora enquanto atividade social e como produto de um conhecimento local. Sob o ponto de vista de seus objetivos, a pesquisa deve ser classificada como exploratória, uma vez que almeja ampliar a compreensão de um tema ainda pouco analisado e discutido.

A pesquisa é, também, descritiva e analítica, uma vez que busca a explicação dos fenômenos à luz de dados obtidos e dos conhecimentos empíricos do pesquisador.

A metodologia utilizada parte da coleta de informações *in loco*, de registro fotográfico, localização dos pontos de pesca e dos acampamentos com aparelho GPS Garmim Etrex Legend H, de diálogos informais e da aplicação de questionários aos pescadores de origem urbana e os pescadores residentes na área rural, no alto curso desses dois rios, em áreas dos municípios de Carambeí, Castro e Ponta Grossa.

Na busca por subsídios teóricos que respondessem às questões de pesquisa e às hipóteses formuladas, elaboraram-se alguns objetivos operacionais que trouxeram um aporte de informações e dados¹⁸.

Os dados quantitativos da pesquisa foram obtidos por meio de conversas informais e da aplicação de questionários, baseados em um formulário para a coleta de dados sobre o conhecimento dos pescadores referente à taxonomia e aos nomes

¹⁸ Essas informações e dados são descritos nos resultados e discussões e basicamente referem-se ao georreferenciamento dos acampamentos, a elaboração dos acampamentos e aos apetrechos e materiais encontrados nos acampamentos e nos pontos de pesca.

vulgares das espécies ilustradas em pranchas de imagens, ao comportamento e hábitos alimentares dos peixes, reconhecimento das características físicas dos peixes e à ecologia das espécies de peixes apresentadas, bem como os materiais e práticas da pesca das espécies.

Como aporte para facilitar a compreensão dos procedimentos de pesquisa adotados tem-se uma síntese na tabela abaixo, com a(s) metodologia(s) aplicada em relação a cada objetivo proposto, tanto específico quanto operacional.

TABELA 2 — METODOLOGIA APLICADA A CADA OBJETIVO PROPOSTO

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
a) Analisar a existência de um provável CET a partir da interpretação da narrativa dos pescadores residentes na área rural.	- Observação e conversas informais - Aplicação de questionário
b) Caracterizar o conhecimento ecológico dos pescadores acerca das vocações e limitações produtivas (piscosidade) da paisagem ribeirinha, bem como da taxonomia vernacular da fauna ictiológica.	- Observação da atividade da pesca e aplicação das pranchas de imagens/questões sobre espécies e ambientes da pesca
c) Identificar os laços simbólicos dos pescadores ribeirinhos, incluindo as modalidades de trocas e de partilha de saberes e a adesão a valores constituintes da identidade coletiva aderida à paisagem ribeirinha.	- Aplicação de questionário e conversas informais - Observação da atividade da pesca e aplicação das pranchas de imagens/questões sobre espécies e ambientes da pesca

Fonte: O autor

A análise dos dados seguirá o modelo de união das diversas competências individuais (HAYS, 1976 *apud* MARQUES, 1991), em que todas as informações obtidas nas entrevistas são consideradas. Os dados obtidos foram processados seguindo a abordagem emicista/eticista, na qual os conhecimentos são comparados com aqueles correspondentes ou correlacionados na literatura científica, conforme utilizado por Marques (1995).

3.4.2. Levantamento fotográfico dos artefatos da pesca e dos ranchos de pesca

Os registros fotográficos foram realizados no período de janeiro de 2011 a dezembro de 2012, utilizando-se de uma câmera fotográfica, marca FOCCUS, doze

megapixels, zoom de 8x e de uma câmera de celular marca Motorola com três megapixels. As imagens foram digitalizadas e postadas no trabalho acompanhado da localização de cada ponto de pesca com uso de um GPS¹⁹.

Nesse tópico também será detalhado o georreferenciamento por GPS dos acampamentos de pesca, bem como a escolha dos locais ou pontos de pesca e a toponímia destes. Os detalhes na descrição dos ranchos envolveram as dimensões dos acampamentos e da área ocupada e a quem pertence e os artefatos registrados nesses locais.

3.4.3 Aplicação das pranchas de peixes para a percepção e relação dos conhecimentos e saberes da pesca amadora

Foram confeccionadas seis pranchas com duas ou mais imagens de peixes em cada uma. As pranchas foram montadas com imagens retiradas de pranchas usadas no Levantamento da Ictiofauna do rio Pitangui, em 2010, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Ana Maria Gealh. Com autorização da referida professora, selecionou-se algumas imagens de peixes que são comuns as duas sub-bacias, num total de 14 fotos, correspondentes a 14 espécies de peixes. Quatro imagens (prancha 06) foram retiradas do livro Pitangui, rio de Contrastes: seus lugares, seus peixes, sua gente (GEALH, MORO e MELO, 2010).

As pranchas foram elaboradas com papel tamanho A4, no qual foram coladas digitalmente as imagens, digitalizadas em fotocopadora e, posteriormente, plastificadas com material resistente. Também se confeccionou a plastificação de uma prancha com as questões a serem abordadas na visualização de cada prancha de imagens pelos pescadores entrevistados, totalizando sete pranchas, em anexo a este trabalho (Pranchas 01, 02, 03, 04, 05, 06 e Prancha Formulário).

O processo de entrevista foi iniciado com pescadores já contatados em 2011 e início de 2012, quando do levantamento e georreferenciamento dos acampamentos com GPS. Para cada entrevistado, foram mostradas as pranchas em sequência, fazendo a pergunta inicial se reconhecia as imagens de peixes. Tendo resposta afirmativa se procedia as demais perguntas da Prancha Formulário. Em caso de resposta tida como negativa mostrava-se a prancha seguinte. Todas as

¹⁹ Todas as fotos fazem parte do acervo particular do pesquisador.

respostas foram anotadas em caderno de campo com os dados dos entrevistados, locais da entrevista (georreferenciada) e demais dados julgados pertinentes a essa etapa da pesquisa. Finalizada a entrevista, usava-se a técnica da “bola de neve” (BAILEY, 1994, *apud* Albuquerque, Lucena & Cunha, 2010), para se descobrir outros pescadores residentes em fazendas, além dos já citados no início desse parágrafo. Essa técnica justifica-se pela dificuldade em se encontrar pescadores nas margens dos referidos rios, em virtude do difícil acesso aos pontos de pesca e as atividades desses entrevistados, que só se permitem a pesca em dias chuvosos, finais de semana e feriados.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 RANCHOS DA PESCA AMADORA

Os ranchos observados (figura 2) se constituem em locais estratégicos, quer seja pela facilidade de acesso, pelo local mais elevado da margem do rio ou pela concentração de peixes (pesqueiros). Também, esses locais se constituem em modelos representativos dos demais ranchos, acampamentos e pontos de pesca localizados nessa pesquisa²⁰ (tabela 3).

Os pescadores residentes nas fazendas ou pescadores de origem urbana usam esses locais para armazenar a tralha de pesca e demais objetos usados em uma pescaria que demande mais tempo. Também servem para proteção contra as intempéries meteorológicas.

Os acampamentos 01 e 02 foram localizados na Fazenda Agropecuária 4D (Castro – PR) e foram montados com lona plástica. O primeiro encontra-se ainda em uso, e o segundo estava abandonado e parcialmente desfeito. Em ambos observou-se a existência de pedras servindo como bancos, latas de iscas, embalagens de alimentos, recipientes para iscas e lanternas feitas de lata de estanho.

O acampamento 03 foi fotografado no final de 2010. Na última visita, em dezembro de 2011, já havia sido desfeito, restando alguns suportes usados na sua confecção.

As localizações 04 e 05 referem-se ao mesmo rancho, sendo a 04 a reconstrução do rancho anterior. Esse rancho existe há cerca de três anos.

Os ranchos 06 e 07 são os de mais antiga ocupação, sendo que, de acordo com o proprietário, “seu Dorico”, o rancho 07 existe no local há mais de 15 anos, enquanto que o acampamento 06, da Família Kingeski, foi construído há mais de 20 anos e reconstruído três vezes. Os acampamentos 08, 09 e 10 são temporários.

A montagem e organização do acampamento 10, feito por usuários com laços de parentesco com os moradores locais, assemelha-se aos demais acampamentos analisados. Em um ponto mais alto das margens do rio Pitangui foram montada duas barracas para *camping* e um pouco afastadas e

²⁰ Os 12 pontos de pesca mapeados com GPS estão representados na tabela do apêndice 9.

confeccionadas com plástico do tipo polietileno (PEBD) de coloração preta e com espessura de 0,18mm. Sob esta cobertura faz-se a fogueira e são organizadas a “tralha da pescaria”, recipientes, panelas e gêneros alimentícios, bem como a roupa molhada posta a secar ao lado do fogo, em varas fixadas ao solo. Essa cobertura serve, também, para manter o fogo aceso e protegido do mau tempo e ponto de socialização durante as refeições.

No rio Jotuva foram localizados apenas dois acampamentos fixos (11 e 12), ambos com características semelhantes aos observados às margens do rio Pitangui.

Baseando-se nessas afirmações, observou-se nos ranchos e/ou acampamentos a existência de apetrechos de pesca, de enxadas para retirada de iscas (minhocas e minhocões do banhado), machados, facões, foices, lampiões, objetos de higiene, de cozinha e usados no ato do descanso ou para dormir. Também alguns outros artefatos confeccionados para desenroscar anzóis e para proteção contra os insetos hematófagos (*borrachudos*, *micuins*²¹ e *mosquitos*); escadas para retirada de frutas. Em outro acampamento observou-se a existência de caixas de abelhas para substituir as que foram sendo estragadas por animais ou pelo tempo, demonstrando que os acampamentos têm várias funções além de servirem como abrigo de pesca.

Os doze pontos de pesca, com ranchos de pesca, observados (figura 2) e georreferenciados (tabela 3) permitiram a categorização dos ranchos existentes como permanentes, temporários e de veraneio. Nessa caracterização, os três ranchos de pesca permanentes, localizados no rio Pitangui e os dois ranchos localizados no rio Jotuva, reúnem condições diferenciadas entre si e que permitem uma diferenciação das características existentes. Assim, a descrição dos atributos fisiográficos da paisagem em cada rancho de pesca, bem como suas características estruturais, está representada em três perfis.

²¹ Micuins: termo usado para designar os carrapatos (*Amblyomma*) na fase juvenil.

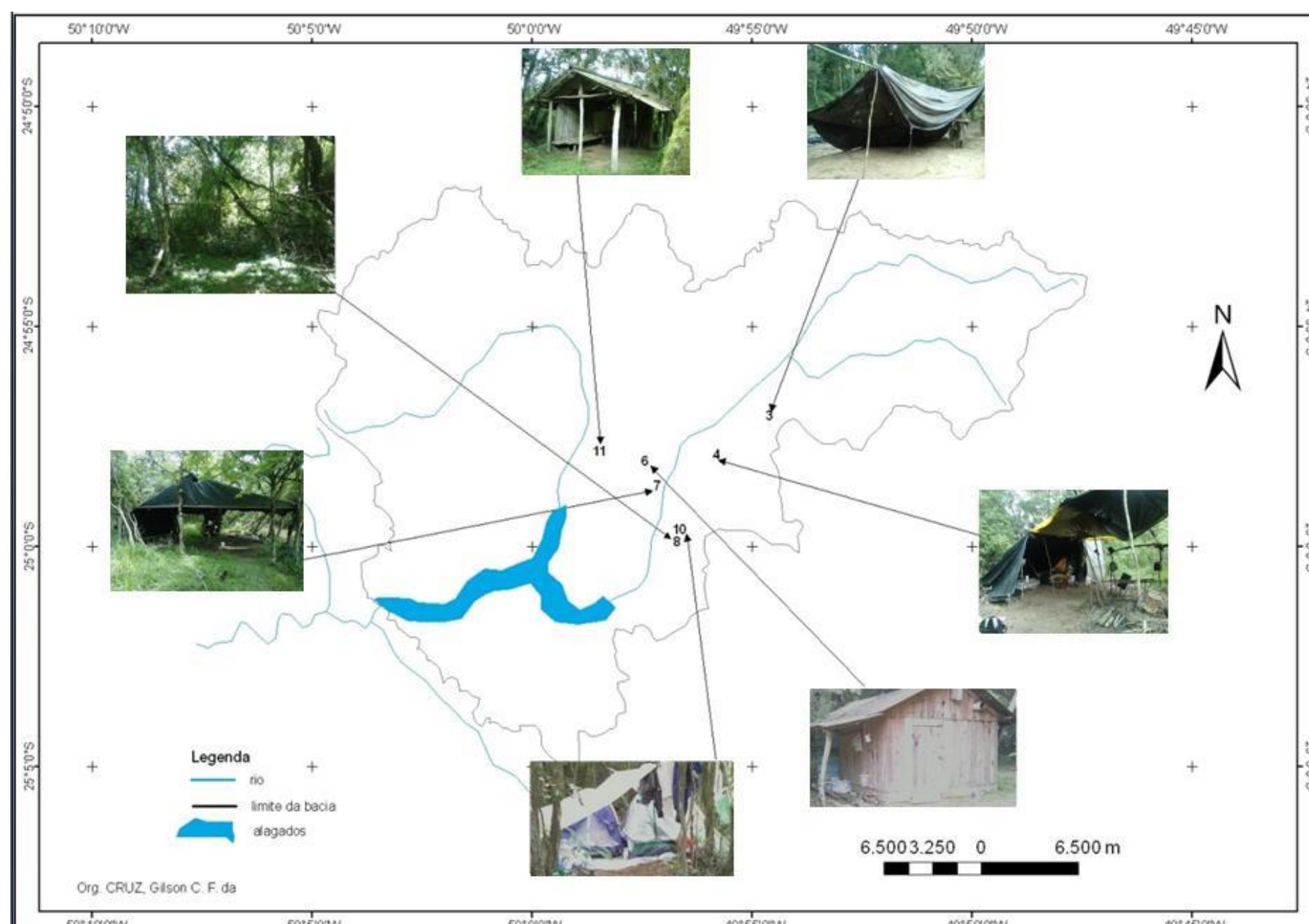
TABELA 3 — INDICAÇÃO DAS COORDENADAS GEOGRÁFICAS E DA ALTITUDE DOS LOCAIS DE ACAMPAMENTOS PLOTADOS NA FIGURA 02

Acampamento/Rancho	Tipo de Acampamento ou Rancho	Localização (Coordenadas Geográficas)	Altitude (metros)
03	Acampamento Temporário	24°56'378"S 49°55'322"O	957
04/05	Acampamento Temporário	24°57'588"S 49°56'21"O	941
06	Rancho Permanente	24°58'896"S 49°57'058"O	930
07	Rancho Permanente	24°59'778"S 49°57'049"O	944
08	Local de Acampamento	25°00'854"S 49°57'517"O	923
10	Acampamento de Veraneio	25°00'781"S 49°57'374"O	926
11	Rancho Permanente	24°57'549"S 49°58'593"O	944

Fonte: O autor²²

²² A tabela com os doze locais de acampamentos e ranchos está no apêndice 9.

FIGURA 2 — MAPA DE LOCALIZAÇÃO DE PONTOS DE PESCA REPRESENTATIVOS (RANCHOS/ACAMPAMENTOS)



Da esquerda para a direita: no rio Pitangui Ranchos/Acampamentos 03, 04/05, 06, 07, 10 e 08; no rio Jotuva: acampamento 11.

4.1.1 Ranchos de pesca permanentes

Os ranchos de pesca permanentes são construídos em madeira, com estrutura geralmente feita com troncos de árvores do próprio local de construção. Tem em média entre 8 a 24 metros quadrados e estão localizados a cerca de cinco metros do leito do rio, comumente em locais onde o barranco²³ é mais elevado e o solo é mais estável. Foram construídos em pontos de pesca marcados por níveis mais altos em relação ao leito do rio, quase sempre com intrusões graníticas. Possuem portas e janelas de madeira, podendo ter fogão a lenha e uma cobertura lateral onde são guardadas varas, redes e caixas de abelha, enxadas, facões, foices, bem como a existência de uma “tarimba²⁴”, etc. Existem cinco ranchos de pesca permanentes, sendo três no Jotuva e dois no Pitangui.

Na representação gráfica dos ranchos²⁵ tomou-se como base a existência diferenciada dos ambientes em que foram construídos. Os três ranchos existentes no rio Pitangui estão em ambientes que não têm as mesmas características de solo e vegetação. A escolha do local de construção em relação à distância do rio seguem padrões particulares a cada rancho. Da mesma forma, cada rancho tem um aspecto arquitetônico diferente dos demais, tanto em relação à forma quanto aos materiais empregados.

Como o primeiro modelo representativo de rancho permanente (figura 3) temos o da família Kingeski, localizado na margem direita do rio Pitangui, numa pequena depressão cercada por um morro de cerca de 50 metros de altura. Esse rancho está situado em um trecho meandrante do rio Pitangui, em um ambiente mesófilo da Floresta Ombrófila Mista Aluvial (FOMA), com destaque para a existência de dois estratos vegetacionais bem diferenciados: um estrato superior de árvores, cujo dossel possui cerca de 20 metros de altura e um estrato inferior, com alturas entre 2,5 a 3 metros, de troncos finos indicando um provável ambiente em regeneração (capoeira rala). Entre as árvores do estrato superior destacam-se espécies como a canela e imbuia (Família *Lauraceae*), aroeira (Família *Anacardiaceae*) e capororoca (Família *Myrsinaceae*), etc. A existência da Imbuia é indicadora de ambiente mesófilo. Não foi observada a existência do branquinho ou

²³ Termo comum para margens do rio.

²⁴ Tarimba: cama ou estrutura de varas afastada do solo para a proteção contra animais peçonhentos.

²⁵ Pelas semelhanças de ambientes e de características arquitetônicas com os ranchos do Rio Pitangui, optou-se pela não elaboração de um perfil dos dois ranchos existentes no Rio Jotuva.

branquilho (Família *Euphorbiaceae*, já que esta é uma espécie comum nas áreas de FOMA, também denominada de *floresta de branquilha*).

FIGURA 3 — Rancho de pesca permanente (I)



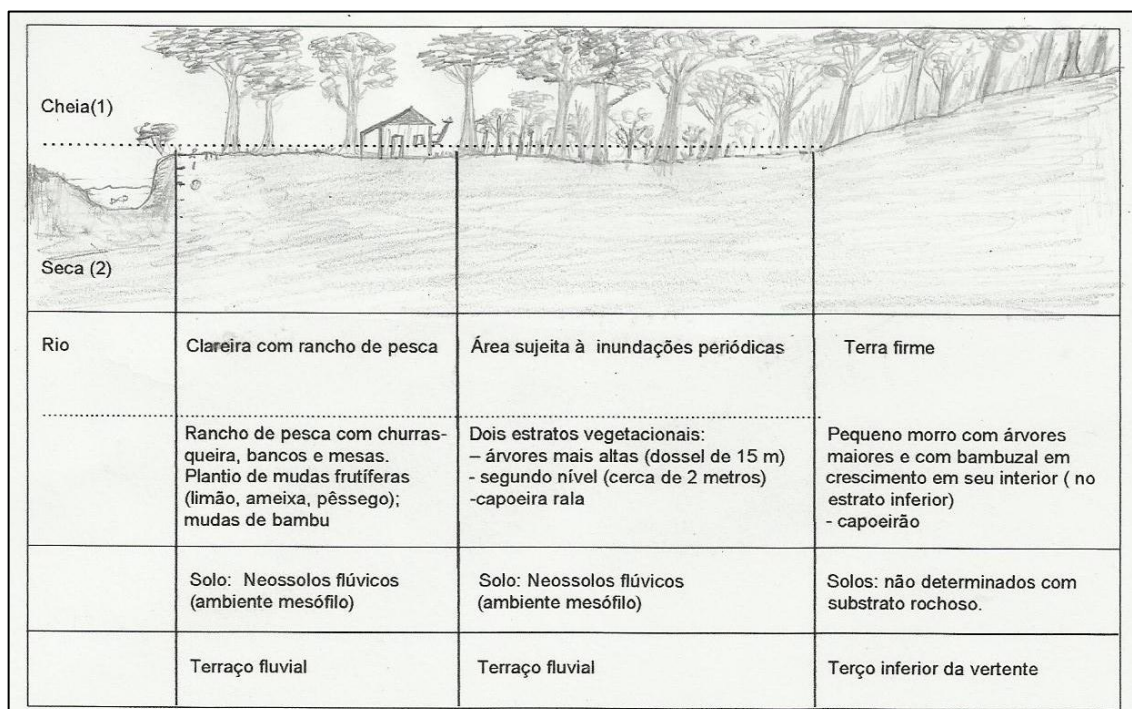
Rancho de pesca da Família Kingeski – Coordenadas Geográficas: 24°58'896"S - 49°57'058" O
Fonte: O autor.

A clareira onde está localizado o rancho de pesca possui cerca de 90 metros quadrados, em um espaço provavelmente roçado e que se apresenta coberto de gramíneas. O desnível do terreno em relação ao leito do rio é de cerca de 2 metros de altura, em trecho meandrante onde se observa a existência de praias e de depósitos aluviais (areia e argila) em ambas as margens, nos locais onde o barranco é menos pronunciado. O solo da clareira é coberto por gramíneas e entremeado pelo plantio de espécies arbóreas frutíferas exóticas: pessegueiro, ameixeira, limoeiro e/ou frutíferas nativas: araçazeiro e pitangueira.

A observação do solo, realizada por meio de um trado do tipo holandês de um metro e dez centímetros indicou a composição textural da superfície ao nível mais profundo: areia fina/matéria orgânica/areia grossa e argila/areia grossa/areia média e argila gleizada, indicando ser um Neossolo Flúvico²⁶.

²⁶ Solos derivados de sedimentos aluviais e que apresentam caráter flúvico. Horizonte glei, ou horizontes de coloração pálida, variegada ou com mosqueados abundantes ou comuns de redução, se ocorrem abaixo do horizonte A, devem estar a profundidades superiores a 150 cm (SBCS, 2009, p. 238).

FIGURA 4 — PERFIL TRANSVERSAL DA ÁREA DE RANCHO DE PESCA PERMANENTE (I)



Fonte: O autor

O rancho está localizado em um terreno plano, acima do nível das enchentes frequentes do rio (superior a 2m em relação ao leito do rio). O rancho foi construído em madeira pinus, na forma de duas águas²⁷, possui aproximadamente de 16m² (5,62m x 3,40m), com alturas lateral de 2,20m e do cume de 3m; com uma varanda lateral de 10m² (1,5m x 5,62m). Observa-se ao redor do rancho a existência de bancos e mesas fixos ao solo e de uma churrasqueira. Observou-se também que os alicerces do rancho possuem cerca de 40cm, indicando o provável nível de cheia do rio.

O nível de assoreamento observado permite deduzir-se que geralmente as chuvas de maior intensidade provocam a subida das águas acima do barranco em questão, fato que não deveria ser observado na época de construção do rancho. O solo deste local, contudo, indica boa permeabilidade e rápida infiltração o que garante um ambiente para o bom desenvolvimento de árvores nativas como a imbuia e canelas, bem como espécies frutíferas exóticas e nativas. O rio possui em média meio metro de profundidade e alguns locais mais profundos, variando entre meio metro a um metro e meio de profundidade.

²⁷ O proprietário Ismael Kingeski contou que toda a madeira usada na construção foi transportada em uma moto pela impossibilidade de se chegar ao local com outro tipo de transporte.

Na última visita ao local, para a entrevista dos pescadores, foi constatada a alteração da arquitetura do rancho, com a construção de uma extensão frontal (cobertura) feita com madeira local (troncos) e telhas de fibras (amianto). Segundo os pescadores essa cobertura frontal seria o espaço para rodas de conversa e realização de partidas de baralho, bem como o local para servir as refeições.

O acesso ao local faz-se por uma estrada de terra de 3km dentro da fazenda de Fernando Nadal e, no trecho da floresta Ombrófila, por um carreiro de cerca de um quilômetro. Existe um pequeno córrego de água usada para consumo próximo do rancho. No local onde o córrego deságua no rio foi improvisado um espaço de captação de água e local para banho — bica d'água.

Em função das características da paisagem inventariada, com solo profundo, coberto por gramíneas, com clareira inferior a 90m² e componente arbóreo em regeneração — capoeira rala — deduz-se que o tipo de uso e manejo dos elementos bióticos e abióticos não se apresenta como fator de degradação da margem do rio ocupada, apresentando condições de relativa estabilidade — recuperação — do ambiente.

O segundo rancho de pesca permanente no rio Pitangui está localizado margem esquerda do rio Pitangui, nas coordenadas: 24°59'778"S — 49°57'049" O, na Fazenda Bela Vista, de propriedade de Antonio Nadal (figura 5).

O rancho de pesca localiza-se à margem do rio Pitangui, no local onde há um pequeno meandro abandonado do rio, denominado de “estacionamento das carpas” pelo proprietário, “seu Dorico”. Diferente dos outros ranchos, este fica na área sujeita às inundações e foi construído aproveitando as árvores existentes no local, sendo confeccionado com lona plástica preta (poliuretano), com apenas a cobertura com esse material e uma pequena área lateral que protege uma mesa de madeira e o local do fogo. Na estrutura do telhado foram usadas ripas de madeira. É o maior acampamento em área ocupada: 64m² (8m x 6m, com 3m de altura); e não possui clareira ao redor, a exemplo do rancho de pesca temporário (figura 7).

FIGURA 5 — Rancho de Pesca Permanente (II)

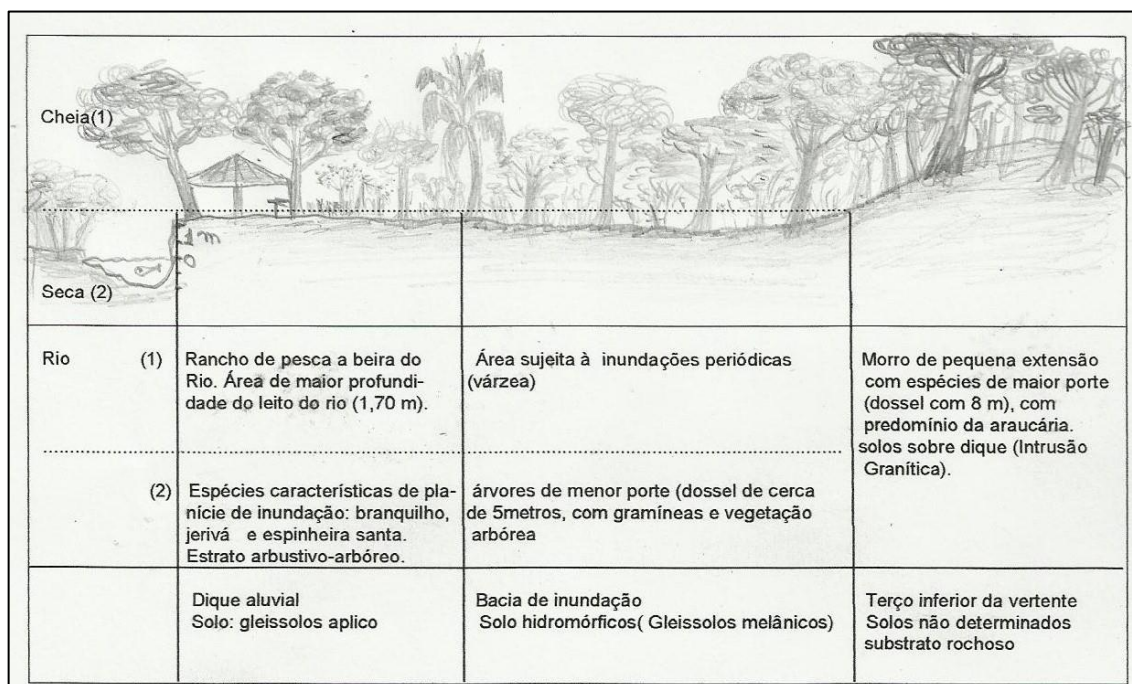


Rancho de pesca na Fazenda Bela Vista – Coordenadas Geográficas: 24°59'778"S – 49°57'049"O.
Fonte: O autor

Em relação às características naturais é um ambiente hidrófilo sujeito às variações frequentes do nível do rio, em função do assoreamento do seu leito. Possui árvores características das áreas inundadas, como o “jerivá” (Família *Arecaceae*), o branquilha (Família *Euphorbiaceae*), espinheira-santa (Família *Celastraceae*) e diversas outras árvores de pequeno porte mais espaçadas, com um dossel de cerca de 4 a 5 metros de altura. No local tem-se uma vegetação de gramíneas e arbustos característicos de ambiente hidrófilo. Na margem oposta a vegetação é mais densa com predomínio de árvores de maior porte.

A sua localização entre um trecho de FOMA, bem preservada e uma pequena planície de inundação torna difícil o acesso de outros pescadores, fato que torna esse local de uso restrito aos moradores da fazenda Bela Vista.

FIGURA 6 — PERFIL TRANSVERSAL DE ÁREA DE RANCHO DE PESCA PERMANENTE (II)



Fonte: O autor

4.1.2 Ranchos de pesca temporários

Os ranchos de pesca temporários são construídos com materiais diversos, destacando-se, geralmente, o poliuretano preto de 2mm de espessura, usado como cobertura de implementos agrícolas ou forro de espaços de silagens nas fazendas (figura 7) ou lonas de tecido. Nesse tipo de rancho de pesca todos os materiais usados pelos pescadores são deixados nos locais e respeitados pelos demais usuários que frequentam esses pontos de pesca. Os pescadores trazem apenas os gêneros alimentícios, as iscas que usam nas pescarias e alguns apetrechos de pesca (varas, linhas e anzóis).

O local do rancho está sobre um pequeno morro na margem esquerda do rio Pitangui, na localidade do Lago. O espaço é uma elevação longitudinal — na forma de espigão: dique ou terraço aluvionar — com cerca de 80 a 100 metros de extensão e com um topo, com cerca de 2,5 metros acima do nível da água. A região ao redor desse morro é planície aluvionar sujeita às inundações frequentes do rio tendo em vista o nível de assoreamento do leito do Pitangui²⁸.

²⁸ A Prefeitura de Carambei e particulares extraem areia do leito do rio aproveitando a disponibilidade desse recurso mineral próximo a área do rancho, em dois pontos a montante do rio.

FIGURA 7 — Rancho de Pesca Temporário

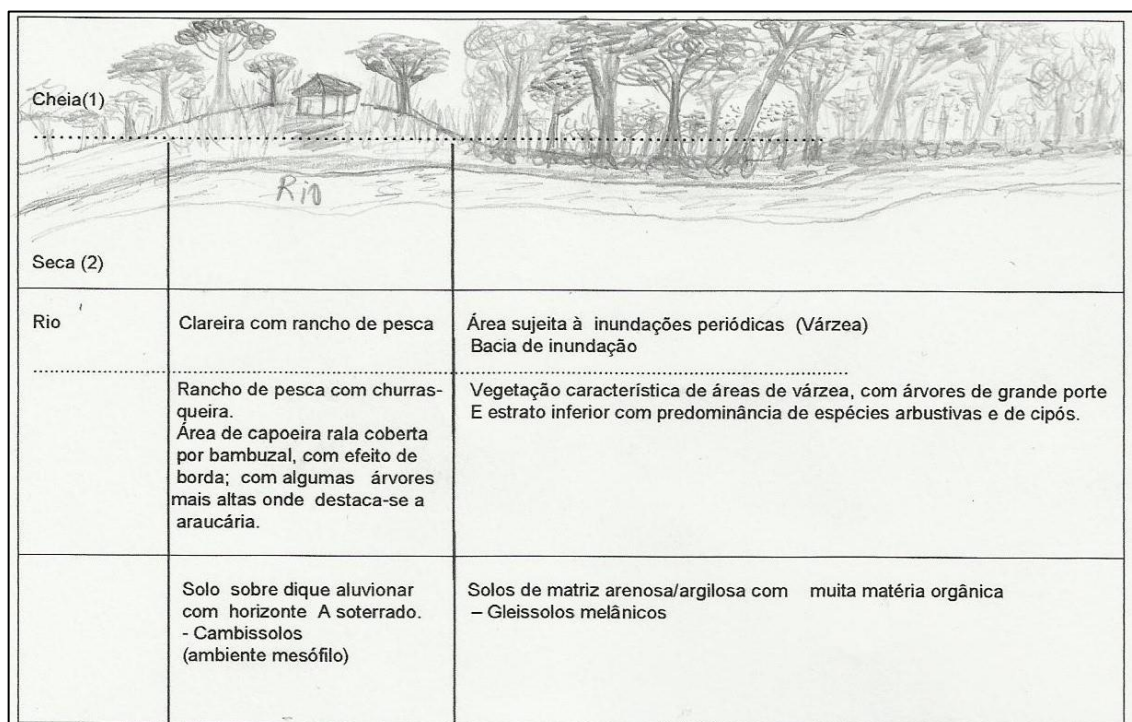


Rancho de pesca temporário, localizado nas Coordenadas Geográficas: 24°57'588"S – 49°56'21"O.
Fonte: O autor

A vegetação é composta por uma faixa com predomínio de araucária, Lauráceas outras espécies arbóreas com cerca de 3 a 5 metros de altura, entremeados por uma vegetação de capoeira rala com predomínio de taquaras²⁹, fato que demonstra um processo anterior de retirada da vegetação ou de processo de queimada (figura 8).

²⁹ Família bambusóides.

FIGURA 8 — PERFIL LONGITUDINAL DE ÁREA DE RANCHO DE PESCA TEMPORÁRIO



Fonte: O autor

O local de construção do rancho é um ambiente mesófilo cercado por áreas de inundação com vegetação mais exuberante nessa área onde as árvores têm maior altura e envergadura; o dossel tem de 5 a 15 metros de altura, entremeado por um sub-bosque onde predominam espécies de menor porte, como o cambuí (*Myrtus rubra*), cipós e vegetação rasteira comum às áreas úmidas, e solos com muita matéria orgânica. Essa vegetação está bem conservada demonstrando uma menor ação antrópica nessa área.

A clareira onde foi construído o acampamento tem cerca de 100 metros quadrados, com parte já tomada por taquaras e espécies pioneiras, fato que inibe a regeneração de outras espécies pela pouca quantidade de luz que chega ao solo. Somente parte da clareira onde está o acampamento é limpa e não sofre todos os impactos da área maior da clareira. A área frontal desse acampamento é mais preservada em relação aos dois outros ranchos analisado, sendo observado o impacto maior ao redor do acampamento.

As medidas do acampamento são de 4,5m x 2,40m, com altura no ponto de sustentação de 1,90 metros. O espaço frontal do acampamento até o leito do rio é de 4,5 metros de comprimento. O solo analisado é composto por várias camadas

demonstrando ser um Neossolo Fluvico sobre dique aluvionar com um horizonte A soterrado

Percebe-se um uso menos frequente do rancho pelos sinais de abandono e aumento da vegetação ao redor. O espaço das fogueiras pela altura dos resíduos (15cm) demonstra uma ocupação por um longo período.

4.1.3 Ranchos de pesca ou acampamentos de veraneio.

Quanto aos acampamentos de veraneio, foi observada apenas uma ocorrência, nas coordenadas geográficas: 25°00'781"S — 49°57'374"O, com duas barracas de *camping* e uma cobertura de poliuretano preto sobre um fogão improvisado (figura 9). Esses acampamentos são montados em locais planos e secos, fora do alcance de cheia do rio.

Os pescadores se aproveitam de uma clareira natural da mata ou abrem espaço cortando a vegetação existente, composta de arbustos e gramíneas. Geralmente, há a montagem de uma ou duas barracas de *camping* dependendo do número de pescadores participantes; e também, há o uso de vinilona ou de lona plástica (PEBD) para a montagem de um abrigo para o fogo e para as tralhas³⁰ da pescaria, bem como para forrar as barracas e impedir o contato direto com a umidade proveniente dos solos encharcados ou úmidos. Comumente, a lona que serve de abrigo ao fogo e ao próprio acampamento é esticada por cordames de *nylon* e, em algumas situações observadas, por arames ou cipós. Também podem ser amarradas por tiras de embira retiradas do próprio local.

Em outros acampamentos de veraneio observados em trechos do baixo curso do rio Pitangui e nas margens da represa de Alagados, o uso de lonas para forro e coberturas das barracas e do fogo (fogueira) são semelhantes, o que demonstra que essa prática é comum para os pescadores amadores.

³⁰ As tralhas correspondem aos materiais que os pescadores trazem, desde as roupas e apetrechos de pesca até bancos, mesas e outros materiais que proporcionam maior conforto à pescaria.

FIGURA 9 — ACAMPAMENTO DE VERANEIO



Acampamento nas coordenadas geográficas: 25°00'781"S - 49°57'374"O.

Fonte: O autor

4.2 ARTEFATOS, GEOSSSÍMBOLOS E AS PRÁTICAS DA PESCA NA ÁREA DE ESTUDO

Os pescadores individuais, ou grupos de pescadores, usam o rio como espaço de lazer e de pesca e confeccionam diversos artefatos³¹.

Observou-se *in loco* que os artefatos têm características semelhantes e/ou peculiares em toda a área de pesquisa. Como um dos objetivos operacionais é o estudo e a descrição desses artefatos de pesca usou-se o termo *geossímbolo* como conceituação.

Como artefatos característicos dos ranchos e dos pontos de pesca, existe o uso de forquilhas de árvores como suportes de varas longas com forquilhas nas pontas, usadas como desenroscadores de anzóis; lanternas feitas de latas de estanho com projeção de luz pela queima de velas; lampiões feitos de latas/vidros tendo o óleo diesel como combustível da mecha; fogueiras com várias configurações de montagem; tubos com estopa embebida em óleo diesel para produção de fumaça como repelentes de insetos; pinguelas para transposição de pequenas valas ou valetas de córregos marginais entre outros. Esses utensílios indicam uma prática (rituais) de sociabilização entre os usuários da barranca do rio.

³¹ Registrados por fotografias e/ou desenhos.

Serão descritos os artefatos observados nos pontos da pesca e a localização destes com os acampamento e pontos de pesca. A descrição de cada geossímbolo é acompanhada pela ilustração com duas fotografias³² que demonstram as características mais representativas de cada geossímbolo.

Os geossímbolos comuns à maioria dos ranchos e pontos de pesca são:

a) Desenroscadores de anzóis: são varas longas e com forquilhas, cortadas no local e usadas para desenroscar os anzóis levados para os emaranhados de raízes submersas (figura 10). Geralmente são usadas varas de Cambuí³³. Observaram-se vários desses desenroscadores, na maioria das vezes confeccionados com hastes de árvores ou taquaras. Em um acampamento (do “seu Dorico”) o desenroscador foi confeccionado com uma forquilha invertida e amarrada com elástico em uma vara de taquara.

FIGURA 10 — Desenroscadores de anzóis



Foto (esquerda) – desenroscador de anzol com forquilha invertida; Foto (direita) – desenroscadores em varas com forquilhas normais.

Fonte: O autor

b) Lampiões e lanternas de vela: é comum a exigência nos acampamentos de lampiões confeccionados com vidros de conserva ou materiais metálicos (estanho) de acondicionamentos de achocolatados, ou mesmo latas de cerveja, que

³² Todas as fotos usadas nesse trabalho são de autoria do próprio pesquisador e foram obtidas no período de 2010 a 2013. Por problemas de configuração da máquina fotográfica, algumas fotos podem indicar uma data incorreta (2009).

³³ Espécies do gênero *Myrcia*, é uma árvore de porte médio muito comum em terrenos bem irrigados e mesmos nos capões da *biota* dos Campos Gerais do Paraná.

são usados como fonte de iluminação nos acampamentos e ato de percorrer os carreiros à noite para a revista das linhas de espera ou para a pesca de bagres (figura 11).

FIGURA 11 — LAMPIÕES E LANTERNA DE LATA



Lampiões em latas e vidros (esquerda) — Lanterna de vela em recipiente de tinta de 3,6 litros (direita).

Fonte: O autor

Esses lampiões são confeccionados com os recipientes citados usando-se como mecha um pedaço de tecido enrolado por uma lamina de alumínio, cortado de latas de cerveja ou refrigerante e inserido em um furo da tampa do recipiente. O combustível usado geralmente é o óleo diesel usado em máquinas agrícolas. Outro artefato é confeccionado com latas (estanho³⁴) é a lanterna de velas. Faz-se uma abertura lateral no recipiente ou usa-se a própria abertura do recipiente para a formação de um fecho de luz pela refração da luz na superfície do recipiente. As lanternas de vela são bastante comuns nos ranchos de pesca e geralmente possuem uma alça para o transporte e para a fixação nos troncos das árvores.

c) Suportes de varas: confeccionados com galhos ou caules retos e com forquilhas nas pontas e que servem para sustentar as varas nas pescarias de espera (figura 12). Também são confeccionados com amarrações de duas ou mais varas para a obtenção de uma estrutura onde sejam colocadas várias varas de pesca. Em algumas situadas observa-se o uso de um pequeno tronco suspenso ou apoiado em outros troncos ou galhos serviam de suporte as varas de pesca. Esses suportes de pesca também são usados para se prender a extremidade de uma linha de pesca de espera na captura de bagres e traíras.

³⁴ Metal extraído da cassiterita que por ser resistente a oxidação é usado na fabricação de recipientes para conservação de alimentos.

FIGURA 12 — Suportes de varas em forquilhas (a, b)



Dois modelos de suportes de varas em forquilhas: foto (esquerda) simples; foto(direita) duplo com vara de sustentação.

Fonte: O autor

d) Fumagueiros: são objetos usados na queima de óleo diesel para produção de fumaça que mantém os insetos hematófagos longe dos pescadores (Figura 13). O termo fumagueiro é sugerido pelo autor da pesquisa tendo em vista não haver uma denominação dada a esse objeto pelos pescadores entrevistados. Como a maior parte dos pontos de pesca possui uma vegetação densa, a incidência de insetos dificulta a pescaria pelo desconforto gerado com o zumbido destes e pelo incômodo das picadas. Para manter os insetos longe do acampamento e dos pontos de pesca é comum que se use a fumaça produzida pela queima do óleo diesel. Na maioria dos Fumagueiros observados, geralmente confeccionados com tubos metálicos, há a prática da inserção nesses tubos da estopa ou de pedaços de tecido, que ao serem embebidos de óleo diesel, queimam por várias horas. Em um acampamento foi observado o uso de serragem embebida em óleo diesel e acondicionada em um recipiente de 3,6 litros como fumagueiro.

FIGURA 13 — Fumagueiros com estopa para queima de óleo diesel



Fumagueiro (direita) confeccionado em um tubo com haste de metal para fixação ao solo; fumagueiro (esquerda) em tubo longo.

Fonte: O autor

e) Bancos: confeccionados em madeira processada ou com troncos de árvores (cepos), sendo afixados nos pontos de pesca e nos locais onde foi feito a ceva (figura 14). É um item que dá maior comodidade ao ato da pesca.

FIGURA 14 — Bancos de madeira (a, b).



Foto(esquerda) Banco Madeira sobre toco; foto (direita) Banco de tábua fixado por estacas laterais (em destaque um facão usado para limpeza do local e como arma de defesa contra animais).

Fonte: O autor

f) Mesas e bancadas: observou-se nos ranchos de pesca e em alguns pontos de pesca onde forma montados acampamentos temporários, a existência de mesas e de bancadas usadas para armazenar os utensílios de cozinha e de pesca.

No rancho da Família Kingeski existe uma mesa ao ar livre, confeccionada em madeira, que tanto pode usada para a limpeza de peixes como para servir as refeições (figura 15).

FIGURA 15 — Mesas de madeira



Foto (esquerda) Mesa de madeira de forma irregular, apoiado em quatro estacas; à margem do rio Pitangui. Ao fundo uma vara de espera armada para a captura de bagres. Foto (direita) Mesa de material compensado e banco de tábuas.

Fonte: O autor

g) Pinguelas: os pescadores usam os materiais disponíveis e sua engenhosidade para criar objetos que facilitem o deslocamento entre os pontos de pesca. Assim, são construídas algumas pinguelas, que podem ser de troncos e galhos colocados sobre banhados e sangas e usados na transposição desses locais. Outras passagens, mais elaboradas, foram construídas com troncos cortados e aplainados, amarrados com arames. Foram observadas pinguelas em quase todos os acampamentos e pontos de pesca, sendo esses itens comuns ao longo dos carreiros nas margens dos dois cursos fluviais.

FIGURA 16 — Pinguelas

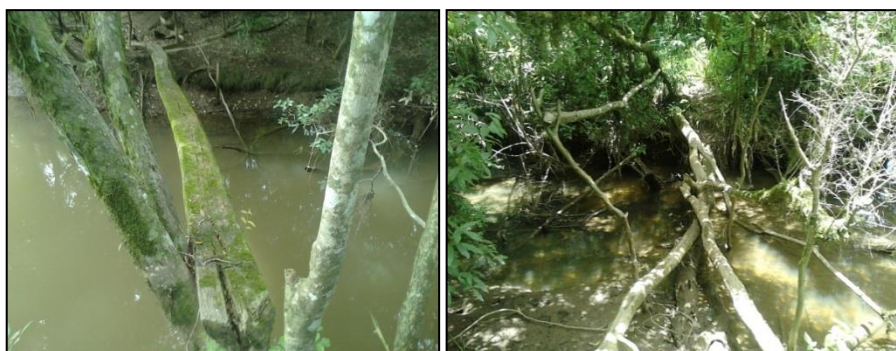


Foto (esquerda) – Pinguela em tronco aplainado, suspenso e fixado com arames; Foto (direita) Pinguela com galhos e troncos entrelaçados e com apoio lateral.
 Fonte: O autor

h) Carreiros: o deslocamento entre um ponto de pesca e outro acaba gerando um trecho “batido”³⁵ e demarcado entre a vegetação que possibilita o deslocamento ao longo das margens do rio. Como a vegetação existente nas margens do RP-RJ é composta de espécies arbóreas, algumas com espinhos e principalmente por bambusóides e cipós, o deslocamento entre os vários pontos de pesca só é possível com a abertura desses carreiros. É comum fazer o uso de foices e facões para a abertura desses caminhos. Não se quantificou a distância em metros de cada carreiro, mas torna-se fato que esses carreiros ligam vários ranchos e pontos de pesca, o que leva a dedução de uso frequente dos vários ranchos e pontos de pesca por alguns grupos de pescadores que usam essas vias para o seu deslocamento.

FIGURA 17 — Aspectos dos carreiros nas margens do rio



Foto (esquerda) — carreiro em meio a vegetação arbórea; Foto (direita) — carreiro em vegetação arbustiva-arbórea (b).

Fonte: O autor

³⁵ O solo é compactado pelo movimento constante dos pescadores seguindo sempre um mesmo caminho.

i) Recipientes de iscas: são constituídos por latas, ou recipientes plásticos, usados para o acondicionamento, transporte e para a conservação de minhocas e minhocuçus e também para o acondicionamento de outras iscas, como massas e miúdos de aves, porcos ou e de bovinos. A diversidade está relacionada à disponibilidade que cada pescador tem desses materiais em sua residência. Podem ser recipientes anteriormente usados no acondicionamento de alimentos, líquidos ou produtos agrícolas. Geralmente os recipientes de plástico são cortados ao meio e usa-se um arame, fio de *nylon*, tiras de embira ou cordame de fibras como alça de transporte. Para a aeração das iscas vivas, no caso de minhocas e minhocuçus, é comum que o fundo seja perfurado com pregos. Muitos desses recipientes são reutilizados em várias pescarias até que se tornem impróprios e acabem descartados no local da pesca. Muitos recipientes, dependendo do seu tamanho, como no caso de embalagens plásticas de 40 litros (galões de água, de defensivos agrícolas ou de combustíveis), são usados para manter as iscas vivas por semanas, entre duas ou mais pescarias, diminuindo-se a necessidade e o tempo gasto na retirada das iscas do solo.

FIGURA 18 — Recipientes para acondicionar iscas



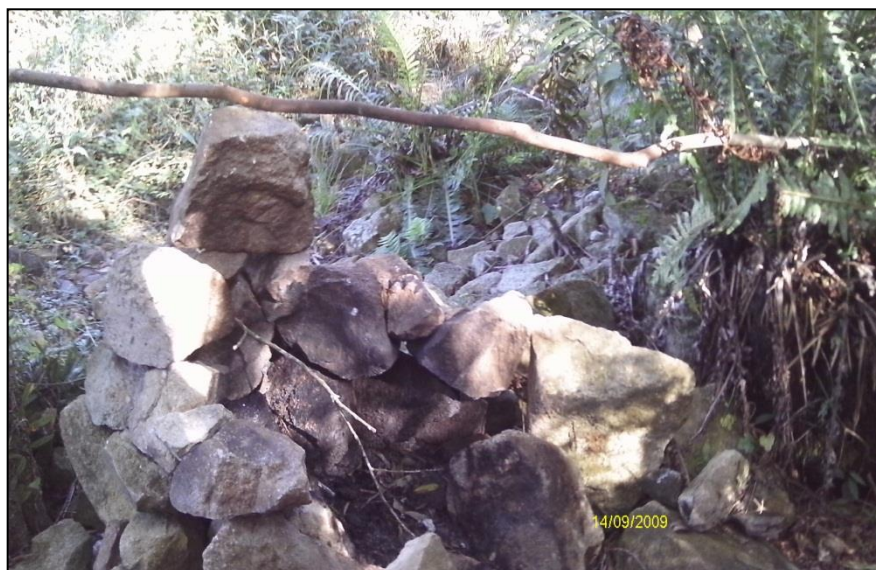
Foto (esquerda) - Baldes de metal de 3,6 litros. Foto (Direita) - Recipiente de plástico.
Fonte: O autor

j) Fogueiras e churrasqueiras: confeccionados com pedras, tijolos ou varas com forquilha, onde são cozidos e/ou assados os alimentos e “faz-se” o churrasco e a linguiça. Existem diversos tipos de fogueiras/churrasqueiras nos ranchos de pescas e nos demais pontos de pesca. O aspecto de cada uma depende dos materiais disponíveis à sua construção. Normalmente o pescador usa pedras ou

trocos caídos para proteção contra o vento e dispõe quatro varas com forquilhas afixadas ao solo, onde são apoiadas duas varas que sustentarão os espetos ou a grelha. Os materiais de queima geralmente são compostos por grimpas de pinheiros e madeira dura, geralmente cambuí e guamirim (Família *Myrtaceae*). Observa-se que, como fato comum ao termino das pescarias, o uso dessas fogueiras para a incineração dos materiais descartáveis trazidos pelo pescador, como embalagens de refrigerante e sacolas plásticas.

A prática de se acender o fogo e as conversas que ocorrem ao redor da fogueira tornam-se um aspecto simbólico importante no relacionamento dos membros do grupo. É neste espaço, ao redor das fogueiras, que se desenvolvem conversas e relatos da pesca do dia. Os rituais de preparo da comida, da beberagem do chimarrão e da caipirinha que se estabelecem em torno delas deve ser entendido como um símbolo de reciprocidade entre os pescadores. É nesse local que os pescadores relatam suas experiências de pesca, contando causos e relatos de pescarias, de momento ou passados, contribuindo para a criação e reprodução dos conhecimentos dessa atividade. A socialização do que ocorreu durante a pescaria, das práticas utilizadas e que deram certo, dos materiais e iscas mais propícios a cada espécie de peixe, bem como das características de cada ponto de pesca permitem que esses conhecimentos sejam mantidos pelo grupo e repassados a outros pescadores, sejam eles vizinhos, amigos ou parentes. Também é o momento do pescador rever suas práticas e planejar as próximas pescarias.

FIGURA 19 — Fogueiras e churrasqueiras (a)



Local usado para fazer fogueira, cercado por pedras e com vara como suporte pra espetos.
 Fonte: O autor

FIGURA 19 — Fogueiras e churrasqueiras (b)



(b) Churrasqueira com suportes de varas, espeto, tijolos e grelha.
 Fonte: O autor

k) Facões e foices: é comum a todos os ranchos observados a existência de facões de corte e de foices usados como instrumentos no corte de árvores, confecção dos suportes de varas, de limpeza do local de pesca e dos carreiros e, em alguns casos, como armas de defesa contra animais da região, geralmente cobras venenosas e, até mesmo, da suçuarana³⁶. Assim como a vara de pesca, o facão torna-se um item indispensável nas pescarias, sendo carregado muitas vezes em uma bainha³⁷ presa ao cinto do pescador. Da mesma forma que o uso do facão de corte, alguns pescadores optam por usar um punhal ou faca de caça e pesca. Esses objetos fazem parte do dia a dia dos trabalhadores e são levados e deixados nos acampamentos para serem usados quando necessários. Os facões observados por seu aspecto de uso, com cabos gastos, quebrados e envoltos em amarrações de elásticos acabam reproduzindo a imagem de um material peculiar ao ato da pesca. Constituem-se mais em materiais de pesca do que ferramentas de corte ou armas de defesa. O facão torna-se uma extensão do braço do pescador.

l) Varas de pesca: na maioria dos pontos de pesca e dos ranchos de pesca observou-se a existência de varas de taquara com linhas de diâmetro 30mm a 40mm chumbadas, e anzóis de tamanhos variados. As taquaras são cortadas no tamanho

³⁶ Onça Parda ou Suçuarana (*Felis concolor*), conhecida comumente na região por “leãozinho da cara suja”.

³⁷ Bainha: estojo ou suporte de couro ou outro material sintético utilizado para acondicionar e transportar armas brancas.

desejado pelo pescador, variando de 1,5m a 2,5 metros de comprimento. As varas usadas na pesca do bagre têm pontas mais resistentes para evitar a quebra. É comum que as varas sejam deixadas nos ranchos de pesca, soltas ou amarradas em feixes ou, ainda, encostadas nas paredes ou colocadas em suportes específicos (figura 16). Também se observou o uso de varas de material industrializado, principalmente feitas de fibras de carbono e de outros compostos. Algumas são usadas com molinete na pesca de bagres e traíras. No acampamento da Família Kingeski os pescadores plantaram algumas mudas de bambusóides com a finalidade de extração das varas para a pesca.

FIGURA 20 — Varas de pesca e suportes de parede para varas



Foto (esquerda) — Feixe de varas encostado em uma árvore no acampamento do “Seu Dorico”. Foto (direita) — Suportes para guardar varas de pesca confeccionados em duas forquilhas cortadas, no rancho da “Família Kingeski”.

Fonte: O autor

m) Tarimbas: no acampamento na propriedade da família Moro (Rio Jotuva), coordenadas geográficas 24°57’54” S e 49°58’59”O, observou-se a existência de uma tarimba³⁸ (figura 21) usada como banco e como cama. O local onde está construído o rancho, pela vegetação herbácea e arbustiva densa, é propício à

³⁸ Tarimba é um estrado de madeira, plano e duro, com a função de cama. Pode ser confeccionado com tábuas ou varas cortadas da vegetação local.

existência de animais peçonhentos, principalmente cobras, daí a necessidade de proteção contra esses animais.

FIGURA 21 — Tarimba de madeira



Tarimba de madeira construída com tábuas.
Fonte: O autor

A existência de todos esses artefatos remete à necessidade que os pescadores têm em reproduzir na barranca do rio os mesmo itens de sua vida diária. A reprodução de um mínimo de conforto está visível na confecção dos artefatos, como os bancos de madeira e as tarimbas. Alguns desses artefatos acabam possuindo um valor maior se analisarmos a sua importância no contexto da atividade da pesca de lazer. Os ranchos, por sua localização e representação da estrutura das casas, é o ponto de referência e o local onde são armazenadas todas as tralhas e apetrechos da atividade da pesca. Neles o pescador passa boa parte do tempo destinado à pesca. É o local de preparo da alimentação e de descanso.

Da mesma forma, a fogueira é o ícone entre os geossímbolos por ser o espaço onde há o intercâmbio de informações e de socialização, quer seja pelo

preparo dos alimentos, quer seja pelas histórias e casos comentados e transmitidos entre os componentes do grupo. É nesse espaço que os pescadores se reúnem para degustar o café da manhã, saborear um churrasco e tomar a costumeira cerveja. As conversas, via de regra, estão relacionadas aos peixes capturados, aos pesqueiros de maior produtividade, aos “peixões” que conseguiram escapar ou que foram capturados, os causos de “visagens”³⁹ entre outros. Os assuntos na roda de conversa podem versar sobre diferentes aspectos, mas sempre será o elo de união dos componentes do grupo.

Outros geossímbolos importantes nessa relação são as pinguelas e os carreiros, por se constituírem nas vias de acesso aos ranchos e acampamentos, e a ligação aos diversos pontos de pesca ao longo das margens dos rios da área de estudo. Quer seja através dos ranchos, das fogueiras e dos carreiros/pinguelas os geossímbolos representam e reafirma a identidade do pescador de lazer. A sua visão de mundo e de vida estão representados nesses geossímbolos.

4.3 O PERFIL SOCIOECONÔMICO E A PERCEPÇÃO DIFERENCIADA DA PAISAGEM FLUVIAL EM RELAÇÃO À ORIGEM DOS PESCADORES QUE FREQUENTAM O RP-RJ

Para responder a um dos objetivos operacionais que embasaram esta pesquisa, e como forma de comparação das percepções entre os pescadores locais e os pescadores de origem urbana, aplicou-se dois questionários nos períodos entre 2011 e 2013. O primeiro questionário (anexo 1), ainda na fase de estruturação da dissertação, quando da elaboração de um artigo científico sobre o mesmo tema desta pesquisa, foi aplicado entre setembro de 2011 e fevereiro de 2012. O segundo questionário (apêndice A) foi aplicado durante o ano de 2012 e início de 2013, em alguns momentos de contato com os pescadores que frequentam os acampamentos e ranchos de pesca do RP-RJ, buscando determinar o conhecimento ictioecológico dos pescadores locais. Nesse questionário algumas questões relacionam-se às características socioeconômicas dos pescadores e outras versam sobre a percepção individual da paisagem fluvial.

³⁹ As Visagens se constituem em relatos de seres fantasmagóricos avistados pelos pescadores na barranca do rio.

Para a composição do perfil dos pescadores de origem urbana foram entrevistados vinte pescadores em diversos pontos do RP-RJ⁴⁰. Em relação às mesmas questões, usou-se as informações das doze entrevistas com os pescadores residentes locais.

A tabela 5 demonstra as informações que permitem traçar o perfil dos pescadores de origem urbana que frequentam as barrancas dos RP-RJ.

TABELA 4 — PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PESCADORES DE ORIGEM URBANA

Pescador	Sexo	Idade (anos)	Nível de escolaridade	Renda média mensal (salário mínimo)	Cidade de origem	Tempo de pesca RP-RJ
01	M	19	3º Grau	02	Ponta Grossa	N.I.*
02	M	36	2º Grau	02	Carambeí	20 anos
03	M	40	2º Grau	04	Carambeí	33 anos
04	M	53	1º Grau	Mais de 04	Ponta Grossa	40 anos
05	M	61	1º Grau	02	Ponta Grossa	1ª vez
06	M	33	1º Grau	04	Ponta Grossa	06 anos
07	M	51	3º Grau	04	Ponta Grossa	40 anos
08	M	49	1º Grau	02	Castro	11 anos
09	M	47	2º Grau	04	Ponta Grossa	35 anos
10	M	23	3º Grau	N.I.*	Ponta Grossa	12 anos
11	M	39	2º Grau	04	Ponta Grossa	27 anos
12	M	62	2º Grau	N.I.*	Ponta Grossa	30 anos
13	M	48	1º Grau	02	Ponta Grossa	20 anos
14	M	46	1º Grau	02	Ponta Grossa	20 anos
15	M	68	1º Grau	04	Carambeí	01 ano
16	M	37	2º Grau	04	Ponta Grossa	15 anos
17	M	53	2º Grau	04	Ponta Grossa	31 anos
18	M	51	2º Grau	04	Ponta Grossa	35 anos
19	M	53	2º Grau	04	Ponta Grossa	05 anos
20	F	41	1º Grau	01	Carambeí	15 anos

N.I.* — Não Informado

Fonte: O autor

A tabela 5 retrata as informações dos pescadores que residem nas fazendas nas áreas de pesquisa.

⁴⁰Entre esses locais de maior afluxo de pescadores estão: “Manilha do Jotuva” e “Ronca Porco” no rio Jotuva e “Lago” e “Poço da Lontra” no Rio Pitangui.

**TABELA 5 — PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PESCADORES RESIDENTES
LOCAIS**

Pescador	Sexo	Idade (anos)	Nível de escolaridade	Renda média mensal (salário mínimo)	Cidade de origem	Tempo de pesca RP-RJ
01	M	70	1º Grau	01	Carambeí	50 anos
02	M	38	1º Grau	02	Carambeí	20 anos
03	M	58	1º Grau	01	Carambeí	15 anos
04	M	55	1º Grau	01	Carambeí	40 anos
05	M	48	1º Grau	N.I.*	Carambeí	30 anos
06	M	57	3º grau	Mais de 08	Carambeí	30 anos
07	M	70	2º Grau	03	Carambeí	50 anos
08	M	58	1º Grau	02	Carambeí	40 anos
09	M	64	1º Grau	01	Carambeí	40 anos
10	M	42	1º Grau	02	Carambeí	30 anos
11	M	53	1º Grau	02	Carambeí	39 anos
12	M	59	1º Grau	02	Carambeí	40 anos

N.I. — Não informado

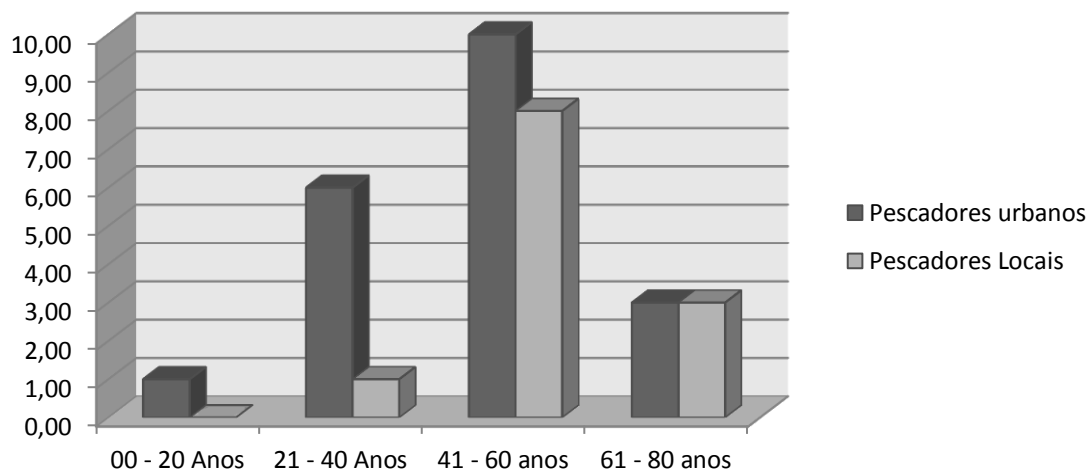
Fonte: O autor

A análise e comparação dos perfis das tabelas, representados pelos gráficos abaixo, indicam diferenças em quase todos os itens expressos:

- Em relação à idade, o grupo de pescadores de origem urbana é formado por indivíduos de várias faixas etárias, variando de jovens com 19 anos a idosos com até 68 anos, predominando nesse grupo a população adulta e masculina⁴¹. O grupo de pescadores residentes locais é formado predominantemente por população com uma faixa etária acima dos quarenta anos de idade e com maior número de idosos (gráfico 1).
- Em relação ao nível de escolaridade no grupo de pescadores de origem urbana 45% possui o segundo grau; 40% cursaram o primeiro grau e apenas 15% possuem o terceiro grau completo. A comparação da escolaridade para os pescadores residentes locais indica uma predominância do primeiro grau (completo ou incompleto) com 83% e o mesmo valor de 8,5% para o segundo e terceiro graus (gráfico 02).

⁴¹ Nas duas sequencias de entrevistada predominância foi para o sexo masculino, sendo entrevistada apenas uma mulher entre os pescadores urbanos e nenhuma entre os pescadores locais.

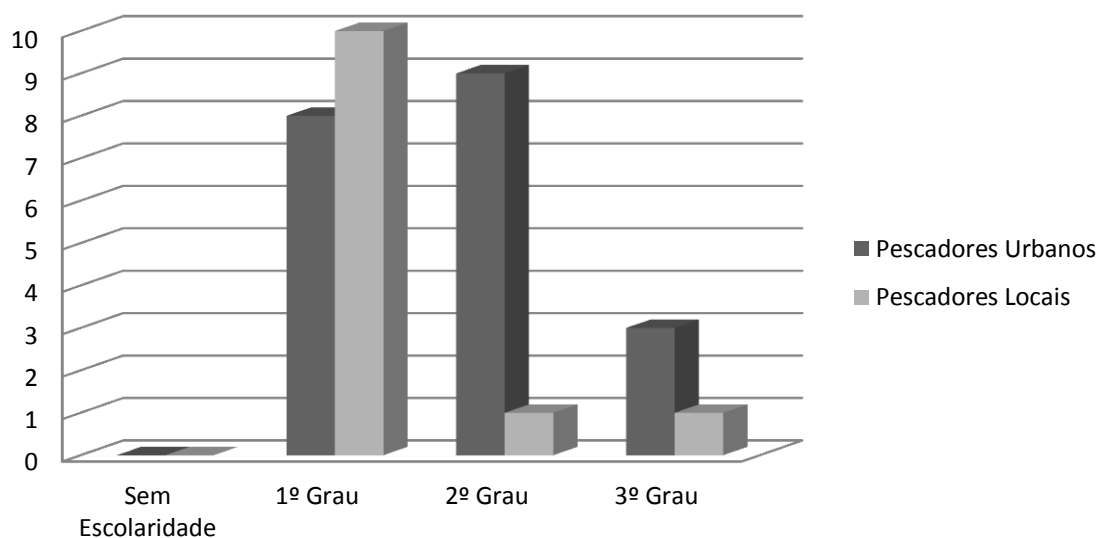
Gráfico 01. Faixas de idades dos grupos de pescadores.



Fonte: O autor

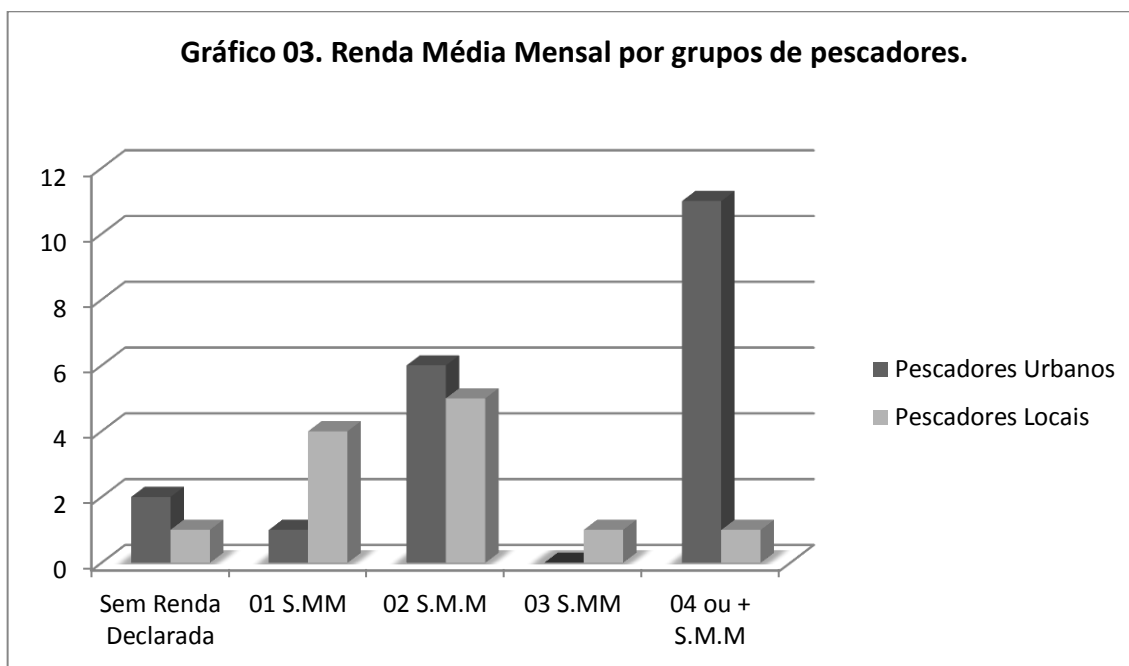
- A renda média mensal varia de 2 a 4 salários mínimos para o grupo de pescadores de origem urbana e para o grupo de residentes locais é de 1 a 2 salários mínimos (gráfico 03).

Gráfico 02. Nível de escolaridade dos grupos de pescadores



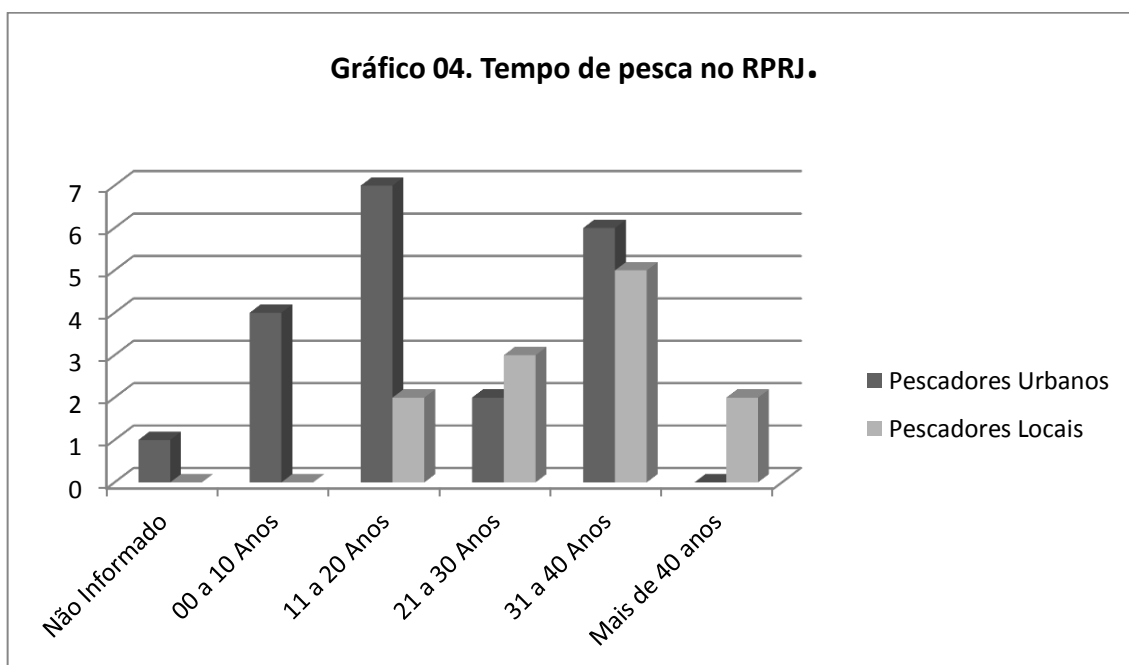
Fonte: O autor

- As cidades de origem dos pescadores urbanos são em ordem de proporção: Ponta Grossa (75%), Carambeí (20%) e Castro (5%).



Fonte: O autor

- Em relação ao tempo de pesca do RP-RJ o primeiro grupo varia de menos de um ano a até 40 anos; enquanto que o segundo grupo tem um tempo de pesca situado entre 30 a 50 anos, com apenas dois valores abaixo de 30 anos (gráfico 4).



Fonte: O autor

A comparação dos perfis dos dois grupos de pescadores que frequentam o RP-RJ demonstra que são grupos heterogêneos nos vários aspectos analisados. Da mesma forma, a percepção da paisagem fluvial e dos aspectos da pesca de lazer

também revelam diferenças significativas. Essa percepção foi obtida e analisada pela formulação de três questões básicas:

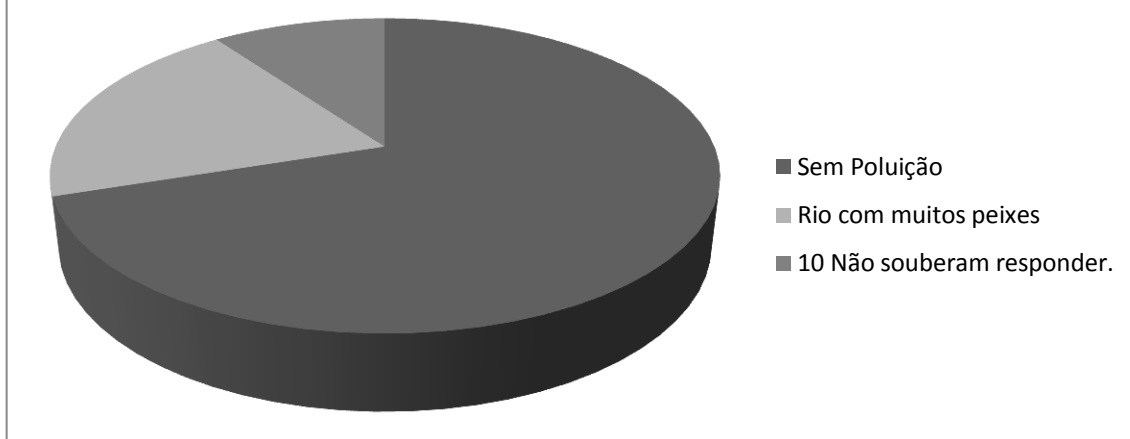
- a) O que o rio Pitangui representa para você enquanto ambiente natural?
- b) O que é um rio bom de pesca?
- c) Quais desses atributos você opta quando escolhe o local para pesca? (facilidade de acesso, tipo das margens, profundidade do leito do rio, existência de árvores frutíferas, piscosidade, indicação por outros pescadores, outro critério e quais).

Em relação à primeira pergunta a maioria dos pescadores de origem urbana respondeu como sendo um local limpo e sem poluição. Para os pescadores residentes locais o RP-RJ representa um espaço de descanso e de prática da pesca e de outras atividades de lazer. Os dois grupos de pescadores têm percepções associadas a aspectos relacionados ao seu modo de vida. Para os pescadores urbanos o contato com o rio remete às questões de local limpo e isento de poluição. O convívio na cidade com os vários problemas ambientais urbanos demanda a necessidade de se buscar locais onde não existam esses problemas. Já o grupo de pescadores locais busca um espaço de lazer onde possam descansar do labor do meio rural.

As respostas do grupo de pescadores de origem urbana em relação um rio bom de pesca estão expressas no gráfico 5.

A preocupação com um ambiente livre de poluição, na maioria das entrevistas, revela a preocupação do entrevistado em demonstrar a relação da inexistência da poluição com a piscosidade dos possíveis locais de pesca. A resposta à mesma questão com o grupo de pescadores residentes locais revela uma despreocupação com a questão ambiental, possivelmente pelo fato de que todos os locais onde foram registrados os pontos de pesca com acampamentos e ranchos estarem pouco alterados pela ação antrópica.

Gráfico 05. Percepção do que é “Um rio bom de pesca”.



Fonte: O autor

As respostas obtidas com o grupo de pescadores de origem urbana para os atributos escolhidos para o local de pesca indicam 28,7% de preferência para as características de piscosidade e 25,7% para a facilidade de acesso ao local. Os demais itens: tipo das margens, profundidade do leito e existência de árvores frutíferas tiveram valores iguais de escolha (12,7%).

Outros 5,6% indicaram a limpeza do local e 1,9% optaram pela época do ano (verão ou inverno). A comparação dos perfis dos pescadores de origem urbana e residentes locais permite afirmar que os dois grupos agem/interagem com a paisagem de acordo com a percepção individual/grupal diferenciadas e, da mesma forma, não sendo iguais aos critérios de escolha dos pontos de pesca e a visão que ambos os grupos possuem da paisagem fluvial do RP-RJ.

4.4 SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO VERNACULAR DA ICTIOFAUNA E DOS AMBIENTES PROPÍCIOS À PESCA

A análise dos resultados proposto no objetivo específico a: “analisar a existência de um provável CET a partir da interpretação da narrativa dos pescadores residentes na área rural” resultou em uma quantidade considerável de informações sobre as espécies existentes e respectivos nomes comuns; seus hábitos e seu habitat confirmando a existência de um corpo de conhecimentos considerável

desses pescadores em relação à pesca enquanto atividade de lazer. Nesse contexto, esses conhecimentos associados à escolha dos locais de construção dos ranchos e acampamentos de pesca e aos artefatos utilizados na pesca e na convivência nesses locais podem ser considerados como próprios do grupo de pescadores residentes locais e, portanto, são aspectos de um conhecimento local.

Os dados da pesquisa obtidos em doze entrevistas revelaram um corpo de conhecimentos considerável sobre as espécies alvo, os locais e períodos de capturas, a nomenclatura comum das espécies, períodos de pesca, migração entre outros. Considerando-se a inexistência de estudos ictiológicos e a etnotaxionômicos relacionados à interação homem/peixes de águas continentais (fluviais) nas sub-bacias em estudo, o presente tópico de pesquisa (texto) propõe uma discussão inicial da etnoictiologia dos pescadores da Bacia do rio Pitangui — sub-bacias dos rios Pitangui e Jotuva, nos municípios de Ponta Grossa, Castro e Carambeí. O objetivo principal é registrar os conhecimentos dos pescadores relacionados com a taxonomia, o comportamento e a ecologia dos peixes e as práticas da pesca amadora na região de pesquisa.

O contato com esses pescadores, nessa etapa da pesquisa, resultou nas informações expressas na tabela 4. Essas informações (dados da pesquisa) foram obtidas por meio de conversas informais (entrevistas abertas) para facilitar a relação com os entrevistados, já que estes temiam que se tratasse de fiscalização do Instituto Ambiental do Paraná ou da Força Verde (Polícia Florestal). Após o contato inicial, superada a desconfiança com os objetivos de pesquisa, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, baseadas em um formulário para a coleta de dados sobre o conhecimento dos pescadores referente à taxonomia e aos nomes vulgares das espécies mostradas em pranchas de imagens, ao comportamento e hábitos alimentares dos peixes, reconhecimento das características físicas dos peixes e à ecologia das espécies de peixes apresentadas, bem como os materiais e práticas da pesca das espécies.

Em relação à aplicação da pesquisa, alguns detalhes dificultaram o seu início, tais como:

- A apresentação das pranchas (6) foi prejudicada inicialmente pela nitidez das imagens, problema corrigido com formatação das imagens (cor, brilho, nitidez) e, também, pela quantidade de espécies apresentadas (reelaboração das pranchas);

- A dificuldade em se encontrar o pescador na margem do rio (horário, tempo e período do ano);
- Pescadores que se mudaram (02) ou que morreram (01);
- Inexistência de pesquisa da ictiologia das espécies existentes nessa área;
- Afirmações de técnicas e práticas utilizadas, especificamente à pesca predatória, não condizem com as afirmações dos pescadores, pois se observa nos acampamentos a existência de redes e tarrafas.

TABELA 6 — CONHECIMENTOS E SABERES DA PESCA DE LAZER

Espécie (nome popular)	Reconhecimento da espécie (nº de reconhecimentos)	Ambiente	Piscosidade	Artefato s/ técnicas	Período da pesca
Astyanax Fasciatus (Lambari do rabo vermelho)	Sim (12)	Em todos os locais do leito do rio	Alta	Linha e anzol	Durante o dia
Rhamdia quelen (Bagre ou Jundiá)	Sim (12)	Poços, margens e todo o leito do rio nos dias de chuva. Margens com capim e em locais de banhado	Alta nos períodos citados	Linha e anzol com chumbada mais pesada	À noite e durante o dia em águas barrentas
Geofagus brasiliensis (Cará ou Acará)	Sim (12)		Média a alta	Linha e anzol	Durante o dia
Hoplias malabaricus (Traíra)	Sim (12)	Vários locais do rio	Baixa	Linha e anzol, na “Batida” ⁴² e com Linhas de mão. Linha e anzol em locais de ceva	Durante o dia em vários períodos
Cyprinus carpio (Carpa)	Sim (9)	Leito e meia-água	baixa		Durante o dia
Astyanax aff. Paranae (Lambari)	Sim (8)	Em todos os locais do leito do rio	Alta	Linha e anzol	Durante o dia
Gymnotus inequilabiatus ou Eigenmannia virescens (Tuvira, Moreninha ou Espadinha).	Sim (8)	Margens com capim, locais com troncos	Muito baixa	Linha e anzol	Durante o dia
Astyanax altiparanae (Lambari relógio)	Sim (7)	Em todos os locais do leito do	Alta	Linha e anzol	Durante o dia

⁴² “Na batida”: técnica de pesca que consiste em se fazer barulho com a isca na superfície da água para incitar o senso de agressividade e de defesa territorial da Traíra.

Trychomycterus Diabolus (guasca)	Sim (06)	rio Troncos, pedras, leito.	Baixa	Linha e anzol	Águas barrentas e a noite
Hypostomus regani (Cascudo)	Sim (5)	Locais com pedras e galhadas Locais com	Baixa	Redes de espera	À noite, em redes de espera.
Oligosarcus paranensis (Saicanga)	Sim (3) (*)	troncos e pedras; locais de águas correntes.	Baixa	Linha e anzol	Durante o dia
Trychomycterus sp. (Guasca)	Confusão com espécie anterior (2)	Troncos, pedras, leito.	Baixa	Linha e anzol	Águas barrentas e a noite
Hypostomus albopunctatus (Cascudo)	Sim (confusão com a espécie anterior) - (1)	Locais com pedras e galhadas	Baixa	Redes de espera	À noite em redes de espera
Oreochromis niloticus (Tilápia)	Sim (rara) - (1)	Sem local específico	Muito baixa	Linha e anzol	Durante o dia
Imparfinis schubarti (Bagrinho)	Não	-	-	-	-

(*) Nome popular é Saicanga (não reconhecido pelos pescadores).

Fonte: O autor

As informações obtidas com a pesquisa, retratadas na tabela 6, demonstram que:

a) Os pescadores do rio Pitangui reconhecem 14 espécies existentes na área de pesquisa (12 apresentadas nas pranchas e mais duas citadas — Curimba e Tuvira). Duas não são indicadas como existentes nas áreas de pesquisa (peixes 2 e 5);

b) Os pescadores relacionam o período de maior produtividade da pesca com os períodos diurnos e noturnos; com a estação do ano (verão); épocas de chuvas e com o período da piracema;

c) A existência de outras espécies não apresentadas nas pranchas de pesquisa;

d) Necessidade de realização de pesquisas sobre o período da Piracema e movimento migratório dos peixes;

e) O reconhecimento dos peixes é feito apenas pelo nome popular. Existem vários nomes dados a uma mesma espécie. Como exemplo cita-se os termos “tarrasquinha”, “riata” ou “arriata” e “cambeva” ou “cambeba” para a espécie

Trychomycterus diabolus (guasca). Também houve a indicação de outro peixe como sendo a guasca. O termo guasca foi negado por alguns pescadores e as afirmações para esse nome comum fazem referencia a provável espécie *Imparfinis aff. borodini* (bagrinho). Segundo um dos pescadores entrevistados (Pescador Jauri) “a guasca é mais comprida e parecida com o bagrinho! Ela é comprida e maior que essa da imagem e deve ter uns 20 centímetros de comprimento ou mais”. Também o uso do termo enguia para o peixe guasca, quando essa denominação deve ser feita para a espécie *Synbranchus marmoratus*, também denominada comumente de muçum.

f) Na diferenciação das espécies semelhantes (lambaris) há referências como sendo uma única espécie, como no caso das espécies de lambari: *Astyanax altiparanae*, *Astyanax fasciatus* e *Astyanax aff. paranae* foram citados como “lambari relógio”. Da mesma forma a espécie *Oligosarcus paranensis* (Saicanga) foi citada como “lambari” ou “lambari — saicanga”. O termo lambari é usado para designar subespécies ou outras espécies com aspectos visuais semelhantes (peixes pequenos de escamas). Também houve a citação do termo guaru para lambaris de pequeno porte. Nas palavras do pescador Edmilson (53 anos) “Nós pescamos muitos guarus nesse local” (rio Jotuva). O termo comum guaru é relacionado na nomenclatura científica como da espécie *Phalloceros cf. harpagos*.

g) Outra constatação é da proliferação de caranguejos de água doce (Crustácea: Decapoda: Brachyura), espécie não identificada cientificamente nessa pesquisa. Os pescadores afirmaram que o caranguejo existe em quantidade no inverno e em outras épocas do ano. Segundo o pescador João, “Se você for pescar no inverno só vai pegar caranguejo! Esse bicho dá como praga no rio! Dificultam a pescaria”. Não informaram o que fazem com o caranguejo que capturam na linha.

h) Na relação da pesca do bagre com a captura accidental dos caranguejos, os pescadores demonstram conhecimento da cadeia alimentar: “Os bagres são peixes de fundo. São ‘porcos do rio’, pois comem de tudo”. Comem caranguejos. Os caranguejos também comem os peixes fisgados ou presos em redes. Outras referências da cadeia alimentar são relatadas na pesca da traíra e do lambari: “as traíras se alimentam de outros peixes, principalmente de lambaris”. Também que “os lambaris comem até as ovas de outros peixes”. Nessas afirmações percebe-se um conhecimento básico da cadeia alimentar em relação aos peixes e outros organismos aquáticos, especificamente o caranguejo.

i) Os conhecimentos da pesca são associados à profundidade do leito do rio (“poços”) e às condições de turbidez da água (águas barrentas) e a existência de vegetação aquática e locais associados ao ambiente fluvial, como lagoas em meandros do rio e banhados (áreas alagadas permanentes); aos locais com pedras ou “pedreiras” indicando um conhecimento elementar dos atributos físicos da paisagem às suas influências no ato da pesca;

j) Na relação da pesca com o tamanho das espécies capturadas, as indicações são de exemplares maiores no verão, geralmente não ultrapassando 1,5 quilos de peso para bagres e traíras. No inverno há poucas capturas, todos de peixes pequenos, com a citação do pescador João: “Você só vai pegar peixinhos desse tamanho (pequenos). Não dá peixe nessa época! É perda de tempo pescar”.

k) Em relação à diferenciação entre machos e fêmeas, a maioria das respostas foi baseada em o peixe estar com ovos ou não. Algumas controvérsias dão conta a ideia de que os machos também possuem ovos. Uma questão interessante foi o questionamento do pescador Luiz (70 anos) ao pesquisador: “Como você explica que entre sessenta lambaris capturados, todos sejam fêmeas, já que estão ovadas, e não se capture nenhum macho? Qual é a explicação científica para esse fato?”. Outra questão feita pelo mesmo pescador: “Como uma lagoa isolada e sem ter sido povoada por alguém pode depois de algum tempo ter peixes, principalmente traíras?”. Estas duas questões demonstram que os pescadores associam aspectos da pesca a questões mais amplas.

l) Com relação aos ambientes de capturas os pescadores indicaram: “a traíra se pesca nos capinzieros”. “A Traíra (*Hoplias malabaricus*) se pesca nos capinzieros”. “O cará (*Geofagus brasiliensis*) é pescado nas margens e em banhados ou locais com vegetação aquática”; “a carpa (*Ciprinus carpus*) é pescada em locais de ceva com massas preparadas com substâncias que dão um ‘cheirinho na massa’ o que atrai as carpas”. Segundo esse mesmo pescador, a maior carpa pescada nesse sistema chegou a 20 quilos. Outro pescador confirmou esse relato afirmando a captura de espécie com 17 quilos. Essas carpas segundo esses pescadores sobem o rio no verão e são frequentes em outras épocas do ano.

m) As afirmações sobre os artefatos utilizados demonstram uma preocupação com a pesca ilegal, isto é, não se fazem referências desses apetrechos nas respostas dos entrevistados. Uma simples visita aos locais de acampamentos

permite constatar que há uso de redes e tarrafas. Existe uma preocupação em afirmar que não se pesca com material predatório. A prática contradiz as afirmações.

Em algumas indagações dos pescadores fica demonstrado o receio de que o pesquisador possa delatar os pescadores pelas práticas ilegais. Isso está explícito em algumas falas:

- Pescador João: “Você não vai contar aos florestais?”;
- Pescador Antonio: “A fiscalização não pode saber disso!”;
- Pescador Jauri: “Não divulgue essas fotos que mostram que cortamos as árvores para construir o rancho”.

A metodologia aplicada, baseada no questionário e na prancha de imagens e a não determinação exata do universo dos pescadores residentes locais são fatores limitantes da pesquisa, os quais indicam a necessidade de estudos mais aprofundados para a determinação da existência ou não de um saber vernacular desses sujeitos da pesca de lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a redação dessa dissertação, cumpre destacar que no percurso da pesquisa alguns aspectos foram satisfatórios e que outros ainda necessitam de maior aprofundamento e uma nova metodologia na abordagem dos sujeitos da pesca.

Dentre os aspectos satisfatórios da pesquisa destaca-se a receptividade dos pescadores e a participação efetiva na pesquisa, quer seja respondendo o questionário com a prancha de imagens, como na permissão para entrar nos acampamentos e fotografa-los e na observação de alguns momentos da pesca.

Os pontos que demandam uma nova abordagem metodológica relacionam-se às respostas evasivas e a preocupação em afirmar a não existência de práticas predatórias nas ações dos entrevistados e a não permissão às solicitações para acompanhar e observar as pescarias quando os pescadores permanecem nos acampamentos por mais de um período diário, dificultando dessa forma cumprir todos os objetivos da pesquisa.

Neste epílogo fica a sensação do trabalho realizado e da frustração em não ter conseguido responder a tudo que se propôs, ainda que o caminho trilhado possibilite a retomada da pesquisa e a análise mais detalhada dos componentes da pesca vernacular nessa região em um futuro trabalho de pesquisa.

Na sequência destacamos outras considerações que julgamos pertinentes e complementares ao trabalho realizado.

Acreditamos que pesca de lazer deve ser compreendida a partir das relações do praticante (pescador amador) com a paisagem fluvial; entendendo a paisagem fluvial mais que um espaço de lazer, como um local de produção/reprodução de conhecimentos, de introspecção e de socialização; onde se vive e se vê o mundo a partir do olhar de quem pesca. A percepção da paisagem fluvial é uma atividade responsável pela produção cultural e de saberes vernaculares. É o lugar onde os diversos sujeitos, pescadores e demais usuários da barranca do rio, convivem num mesmo espaço, produzindo e compartilhando práticas e valores sociais.

Os produtos da relação entre pescadores e seu território de pesca — sintetizados nos geossímbolos da pesca vernacular — e materializados em artefatos, itinerários técnicos, arquitetura dos ranchos e acampamentos de pesca,

demonstram que a pesca vernacular é uma fonte de conhecimentos daqueles que estão em contato direto com a paisagem fluvial.

O pescador amador, relegado e esquecido nas estatísticas oficiais, é conhecedor dos ritmos das águas, das espécies de peixes e árvores e do habitat mais propícios a cada espécie de peixe. Seus acampamentos de pesca e os artefatos utilizados nos ranchos ou na captura dos peixes refletem a criatividade e o uso dos materiais de que dispõe o pescador no momento. É uma engenhosidade simples que dá suporte à atividade de lazer, permitindo um mínimo de conforto na barranca do rio.

Compreender a interação pescador/paisagem fluvial é um campo de pesquisa ainda a ser estudado. Este levantamento procurou demonstrar a possibilidade de se incluir o pescador amador na mesma categoria dos pescadores artesanais e profissionais, estudados e descritos em muitas pesquisas no território nacional.

Mais que uma atividade de lazer, a pesca amadora é parte da cultura nacional, sendo comum a associação dessa prática à relação de paz e tranquilidade quando da expressão: “Tá nervoso, vá pescar!”. Transposta ao universo dessa pesquisa, a expressão mais adequada seria: “Está cansado da lida diária, vá pescar!”. Assim, refletindo aspectos diários da vida nas áreas rurais e a necessidade de entretenimento, a pesca torna-se uma atividade imprescindível ao trabalhador rural.

As pesca de lazer/vernacular sendo um importante aspecto da vida rural e rico em representações sociais e culturais caracteriza o modo simples de viver na área rural. Neste sentido, esta atividade necessita de ações governamentais para que não seja apenas parte da memória da sociedade. Várias são as determinantes que podem contribuir no sentido do rompimento e da desagregação dos valores criados e reproduzidos nas barrancas do rio. A criação do PNCG é o fator de maior impacto em curto prazo. Sua implantação definitiva poderá ser determinante e impedir e/ou proibir parcial ou totalmente a pesca em toda a área do parque. Estudar os aspectos da pesca vernacular se faz imprescindível no atual contexto. O registro dessa atividade pode ser o único documento de uma prática a caminho de ser extinta.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Do setor ao território: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. **IPEA**, (Texto para Discussão), São Paulo/Rio de Janeiro, nº 702, 2000, 33 p.
- AGIER, Michel. Lugares e redes: as mediações da cultura urbana. In: NIEMEYER, A. M.; GODOI, E. P. (orgs.) **Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos**. Campinas: Mercado das Letras, 1998, p. 41-64.
- ALMEIDA, C. G. **Análise espacial dos fragmentos florestais na área do Parque Nacional dos Campos Gerais, Paraná**. 2008. 72 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) — Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.
- ALMEIDA, M. G. **Diversidades Paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo**. In: ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H.C. (Orgs.). *Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares*. Goiânia: Editora Vieira, 2008. 313 p.
- AMOROSO, M. C. M.; VIERTLER, R. B. **A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados em Etnobiologia e etnoecologia**. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F.P.; DA CUNHA, L. V. F. C. (Organizadores). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife, PE: NUPPEA, 2010. (Coleção estudos & avanços).
- ANDREOLI, V. M. **Diálogos entre os conhecimentos tradicionais e as práticas conservacionistas da natureza: uma possível abordagem**. I Seminário Nacional Sociologia & Política, UFPR (2009). Disponível em: <[www.humanas.ufpr.br/evento/Sociologia Política](http://www.humanas.ufpr.br/evento/Sociologia%20Política)>. Acesso em 13 jan. 2013.
- BACHELARD, Gaston. **La poétique de l'espace**. Paris: P. U. F., 1957.
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1993.
- BAILEY, K. D. *Methods of social research*. London: The Free Press, 1987.
- BAUMAN, Z. **Modernidad líquida**. 6. ed., Buenos Aires: Grafimor S. A., Fondo de Cultura Económica, 2002. 260 p.
- BEGOSSI, A; SILVA; A. L. **Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: Hucitec, 2004. 332 p, il.
- BONNEMAISON, J. (2002). Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia Cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: UERJ.
- CANDIOTTO, L. Z. P.; CORRÊA, W. K. Ruralidades, urbanidades e a tecnicização do rural no contexto do debate cidade-campo. In: **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de**

geografia agrária. v.3, n. 5, p. 214-242, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.campoterritorio.ig.ufu.br>>. Acesso em 25 nov. 2012.

CARDOSO, E.S. **Pescadores artesanais: natureza, território, movimento social**. Tese, USP/FFLCH. São Paulo, 2001. 143 p. il.

CAVALCANTI, L. S. Geografia. **Escola e construção de conhecimentos**. Campinas- SP, ED.2006.

CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de sistemas ambientais**. São Paulo: Edgar Blücher, 1998.

CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. Tradução: Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

DIEGUES A.C. **Pesca e marginalização no litoral paulista**. 1973. 187 f. Dissertação (Mestrado) - NUPAUB; CEMAR, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973.

_____. **Povos e mares: leituras em socio-antropologia marítima**. Diegues, A.C.S. (Org.). São Paulo: NUPAUB-USP. 1995. 260p.

_____. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec / Núcleo de Apoio à pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000.

_____. **Saberes tradicionais e etnoconservação**, in: DIEGUES; A. C. S.; VIANA, V. (Orgs.). Comunidades Tradicionais e Manejos dos Recursos Naturais da Mata Atlântica. São Paulo: Hucitec, Nupaub/Cec, 2004.

EMBRAPA. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. 2ª edição, Setembro de 2009. 397 p.

ESTEVES, K. E. & ARANHA, J. M. R. 1999. **Ecologia Trófica de peixes de riacho**. IN: CARAMASCHI, E.P. *et al* (org.). Ecologia de peixes de riachos. Série Oecologia Brasiliensis, vol. VI. PPGE-UFRJ, Rio de Janeiro, p. 157-182.

FARACO L. F. D. Apontamentos sugeridos à qualificação de Mestrado de C. R. Scheibel em 13/09/2012.

FERRARA L. D. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

FERREIRA, C. P. **Percepção Ambiental na Estação Ecológica de Juréia-Itatins**. São Paulo/SP, 2005, p.114. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo.

FLORIANI, N. **Saberes e práticas de territórios agroecológicos**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011. 362 p.; il.

FREIRE, K. M. F.; MACHADO, M. L.; CREPALDI, D. **Overview of Inland Recreational Fisheries in Brazil. Fisheries.** Vol. 37, Nº 11, November 2012. Disponível em: <<http://fisheries.org/>>. Acesso em 17 nov.2012.

GARCEZ, D. S. 2000. **A pesca dos ribeirinhos em ambientes de várzea de uso comum, Baixo Solimões, Amazônia Central.** Dissertação de mestrado. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia — INPA/ Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Amazonas ,AM.

GEALH, A. M.; MELO, M. S.; MORO, R.S (Orgs.). **Pitangui, rio de contrastes: seus lugares, seus peixes, sua gente.** Ponta Grossa. Ed UEPG, 2010. 199 p.: il.

GOMES, M. F. V. B. **Trajetória Ambiental de Guarapuava: leituras da paisagem.** Tese (doutorado) — Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia — Presidente Prudente: [s.n], 2009. 352 f.

GUERRA, A. J. T.; MARÇAL, M. S. **Geomorfologia ambiental.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

IBAMA: **Instituto Brasileiro do meio Ambiente e dos Recursos naturais Renováveis.** Portaria Nº 4, de 19 de março de 2009. Disponível em: <<http://www.guiadapesca.com.br/ibama-portaria-042009-normas-pesca-amadora/>>. Acesso em jul. 2012.

_____. **Portaria IBAMA nº 39 de 12/8/2003,** que aprova os formulários de Licença da Pesca Amadora e da Carteira de Identificação do Pescador Amador, Classe Permanente e Especial, e a taxa da Licença para a Pesca Amadora. Disponível em: <<http://www.mpa.gov.br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes>>. Acesso em jun. de 2012.

ICOMOS, **Carta sobre o patrimônio vernacular edificado.** 12ª Assembléia Geral do ICOMOS, México, Outubro de 1999. Disponível em: <<http://www.international.icomos.org/centre-doc-icomos@unesco.org>>. Acesso em 24 out. 2012.

JOHANSEN, E.; PEREIRA, D.; GEALH, A. M. **Histórias de pescadores: resgate histórico da pesca no rio Pitangui.** In: GEALH, A. M.; MELO M. S. e MORO R. S. (org.). Pitangui, rio de contrastes: seus lugares, seus peixes, sua gente. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010. 199 p. il.

LARROSA, J. **Pedagogia profana** — danças piruetas e mascaradas. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LEI Nº 11.959, 29/06/2009. **Código de pesca.** Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/anotada/2904012/lei-11959-09>>. Acesso em ago. 2012.

LINDNER, M. *et al.* **Presença da ruralidade em municípios gaúchos: o exemplo de Silveira Martins, RS.** XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, São Paulo, 2009, pp. 1-15. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Lindner_M.pdf>. Acesso em 12 dez. 2012.

LOPES, K. S. 2011. **Análise preliminar da taxa de mortalidade em tucunarés *Cichla spp.*** (teleostei: cichlidae) submetidos ao sistema pesque-e-solte na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA). Encontro Brasileiro de Ictiologia: Manaus, Amazonas. Disponível em: <http://www.cpap.embrapa.br/pesca/online/PESCA2011_ISINPE.pdf>. Acesso em nov. 2012.

MALDONADO, S. C. **A caminho das pedras: Percepção e utilização do espaço na pesca simples.** In: DIEGUES, A. C. A imagem das águas. São Paulo: Hucitec, NUPAUB/USP, 2000.

_____. **Pescadores do mar.** São Paulo: Ática, 1986.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Avaliação e ações prioritárias para a conservação da bio-diversidade da Mata Atlântica e dos Campos Sulinos.** Brasília: MMA/SBF/CI, 2000, 40p.

MPA – Ministério da pesca e Aquicultura. Instrução Normativa Interministerial 9, de 13 de junho de 2012. Disponível em: <<http://www.brasilpescarias.com.br/noticias/103/nova-regulamentacao-pesca-amadora-13062012.aspx>>. Acesso em ago. 2012.

MPA – Ministério da pesca e Aquicultura. **Pesca – apresentação,** 2010. Disponível em: <<http://www.mpa.gov.br/index.php/pescampa/apresentacao>>. Acesso em nov. 2012.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigação em psicologia social. (Tradução Pedrinho A. Guareschi) 5 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

NASCIMENTO, F. B; SCIFONI, S. **A paisagem cultural como novo paradigma para a proteção: a experiência do Vale do Ribeira - SP.** Revista CPC, São Paulo, n. 10, p. 29-48, maio/out 2010.

NETO, S. L.; MATEUS, L. A. F. **Comparação entre pesca profissional-artesanal e pesca amadora no pantanal de Cáceres, Mato Grosso, Brasil.** B. Inst. Pesca, São Paulo, 35(3): 373 - 387, 2009

NOTIBRAS (2012), Notícias: **Ministério regulamenta pescarias amadoras.** Disponível em: <<http://www.notibras.com.br/site/pt/editorias/brasil/2642>>. Acesso em jun. 2012.

PERES, M. B.; KLIPPEL, S. **A pesca amadora na costa da Plataforma Sul**. In: VOOREN, C.M e KLIPPEL, S. (eds.) Ação para a conservação de tubarões e raias no sul do Brasil. Porto Alegre: Igaré, 2005. 262 p.

PINTO, M. L.C. O rio Tibagi: **Paisagem cultural e geodiversidade**. UEPG. DEGEO. Apresentação em Power Point. 2005. 56 slides.

ROCHA, G. O. R.; AMORAS, I. C. R. O ensino de Geografia e a construção das representações sociais sobre a Amazônia. In: _____. Amazônia. Revista Terra Livre. AGB: Goiânia, ano 22, v.1, n.26, p.143-164. Jan-Jun 2006.

SANT'ANA, D. V. **A pesca amadora em plataformas de pesca do litoral norte do Rio Grande do Sul, Brasil**. Imbé, 2011. Monografia de conclusão de curso. UERGS/UFRGS, 39 p.

Terra Ambiental, **Nota em Blog**, 2012. Disponível em: <http://terraambiental.blogspot.com.br/2012_03_01_archive.html>. Acesso em nov. de 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia — Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980. 290p.

ZANLORENZI, D. **A pesca praticada em cevas de (Mugilidae, Teleostei) na extremidade Oeste da baía de Guaratuba, Paraná, Brasil**. Dissertação de Mestrado, UFPR, Curitiba, 2011. 149 p.

WANDERLEY, M. N. B.. **A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural**. In: ¿Una nueva ruralidad en América Latina? Buenos Aires: CLACSO, 2001. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/coleccion/saladelectura/index.php?a=q&r=1&hs=1&t=0&q=+A+ruralidade+no+Brasil+moderno+Wanderley&j=dl&c=general&fqf=TX&Submit=buscar+en+CLACSO>>. Acesso em 25 nov. 2012.

**APÊNDICE A — FORMULÁRIO DE PESQUISA: PEIXES DO RIO PITANGUI E DO
RIO JOTUVA**

I - Dados gerais

1. Local/Município:		2. Data:
3. Nome/Apelido do entrevistado:		
4. Idade:	5. Profissão:	6. Nível de escolaridade:
7. Onde reside?		
8. Renda Média:		

II – Características Ictiológicas

1. Nome do peixe:	2. Nome popular:
3. Diferenças entre jovens/adultos (S)(N) Qual?.....	
4. Diferenças entre machos/fêmeas? (S)(N) Qual?.....	
5. Hábitat – Fundo () Meia Água() Superfície() Outro() Qual?.....	
6. Alimentação: O que esse peixe come?.....	
7. Comportamento – Hábito: Solitário () Cardume () Outro () Qual?:....	
8. Qual é a técnica que utiliza na captura do peixe?	
9. Existem outras espécies de peixe não mostradas nessas imagens? (S)(N) Qual?.....	

III- Características de percepção da paisagem

1) O que é um rio bom de pesca para você?

2) O que você observa de importante no local para a escolha do ponto de pesca?

APÊNDICE B - PRANCHA 1

PESQUISA SOBRE PEIXES DO RESERVATÓRIO DE ALAGADOS, RIO PITANGUI E RIO JOTUVA

PRANCHA 01 -



PEIXE 01



PEIXE 02

UEPG – Mestrado em Gestão do Território
Pesquisador: Carlos Roberto Scheibel
Orientador: Nicolas Floriani

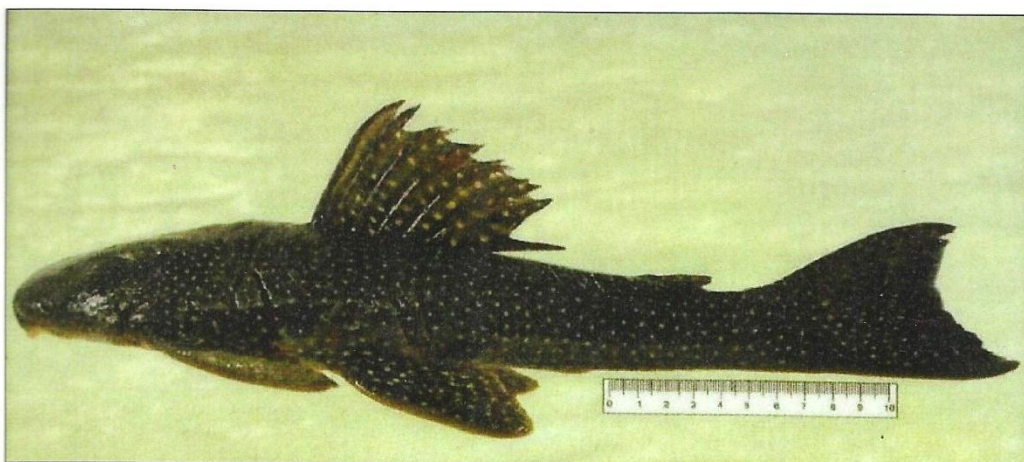
APÊNDICE C – PRANCHA 2

PESQUISA SOBRE PEIXES DO RESERVATÓRIO DE ALAGADOS, RIO PITANGUI E RIO JOTUVA.

PRANCHA 02



PEIXE 03



PEIXE 04

UEPG – Mestrado em Gestão do Território
Pesquisador: Carlos Roberto Scheibel
Orientador: Nicolas Floriani

APÊNDICE D – PRANCHA 3

PESQUISA SOBRE PEIXES DO RESERVATÓRIO DE ALAGADOS, RIO PITANGUI E RIO JOTUVA.

PRANCHA 03



PEIXE 05



PEIXE 06

UEPG – Mestrado em Gestão do Território
Pesquisador: Carlos Roberto Scheibel
Orientador: Nicolas Floriani

APÊNDICE E – PRANCHA 4

PESQUISA SOBRE PEIXES DO RESERVATÓRIO DE ALAGADOS, RIO PITANGUI E RIO JOTUVA.

PRANCHAS 04



PEIXE 07



PEIXE 08

UEPG – Mestrado em Gestão do Território
Pesquisador: Carlos Roberto Scheibel
Orientador: Nicolas Floriani

APÊNDICE F - PRANCHA 5

PESQUISA SOBRE PEIXES DO RESERVATÓRIO DE ALAGADOS, RIO PITANGUI E RIO JOTUVA.

PRANCHA 05



PEIXE 09



PEIXE 10

UEPG – Mestrado em Gestão do Território
Pesquisador: Carlos Roberto Scheibel
Orientador: Nicolas Floriani

APÊNDICE G – PRANCHA 6

PESQUISA SOBRE PEIXES DO RESERVATÓRIO DE ALAGADOS, RIO PITANGUI E RIO JOTUVA.

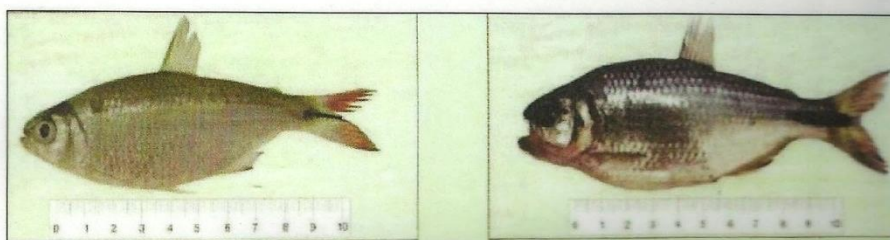
PRANCHA 06



PEIXE 11



PEIXE 12



PEIXE 13

PEIXE 14

UEPG – Mestrado em Gestão do Território
Pesquisador: Carlos Roberto Scheibel
Orientador: Nicolas Fiorani

**APÊNDICE H – DIAGNÓSTICO SOCIOAMBIENTAL DOS USUÁRIOS DO RIO
PITANGUI — RESERVATÓRIO DE ALAGADOS**

Diagnóstico socioambiental dos usuários do Rio Pitangui - Reservatório de Alagados
PARTE I – INFORMAÇÕES PESSOAIS

Nome Completo/Apelido: _____		Endereço Residencial: _____
Município de residência: Ponta Grossa () Castro () Carambei () outro () Qual?.....		
Ocupação/Profissão: _____	Tipo de veículo usado para chegar ao local de pesca/recreação: _____	
Idade: _____ anos	Sexo () MASC () FEM	Nível de Escolaridade - () sem escolaridade () 1º grau () 2º Grau () 3º Grau () Pós-Graduação
Renda () Até R\$500 () de R\$501 a R\$1000 () R\$ 1.001 a R\$ 2.000 () R\$2.001 a R\$ 3.000 () Acima de R\$ 3.001		

PARTE II - PERCEPÇÃO AMBIENTAL

1. Há quanto tempo frequenta/pesca no Rio Pitangui e Represa de Alagados? _____	
2. Costuma ir ao rio Pitangui ou à Represa de Alagados com frequência? () Sim () Não - Quantas vezes ao mês?.....	
3. Quais aspectos da paisagem (margens do rio/represa) você aprecia? Por que? _____	
4. Pratica ou já praticou alguma atividade de lazer ou esportiva no rio Pitangui/Represa de Alagados? () Sim () Não Qual?.....	
5. Se não pratica mais essas atividades de pesca e/ou recreação, quais foram os motivos para não praticá-las? _____	
6. Para você, como deve ser um rio "bom para pesca"? _____	
7. A que motivos você atribui as condições de depredação do rio e de suas margens? _____	
8. Quem é o principal(is) responsável(eis) pelas condições de depredação da paisagem fluvial? _____	
9. Ao visitar rio você coleta o material produzido (lixo)? () Sim () Não	Qual o destino para o lixo coletado? _____

PARTE III - INFORMAÇÕES DA PRÁTICA DA PESCA

Esta sequência deve ser preenchida por quem é pescador ou pesca no rio Pitangui/Represa de Alagados!

1. Você pesca ou é pescador no rio Pitangui? () Sim () Não	2. Sendo pescador, quando foi a sua última pescaria no rio? _____
3. Pesca () Embarcado () Desembarcado	4. Pesca () Sozinho () Acompanhado N° de pescadores.....
5. Pesca com ceva no local? () Sim () Não	6. Acampa no local de pesca? () Sim () Não
Tipo de ceva (material).....	7. Tipo de acampamento () barraca comprada () barraca de lona outra () QUAL?.....
8. Usa iscas naturais coletadas no local de pesca? () Sim () Não	9. Faz fogueira no local? () Sim () Não Tipo de material usado na fogueira: () carvão industrializado () lenha do local () Outro material Qual?.....
Tipo de iscas	Tipo de desenroscadores (descrevê-los): _____
10. Usa ou produz desenroscadores de anzóis? () Sim () Não	
11. Quais critérios você usa ao escolher o local de pesca? () Facilidade de acesso () Tipo de margens () Profundidade do leito () Existência de árvores frutíferas () Conhecimento da piscosidade do local. () Indicação de outros pescadores () Outro Qual?.....	
12. Assinale os apetrechos usados na pescaria! Obs.: pode ser assinalada mais de uma opção! () Vara simples de taquara () vara de fibras(sintéticos) () Vara e molinete () Vara e carretilha () Linha de mão ou linhada () Espinhéis () cestinha para lambaris () varejão para pesca de trairás () Redes e Tarrafas () Covos () Outros Quais?.....	
13. Destino do pescado: () pesca e solta () consumo () outro. Qual? _____	
14. 10. Quais são os seus principais pontos de pesca no Pitangui/Alagados _____	

Autorização: O presente questionário será usado exclusivamente com finalidades de pesquisa e produção de material escrito para o Mestrado em Gestão do Território. Não será publicado o nome do entrevistado, salvo autorização para tal.

Ciente: _____

Fone ou e-mail para contato: _____

Ponta Grossa – 2011/2012.

UEPG - Mestrado em Gestão do Território Mestrando: Carlos Roberto Scheibel - RA: 31110310

**APÊNDICE I — TABELA COM INDICAÇÃO DAS COORDENADAS DOS
ACAMPAMENTOS E RANCHOS DESCRITOS NA PESQUISA**

Ranchos/Acampamentos	Coordenadas Geográficas	Altitude
01	24°56'378"S – 49°55'322"O	957m
02	24°56'380"S – 49°55'327"O	963m
03	24°57'497"s – 49°55'861"O	932m
04	24°57'588"S – 49°56'21"O	941m (*)
05	24°57'588"S – 49°56'21"O	941m (*)
06	24°58'896"S - 49°57'058"O	930m
07	24°59'778"S – 49°57'049"O	944m
08	25°00'854"S – 49°57'517"O	923m
09	25°01'156"S – 49°58'520"O	932m
10	25°00'781"S – 49°57'374"O	926m
11	24°57'549"S – 49°58'593"O	944m
12	24°55'068" S – 49°59'472"O	951m

(*) o mesmo acampamento em dois momentos distintos (2010-2011)

Fonte: O autor

**ANEXO 1 — TERMO DE CONSENTIMENTO PARA A REALIZAÇÃO DA
PESQUISA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente ao projeto/pesquisa: intitulado(a) **Pesquisa sobre peixes e pescadores amadores dos rios Pitangui e Jotuva**, desenvolvida(o) por Carlos Roberto Scheibitz.

Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é coordenada / orientada por Prof. Drº Nicolas Floriani da UEPG. Que poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº 42 32267510 / 99219582 ou e-mail schei@superig.com.br (pesquisador) e orientador: nicolas@uepg.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é: **Fazer um levantamento e análise dos conhecimentos e saberes dos pescadores amadores sobre técnicas de pesca e os peixes dos rios Pitangui e Jotuva.**

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e dos Regulamentos Acadêmicos do mestrado em Gestão do Território da UEPG.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevistas e aplicação de pranchas de identificação dos peixes por fotos e uso de um formulário com 10 questões, a partir da assinatura desta autorização.

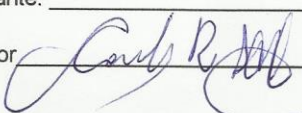
O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu(s) orientador(es) / coordenador(es).

Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

_____, ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do pesquisador:  _____